UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL

VIOLÊNCIA ENTRE PARCEIROS ÍNTIMOS E SUAS RELAÇÕES COM OS GATILHOS DE AGRESSÃO

Tamyres Tomaz Paiva

JOÃO PESSOA

2018

VIOLÊNCIA ENTRE PARCEIROS ÍNTIMOS E SUAS RELAÇÕES COM OS GATILHOS DE AGRESSÃO

Tamyres Tomaz Paiva

Dissertação apresentada como exigência parcial para obtenção do grau de mestre sob orientação do Professor Dr. Carlos Eduardo Pimentel.

.

Universidade Federal da Paraíba

Departamento de Psicologia

Programa de Pós-graduação em Psicologia Social

João Pessoa

P149v Paiva, Tamyres Tomaz.
Violência entre parceiros íntimos e suas relações com os gatilhos de agressão / Tamyres Tomaz Paiva. - João Pessoa, 2018.
195 f. : il.

Orientação: Carlos Eduardo Pimentel.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Psicologia Social. 2. Modelo geral da agressão - GAM. 3. Violência. 4. Fatores pessoais - agressão. 5. Fatores situacionais - agressão. I. Pimentel, Carlos Eduardo. II. Título.

UFPB/BC

VIOLÊNCIA ENTRE PARCEIROS ÍNTIMOS E SUAS RELAÇÕES COM OS GATILHOS DE AGRESSÃO

Tamyres Tomaz Paiva

Banca avaliadora

Prof. Dr. Carlos Eduardo Pimentel (UFPB, Orientador)

Cicero Roberto Pereira (UFPB, Membro interno)

Clênia Maria Toledo de Santana Gonçalves (UFPB, Membro externo)

JOÃO PESSOA

MARÇO DE 2018

“Eu nunca pintei sonhos. Eu pintei minha própria realidade.”

Frida Kahlo

“O ser humano evolui como pessoa nas interações com os outros e com o mundo.”

Carl Rogers

AGRADECIMENTOS

A parte mais linda da dissertação certamente são os dados estarem embasados e coerente, mas a parte mais prazerosa é a dedicatória, pois é quando voltamos a linha do tempo, desde a entrada do mestrado até o final que é a defesa desse ciclo, que para mim representa muito. Lembro-me do dia que fui aprovada, a emoção gerada foi de alegria, os sentimentos não cabiam em mim, esbanjava de sorrisos e alegrias com todos, pois significava um sonho que estava prestes a se realizar. Só Deus sabe o quanto esse mestrado significa e significou para mim.

Quero agradecer primeiramente a Deus por ter me proporcionado viver as experiências que pude. Agradeço a minha mãe, minha base, pois sem ela não teria superado muitas dificuldades, além de representar para mim a força que sempre desejo ter. À minha irmã Renata por sempre está comigo nos momentos mais arduos e braçais, o da digitação dos dados. E sempre me perguntando quando iria acabar a coleta para ela parar de digitar. Agradeço ao Dão (padastro) pelo alimento de todos os dias de casa. Agradeço ao meu namorado por estar comigo nesta fase.

Agradeço ao meu professor e orientador Carlos Eduardo, mais coonhecido como kdu, do mestrado por ter me acompanhado e servido como espelho para mim. Desde a graduação tive a oportunidade de conviver com esse profissional altamente competente e que sempre tirava minha dúvidas em horários comerciais (a partir das 00:00). Sem dúvidas, o melhor orientador, sempre me deixou a vontade para trabalhar com o tema que sempre gostei, me direcionando para colocar variáveis que ssupostamente daria resultado, pois ele já muito embasamento teórico e estatítico.

Agradeço à minha amiga Mari (Mariana dos Santos) por sempre me escutar, uma amiga que conquistei e a mantenho desde a graduação. Sempre leal, com príncipios de amizade inigualáveis. Agradeço a minha amiga Pames (Pâmela Gabriela) pela sua amizade e companherismo, pessoa que posso contar nas horas díficeis. Agradeço a minha amiga Kal (Kaline Lima) por ser essa pessoa linda, inteligente e amiga e que sempre me ajudou nos aperreios das intepretações dos dados

estatísticos, vários prints em horários comerciais dos dados para ela me ajudar. Além disso, o mestrado não foi apenas uma conquista minha, foi a kal que sempre me ajudou, o que considero sempre em dívida com ela, pois passei por que estudei estatística várias horas com ela. Pessoa que considero muito.

E agradeço, as minhas amigas do quarteto fantástico que conquistei no mestrado, mas falar de cada uma é gratificante pois sei que ela são um presente. Tata (Thaís Bezerra) é como uma irmã para mim, desde a graduação, estudamos juntas para a seleção e passamos juntas, olha que maravilha, agradeço imensamente por ser essa pessoa linda de coração bom. Aninha (Ana Cristina) é a pessoa que mais acho parecida, nos aspectos atrapalhados e desastrados da vida, mas é a pessoa mais meiga e gente boa que conheci. E Dinara é a mais racional, a pessoa mais forte que já conheci, mas que tem um coração de manteiga, além de ser gente boa também. Enfim, agradeço a amizade o companheirismo, os almoços, as saídas, as trocas de experiências, agradeço por existirem e entrarem na minha vida.

Agradeço ao grupo formado do professor Kdu, o Laboratório de Psicologia da Mídia (LPM) (Laboratório de Psicologia da Mídia) pois cada um faz parte do meu coração. Agradeço a Tailson pelas aulas em estatísticas e por sempre revisar meus textos, uma pessoa muito gente boa, de coração bom, mas é do dark. Agradeço a Thami (Thamires Alves) minha xará, por sempre me escutar e compartilhar as experiências do mestrado, por termos nos tornados amigas no mestrado. Agradeço a Isa ou Bella (Isabella Silva) por sempre me ajudar na coleta dos meus dados, desde a primeira coleta que ela vêm me ajudando, sem eu nem saber que seríamos amigas de grupo e que continuaria me ajudando, uma pessoa sempre muito ativa, esperta, e que certamente chegará longe. Agradeço a Amanda e Helena pela amizade no grupo e por serem lindas de coração. Enfim, agradeço ao LPM compartilhamento das experiências, compartilhamento, por ser esse grupo coeso e unido.

Não poderia deixar de agradecer a minha psicológa Inaligia Gomes que me acompanhou durante todo esse processo de angústias, sofrimento, alegrias, conquistas. Enfim, agradeço humildemente por sempre me escutar e aceitar incondicionalmente as demandas que eu levava.

Aos meus amigos Diego Monteiro, Paulo Henrique, Marcos Francisco e Allan Guedes, Nelto Almeida agradeço por sempre responderem meus questionários e foram muitos, sem nunca dizer não, por me escutarem falar sobre o mestrado, sobre a vida e perspectivas.

Agradeço a jaque (Jaqueline Gomes) e a Edna por serem lindas, por serem essa pessoa incentivadora, honesta, de coração bom, que me escutou várias vezes, e também pelas trocas de experiências, compartilhamento de perspectivas, enfim agradeço demais a amizade de vocês.

Agradeço ao Professores Cicero e Clênia por terem aceitado avaliar minha dissertação e por sempre serem excelentes profissionais.

Agradeço aos grupo bolsistas capes por sempre responderem meus questionários e por suas opiniões, dúvidas, adição de informações, enfim só tenho a agradecer.

Agradeço ao grupo GRAM que me deu apoio para que eu pesquisasse sobre violência, e por sempre responderem aos meus questionários, principalmente a administradora do grupo Solange Pires, por me deixar experenciar e ver na prática mesmo que de forma virtual, como é a vivência de uma pessoa que sofre a violência. A todas vocês que fazem parte desse grupo lindo, minha gratidão.

Agradeço ao órgão de formento da Capes, pela bolsa dada a mim para execução desse trabalho maravilhoso e que significa mais uma etapa concluída com sucesso.

A todos os paticipantes da minha pesquisa eu agradeço, pois sem vocês não teria dados para serem avaliados.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 15

RESUMO GERAL 16

ABSTRACT 17

Artigo 1 18

REVISÃO LITERÁRIA DAS DEFINIÇÕES DA VIOLÊNCIA 18

Resumo 19

Abstract 20

Introdução 21

Modelo geral da agressão 21

Definições conceituais 24

Categorias de violência 27

Prevalência 30

Referências 32

Artigo 2 37

GÊNERO, BIG FIVE, VALORES E ASSERTIVIDADE COMO PREDITORES DA VIOLÊNCIA 37

Resumo 38

Abstract 39

Introdução 40

Crenças no mundo justo 41

Personalidade 42

Valores 43

Gênero 45

Comportamento assertivo 45

Método 46
Participantes 46
Instrumentos 47
Procedimentos 48
Análise dos dados 49
Resultados 49
Discussão 56
Considerações finais 60
Artigo 3 67
ADAPTAÇÃO E VALIDAÇÃO DA ESCALA DE VIOLÊNCIA ENTRE PARCEIROS ÍNTIMOS: VERSÃO DO VIOLENTADOR 67
Resumo 68
Abstract 69
Introdução 70
Medidas de violência entre parceiros íntimos (VPI) 72
Estudo 1 74
Método 74
Participantes 74
Instrumentos 74
Procedimentos 75
Análise dos dados 75
Resultados 75
Discussão Parcial 79
Estudo 2 80
Método 80
Participantes 80
Instrumentos 80
Procedimentos 80
Análise de dados 81
Resultados 81

Discussão parcial 84
Discussão 85
Referências 87
Artigo 4 91
CONSTRUÇÃO E VALIDAÇÃO DA ESCALA DE VIOLÊNCIA SEXUAL: VERSÃO DO VIOLENTADOR 91
Resumo 92
Abstract 93
Introdução 94
Estudo 1 95
Método 95
Participantes 96
Instrumentos 96
Procedimentos 96
Análise de juizes 96
Análise semântica 97
Análise dos dados 97
Resultados 97
Discussão parcial 99
Estudo 2 99
Método 99
Participantes 99
Instrumentos 100
Procedimentos 100
Análise dos dados 100
Discussão parcial 101
Discussão 101
Referências 103
Artigo 5 105

VIOLÊNCIA ENTRE PARCEIROS ÍNTIMOS E SUA RELAÇÃO COM OS FATORES PESSOAIS 105
Resumo 106
Abstract 107
Introdução 108
Personalidade 109
Crenças 111
Atitudes 114
Valores 116
Método 117
Participantes 117
Instrumentos 118
Procedimentos 120
Análise de dados 120
Resultado 121
Discussão 127
Referências 132
Artigo 6 139
BIG FIVE, DARK TRIAD, AFETOS E A VIOLÊNCIA ENTRE PARCEIROS ÍNTIMOS 139
Resumo 140
Abstract 141
Introdução 142
Personalidade 143
Álcool 144
Afetos 146
Desejabilidade social 147
Método 149
Participantes 149
Instrumentos 149
Procedimentos 151

Análise dos dados 151
Resultados 152
Discussão 162
Referências 165
CONSIDERAÇÕES FINAIS 172
Anexos 174

ÍNDICE DE TABELAS E FIGURAS

Artigo 1 ..... **Erro! Indicador não definido.**
Figura 1. Modelo Geral da Agressão (GAM), traduzido de Anderson e Bushman (2002) 23
Artigo 2 37
Tabela 1. Correlações entre a violência com os fatores pessoais e o comportamento assertivo . 50
Tabela 2. Teste de comparação de médias entre os gêneros masculino e feminino. N=305 51
Tabela 3. Análises de regressão múltipla linear (enter). N=305. 52
Figura 1. Modelo de mediação 1 com efeitos diretos padronizados 53
Figura 2. Modelo de mediação 2 com os efeitos diretos padronizados 54
Figura 3. Modelo de mediação 3 com os efeitos diretos padronizados 55
Artigo 3 66
Figura 1. Gráfico de distribuição dos valores próprios nos possíveis componentes 75
Tabela 1: Comparação do critério de Kaiser e critério de Horn 76
Tabela 2: Estrutura fatorial da escala de violência entre parceiro íntimo (EVPI) 77
Figura 2. Curvas de informação dos 41 itens da escala da EVPI 81
Figura 3. Estrutura fatorial da EVPI 83
Artigo 4 90

Figura 1. Gráfico de distribuição dos valores próprios nos possíveis componentes 97

Tabela 1. Cargas Fatoriais e comunalidades da escala da EVPIS 97

Figura 2. Estrutura fatorial da EVPIS 100

Artigo 5 104

Tabela 1. Média e desvio padrão dos fatores 120

Tabela 2. Correlações dos fatores pessoais com os fatores da violência 123

Tabela 3. Teste de comparação de médias entre os gêneros masculino e feminino (N=164) 125

Tabela 4. Regressão múltipla linear (enter) (N=305) 126

Artigo 6 138

Tabela 1. Média e desvio padrão dos fatores 151

Tabela 2. Correlação dos fatores pessoais, situacionais, afeto, desejabilidade social com os fatores da violência 155

Tabela 3. Regressão múltipla hierárquica (enter) 157

Figura 1. Modelo de mediação 1 com efeitos diretos padronizados 159

Figura 2. Modelo de mediação 2 com os efeitos diretos padronizados 160

Figura 3. Modelo de mediação 3 com os efeitos diretos padronizados 161

APRESENTAÇÃO

Sabe-se que a violência é o foco de diversas pesquisas mundiais e em diversas áreas de conhecimento científico (Lourenço & Baptista, 2013). Estatísticas vêm mostrando que o percentual de violência entre parceiros íntimos faz das mulheres alvo desse comportamento (WHO, 2010). A Organização Mundial de Saúde relata que a cada 10 mulheres 1 pelo menos sofreu algum tipo de violência, seja ela física, moral, patrimonial ou até mesmo psicológica e sexual (WHO, 2010).

A fim de compreender como os fatores do modelo geral da agressão podem predizer o comportamento violento entre parceiro íntimos, este trabalho será dividido em seis artigos e sete estudos. Estes estudos servirão de base para conhecer o fenômeno da violência a fim de poder trabalhar com esses construtos em ambientes clínicos, escolares e jurídicos. O primeiro artigo se refere às definições conceituais acerca da violência no campo da psicologia nas diversas perspectivas, bem como a prevalência da violência. O segundo artigo é um estudo correlacional a respeito do comportamento de violência entre parceiros íntimos, relacionado com os fatores pessoais (sexo, personalidade, crenças, valores) e uma resposta comportamental (assertividade).

O terceiro artigo é uma validação da escala de violência entre parceiros íntimos, versão do violentador. A primeira escala consiste em três fatores: abuso psicológico, físico e controle comportamental. A coleta foi tanto de forma presencial como online através das redes sociais. E o quarto artigo, consite na elaboração e validação de uma escala de violência sexual.

O quinto artigo é um estudo correlacional a respeito dos comportamentos praticados entre parceiros íntimos, relacionando-os com personalidade, crenças, atitudes e valores, coletado de forma online com pessoas que já se relacionaram por no mínimo 2 meses, também se considerou qualquer forma de relacionamento (fica, namoro, noivado, casado). E o sexto artigo é também correlacional a respeito dos comportamentos praticados entre parceiros íntimos, os relacionado com o *big five* e a tríade sombria, atitudes frente ao uso do álcool, frequência do consumo do álcool, afetos e a desejabilidade social.

RESUMO GERAL

O modelo geral da Agressão (GAM) emprega três fatores centrais para se entender o comportamento agressivo: os fatores pessoais e situacionais, as trajetórias internas ou rotas e os fatores de respostas comportamentais. Estes fatores são vistos como necessidades sociais, em que bastam ocorrer uma ameaça ao equilíbrio interno, que as respostas agressivas ou violentas são logo estimuladas. O GAM conceitua a violência entre parceiros íntimos (VPI) como um comportamento intencional que causa danos físicos, sexuais, psicológicos e controle comportamentais. A partir desta definição, foram feitos 7 estudos distribuídos em 6 artigos. Os dados foram analisados pelo programa estatístico IBM SPSS *Statistics* e o AMOS, ambos versão 21 e a linguagem R. O primeiro artigo objetivou analisar a correlação e predição dos fatores comportamentais da violência com os fatores pessoais e o comportamento assertivo. Participaram 305 residentes da cidade da Grande João Pessoa, com idades entre 18 e 56 anos (*M*= 25,29; *DP*= 7,32). Os resultados demonstraram que os fatores da violência foram correlacionados com o gênero, personalidade (agradabilidade, estabilidade emocional e abertura à experiências) e valores (interativo, normativo, suprapessoal, existência e realização). Em adição, encontrou-se através da regressão e mediação que esses fatores podem ter efeitos diretos como indiretos nos comportamentos sofridos de violência entre parceiros íntimos. O segundo artigo, de natureza psicométrica, consistiu na adaptação e validação de uma medida que fosse de comportamentos praticados de violência entre parceiros íntimos. Foram divididos em dois estudos. O primeiro, contou com 280 respondentes residentes do Estado da Paraíba, com idades entre 18 e 58 anos (*M* = 26,83; *DP* = 6,93). A partir da análise dos componentes principais verificaram a existência de 3 fatores (abuso psicológico, físico e controle comportamental), apresentando consistência interna. O segundo estudo, contou-se com 218 participantes, a maioria da região nordeste (52,3%), com idades entre 18 e 60 anos (*M* = 28,59; *DP* = 6,95), e consistiu em uma análise confirmatória apresentando bons índices de ajustes ao modelo, apresentando uma versão mais curta e parcimoniosa da escala. O terceiro artigo consistiu na contrução e validação de uma escala de violência sexual, versão agressor, dividido em dois estudos. O primeiro estudo contou com os mesmos participantes do estudo dois do artigo 2, apresentando a partir da análise dos componentes principais a existência de 1 fator e conssitência interna satisfatória. No segundo estudo, contou-se com 203 respondentes residentes do Estado da Paraíba, com idades entre 18 e 60 anos (*M* = 21,62; *DP* = 5,25), para a verificação da análise confirmatória. Os instrumentos mencionados do artigo 2 e 3 apresentaram propriedades psicométricas satisfatórias, apresentando validade de construto através das análises fatoriais. O quarto artigo, objetivou-se analisar a correlação e predição dos fatores pessoais nos comportamentos de violência. Os resultados demonstraram correlação e predição entre os fatores da personalidade, valores humanos e atitudes implícitas com a violência entre parceiros íntimos. E o quinto artigo, objetivou-se analisar a correlação e predição da violência (abuso físico, psicológico, controle comportamental e sexual) com o fator pessoal (personalidade), fator situacional (uso do álcool) e da rota (afetos). Participaram 411 respondentes, a maioria residente do Estado da Paraíba (69,7%), com idades entre 18 e 60 anos (*M* = 25,22; *DP* = 7,10). Os resultados demonstraram uma correlação significativa entre a violência com a agradabilidade, estabilidade emocional, conscienciosidade, narcisismo, maquiavelismo, psicopatia, afetos positivos e negativos e a frequência do consumo do álcool. Mas apenas os afetos negativos, o maquiavelismo e a psicopatia explicaram a violência entre parceiros íntimos. Portanto, o objetivo da presente dissertação foi cumprido, devendo ponderar os resultados dos estudos, por apresentarem algumas limitações. Incentivam-se novas pesquisas a fim da replicação dos dados.

Palavras-chave: GAM; violência; fatores pessoais; fatores situacionais; rotas.

ABSTRACT

The general Aggression model (GAM) employs three central factors to understand aggressive behavior: personal and situational factors, internal trajectories or routes, and behavioral response factors. These factors are seen as social needs, whereby a threat to internal balance is enough, aggressive or violent responses are soon stimulated. GAM conceptualizes intimate partner violence (IPV) as an intentional behavior that causes physical, sexual, psychological, and behavioral harm. From this definition, 7 studies were distributed in 6 articles. The data were analyzed by the statistical software IBM SPSS Statistics and the AMOS, both version 21 and the R language. The first article aimed to analyze the correlation and prediction of the behavioral factors of the violence with the personal factors and the assertive behavior. A total of 305 residents of the city of Grande João Pessoa, aged between 18 and 56 years (M = 25.29, SD = 7.32) participated. The results showed that the factors of violence were correlated with gender, personality (pleasantness, emotional stability and openness to experiences) and values (interactive, normative, suprapersonal, existence and achievement). In addition, it has been found through regression and mediation that these factors can have direct as indirect effects on the behaviors suffered from intimate partner violence. The second article, of a psychometric nature, consisted in the adaptation and validation of a measure that was of behaviors practiced of violence between intimate partners. They were divided into two studies. The first group had 280 respondents from the State of Paraíba, aged between 18 and 58 years (M = 26.83, SD = 6.93). From the analysis of the main components, there were 3 factors (psychological, physical abuse and behavioral control), showing internal consistency. The second study included 218 participants, the majority of the northeast region (52.3%), aged 18-60 years (M = 28.59; SD = 6.95), and consisted of a confirmatory analysis presenting good indexes of adjustments to the model, presenting a shorter and more parsimonious version of the scale. The third article consisted of the construction and validation of a scale of sexual violence, an aggressor version, divided into two studies. The first study had the same participants in study two of article 2, presenting from the analysis of the main components the existence of 1 factor and satisfactory internal consistency. In the second study, there were 203 resident respondents from the State of Paraíba, aged 18-60 years (M = 21.62; SD = 5.25), to verify the confirmatory analysis. The mentioned instruments of article 2 and 3 presented satisfactory psychometric properties, presenting construct validity through the factorial analyzes. The fourth article aimed to analyze the correlation and prediction of personal factors in violence behaviors. The results showed a correlation and prediction between personality factors, human values and attitudes implied by intimate partner violence. And the fifth article, aimed at analyzing the correlation and prediction of violence (physical, psychological, behavioral and sexual abuse) with the personal factor (personality), situational factor (alcohol use) and route (affections). Participants were 411 respondents, the majority resident in Paraíba State (69.7%), aged between 18 and 60 years (M = 25.22, SD = 7.10). The results showed a significant correlation between violence with pleasantness, emotional stability, conscientiousness, narcissism, Machiavellianism, psychopathy, positive and negative affects and the frequency of alcohol consumption. But only the negative affects, Machiavellianism and psychopathy explained the violence between intimate partners. Therefore, the objective of this dissertation was fulfilled, and the results of the studies should be weighed, as they present some limitations. Further research is encouraged in order to replicate the data.

Key words: GAM; violence; personal factors, situational factors, routes.

Artigo 1

REVISÃO LITERÁRIA DAS DEFINIÇÕES DA VIOLÊNCIA

Tamyres Tomaz Paiva

Universidade Federal da Paraíba

Carlos Eduardo Pimentel

Universidade Federal da Paraíba

Nota dos autores: Este trabalho foi realizado com o apoio da Capes que formentou a bolsa de mestrado para a orientanda.

Resumo

O objetivo deste capítulo é apresentar as diversas definições acerca da violência no campo da psicologia nas perspectivas sociais, saúde pública e evolucionista. Também se pretende diferenciar a violência da agressão, bem como apresentar dados da prevalência da violência no contexto mundial. Sabe-se, numa perpectiva social, que a agressão se refere a qualquer comportamento dirigido a outro indivíduo, com a intenção imediata de causar dano e a violência é um subconjunto da agressão destinada a causar danos extremos, incluindo até danos emocionais e severos. Já em uma perspectiva evolucionista não se encontrou diferenciações entre violência e agressão, a violência é tida como forma de garantir a proteção de sua prole. Tem-se ainda, os fatores (pessoais, situacionais e as rotas) que são preditores da violência entre parceiro íntimo. Ainda foi visto que a maioria dos casos registrados de violência foi praticada por homens com quem as vítimas têm ou tiveram algum vínculo afetivo.

Palavras-chave: Violência; agressão; conceito; GAM.

Abstract

The purpose of this chapter is to present the different definitions of violence in the field of psychology in social perspectives, public health and evolution. It is also intended to differentiate violence from aggression, as well as to present data on the prevalence of violence in the global context. It is known from a social perspective that aggression refers to any behavior directed at another individual with the immediate intention of causing harm, and violence is a subset of aggression designed to cause extreme damage, including even emotional and severe damage. In an evolutionary perspective, no differences were found between violence and aggression, violence is considered as a way to guarantee the protection of their offspring. There are also factors (personal, situational and routes) that are predictors of intimate partner violence. It has also been seen that men with whom the victims have or have had an affective bond have committed the majority of registered cases of violence.

Keywords: Violence; aggression; concept; GAM.

Introdução

Compreender o fenômeno da violência a partir do Modelo Geral da Agressão (GAM) parece ser algo frequente, mas compreender como a interação entre os fatores pessoais, situacionais e as rotas podem desencadear respostas agressivas situadas em meio social, isso é algo que ainda precisa ser enfatizado pela cultura brasileira. Para isso, será apresentado o GAM com seus respectivos fatores, bem como as definições conceituais acerca da violência no campo ds psicologia nas diversas perspectivas.

Modelo geral da agressão

O Modelo Geral da Agressão (GAM) adota várias teorias das décadas de entre 70 e 90, como a teoria da aprendizagem social (Bandura, 1979), a teoria neoassociacionista de Leonard Berkowitz (1989, 1990), a teoria do script de Huesmann (1986, 1998), a teoria da excitação da transferência de Zillmann (1983) e a teoria da interação social de Tedeschi e Felson (1994).

Seguindo esses aportes teóricos, o GAM, exposto como modelo sociocognitivo (Ulloa, Hammett, O'Neal, Lydston & Aramburo, 2016), também começou a ser desenvolvida na década de 1990, formando uma única estrutura integrativa das miniteorias da agressão humana, sendo considerada mais parcimoniosa e explicativa que as demais (Anderson & Bushman, 2002). O GAM fundamenta três estruturas de conhecimento: os esquemas perceptivos, pessoais e scripts comportamentais.

Os esquemas perceptivos são usados para identificar fenômenos simples (cadeira, pessoa) como também complexos (insulto pessoal); os esquemas pessoais incluem as crenças sobre uma pessoa ou um grupo e os scripts comportamentais carregam informações de como as pessoas se comportam em determinadas situações. Esta no que lhe concerne, incluem os afetos para conectar com as experiências, determinando se o que irá prevalecer são os positivos ou negativos (Anderson & Bushman, 2002).

O GAM utiliza das estruturas de conhecimento para se entender a percepção, interpretação, tomada de decisão e ação (Anderson & Bushman, 2002; Kristensen, Lima, Ferlin, Flores, & Hackmann, 2003), empregadas para se entender a agressão (Anderson & Bushman, 2002). Mais detalhadamente, as estruturas de conhecimento podem se desenvolver a partir de experiências; influenciar percepções desde os níveis mais básicos até os mais complexos; automatizar os processos comportamentais; controlar os estados afetivos, comportamentais e crenças; e orientar as interpretações e respostas comportamentais das pessoas no seu meio social (Anderson & Bushman, 2002).

O GAM se concentra em descobrir não só os fatores biológicos ou psicológicos, mas também os ambientais e sociais que influenciam o comportamento agressivo, de modo a tentar reduzir a agressão. Ressalta-se que esses fatores estão diretamente ou indiretamente interligados, nos quais o foco passa a ser a pessoa dentro da situação, e não consiste em fatores isolados, mas um meio de interações sociais que estão sempre em constantes mudanças (Anderson & Bushman, 2002).

Neste sentido, são considerados três fatores centrais: O primeiro são os fatores pessoais e situacionais. Os fatores pessoais (traços de personalidades, sexos, crenças, atitudes, valores, objetivos e scripts), diz respeito às características que uma pessoa traz, podendo estimular buscando tanto estimular ou evitar situações indesejadas; e os fatores situacionais (frustração, provocação, drogas, dor e desconforto) que se refere às condições externas, ao qual exerce influências nas vias cognitivas (Anderson & Bushman, 2002).

O segundo fator são as trajetórias internas ou rotas (afeto, cognição, excitação), ao quais estão ligados aos fatores pessoais e situacionais e influenciam no resultado do comportamento através das sensações criadas da situação, por exemplo, exposição a cenas de filmes violentos podem influenciar na acessibilidade de pensamentos automáticos agressivos (cognição), com o efeito para sentimentos (afeto) hostis com outras pessoas. A excitação pode influenciar energizando ou fortalecendo a tendência da ação dominante, pois, se uma pessoa é provocada ou instigada, pode resultar de uma agressão (Anderson & Bushman, 2002).

E o terceiro fator são as respostas comportamentais decorrentes dos processos de avaliação (imediata ou automática e secundária ou controlada) e decisão (Anderson & Bushman, 2002; Kristensen et. al., 2003; Warburton & Anderson, 2015), aos quais as respostas poderão variar conforme os fatores pessoais e os fatores situacionais, dependendo do estado mental mais acessível e presente no momento (Anderson & Bushman, 2002). Nos processos mais automáticos são rotulados como avaliação, funciona de maneira imediata, isto é, relativamente sem esforço, espontânea e sem consciência. Enquanto os processos controlados são rotulados como reavaliação. Esses processos de avaliação determinam a ação final do episódio, mas passam pelo controle social para se tornarem parte das trajetórias internas (Anderson & Bushman, 2002). Para uma melhor exposição dessas estruturas de conhecimentos, tem-se a **Figura 1** ilustrativa deste modelo.

Figura 1. *Modelo Geral da Agressão (GAM), traduzido de Anderson e Bushman (2002).*

Esses fatores são vistos na psicologia social como necessidades sociais. Essas necessidades podem estimular as pessoas a quererem se ver positivamente (autoestima) e acreditarem que os outros os veem de maneira também positiva (estima social), acreditando que o mundo é um lugar

justo, e que eles pertecem a um grupo que os veem de maneira positiva (Anderson & Bushman, 2002).

Quando acontece uma ameaça a uma necessidade, as respostas agressivas são facilmente alertadas (Anderson & Bushman, 2002; Warburton & Anderson, 2015). Por isso, é necessário entender quais fatores são mais predipostos a respostas agressivas, já que esses fatores em contato com o meio social podem desencadear respostas automáticas que prejudiquem o bem estar do indivíduo (Warburton & Anderson, 2015).

A interação dos fatores, por exemplo, as crenças (fator pessoal) que legitimam a aprovação do uso da violência (Félix, 2012) em interação com a provocação (fator situacional), ajuda a atribuir a culpa a quem sofreu a violência (Warburton & Anderson, 2015) em consonância com a cognição (pensamento distorcido), levam o indivíduo a permanecer em um relacionamento abusivo ou a agredir o parceiro. Este modelo é classificado como cíclico na medida em que os resultados finais dos processos de decisão podem servir de entrada, ou como um recomeço para um próximo episódio agressivo (Chaves, 2006).

Diante disso, os fatores do GAM vêm sendo comumente pesquisados na psicologia social corroborando com o modelo explicativo proposto por Anderson e Bushman (2002). Estudos mostram evidências do modelo em diversos âmbitos, como: violência entre parceiros íntimos (Warburton & Anderson, 2015; Paiva, Pimentel, & Moura, 2016), exposição da mídia em jovens (Anderson et. al., 2003) uso e exposição a jogos (Bushman & Anderson, 2002) ou até mesmo usado para se entender apenas um micro elemento desse modelo como é o caso da personalidade (Barlett & Anderson, 2012; Cavalcanti & Pimentel, 2016).

Definições conceituais

A violência e a agressão são foco de diversas pesquisas mundiais e em áreas de conhecimento científico (Lourenço & Baptista, 2013). No cenário atual, a violência é um problema de saúde pública (Krug, Mercy, Dahlberg, & Zwi, 2002) e um fenômeno social presente em qualquer

sociedade desde as mais primitivas até as mais complexas (WHO, 2002). Por isso, devem-se olhar mais detalhadamente as consequências que tanto podem ser visíveis (consequências físicas) ao olhar humano, como serem invisíveis (consequências psicológicas) da sociedade (Krug et. al., 2002).

Existem pesquisadores que tanto distingue a agressão da violência, como também usam como agrupadas entre si, formando um único ato. Neste sentido, não existe um consenso quanto à definição do termo agressão e pode ser facilmente confundida ou usada como sinônimo de violência (Gouveia, Santos, & Lobo, 2016; Lourenço & Baptista, 2013).

Outros pesquisadores diferenciam a violência da agressão, afirmando que a agressão é um conjunto de comportamentos intencionais cujo objetivo é causar dor física (Aronson, Wilson, & Akert, 2015), variando de intensidade de leve (verbalizações agressivas) a extremo (a morte) (Warburton & Anderson, 2015). Esta definição é compartilhada por Anderson e Bushman (2002) definindo a agressão como qualquer comportamento dirigido a outro indivíduo, com a intenção imediata de causar dano.

Seguindo os aportes de Anderson e Bushman (2002), Aronson, Wilson e Akert (2015) e Myers (2014), a agressão pode ser distinguida em duas: Agressão hostil, que tem origem nos sentimentos de raiva e cujo o objetivo é causar dor ou ferimento, sendo historicamente concebida como sendo impulsiva, irrefletida (isto é, não planejado), e a agressão instrumental é a forma de conseguir algo que não seja necessariamente a dor física, é um meio premeditado de obter algum objetivo.

Por exemplo, uma pessoa que vai ao dentista e sofre a dor de um dente, este comportamento não é visto como agressivo, pois o indivíduo não estava com intenção de prejudicar a saúde e o bem-estar do outro indivíduo e não possui o ato de evitação da vítima. O que é diferente de uma criança que empurra outra criança fora de um triciclo para poder ficar nele, neste caso houve a agressão por ser intencional, mas não houve a violência, pois não houve um dano considerado grave que exija atenção médica ou terapêutica (Anderson & Bushman, 2002).

Uma definição clara e precisa compreende elementos que classificam se é agressão ou violência. A definição de violência deve ser capaz de explicar a exclusão de comportamentos como acidentes e autodefesa (classificadas como agressão) e a inclusão de comportamentos como abuso infantil, ofensas sexuais e homicídio culposo (classificadas como violência). Uma compreensiva definição da violência inclui quatro elementos essenciais do comportamento: devem ser intencional, indesejado, não essencial e prejudicial (Hamby, 2017).

Os critérios intencionais são ações de cunho premeditado maliciosamente para se atingir o objetivo. O critério não essencial é visto como um comportamento que não é necessário à sobrevivência humana. Por exemplo, um animal que continua mordendo seu adversário mesmo ele já tendo se rendido, ou até mesmo pais que batem nos filhos de forma severa para obterem comportamentos desejáveis. O indesejado refere-se a estímulos nocivos em que uma pessoa formaria motivação para comportamentos de evitação do ato. E o prejudicial que é qualquer ato que possua efeitos adversos para a saúde, com danos extremos (físicos, psicológicos, morte, privação e mal-desenvolvimento) (Hamby, 2017).

Para a psicologia social, a violência atende-se a (três) critérios: a intenção, a indesejabilidade e ser prejudicial. Esses comportamentos ajudam a definir se o ato provocado é uma violência ilegítima (Hamby, 2017). Essa é definida como um subconjunto da agressão destinada a causar danos extremos, podendo até incluir danos emocionais severos (Warburton & Anderson, 2015), lesão e morte (DeWall & Anderson, 2011). A intenção de prejudicar surge de um motivo para atingir status ou recursos e vontade de atingir os objetivos de forma ilegítima (Hamby, 2017).

Adcionalmente, a abordagem de saúde pública não inclui dois elementos da violência, o indesejado e não essencial, mas carrega uma definição adequada, pois, considera atos psicológicos (Hamby, 2017). Defini-se como violência, o comportamento intencional da força física ou do poder, real ou em intimidações contra si, ou quaisquer outras pessoas ou até mesmo comunidades, que resulte ou haja uma possibilidade de resultar lesão, morte, dano psicológico, deficiência de

desenvolvimento ou privação (Krug et. al., 2002). A Organização Mundial de Saúde (2002) considera ainda uma conexão entre o ato e a consequência, o dano causado.

Até o significado da palavra *poder*, na definição do conceito, resulta de uma relação que inclui ameaças e intimidações, negligências ou atos de omissão, de perpetuações, de suicídio e outros abusos (Organização Mundial de Saúde [OMS], 2010). Esta definição se mostra mais completa no campo da saúde, por considerar não apenas lesões físicas como resultado, mas também danos psicológicos (Hamby, 2017). O que irá classificar a violência é o ato que afete o bem-estar das pessoas ou a saúde (Krug et. al., 2002).

Categorias de violência

A Organização Mundial de Saúde dividiu em três categorias a violência. A primeira é a violência autoinfligida, subdivida em comportamentos suicidas e autoabusivas, ao qual inclue a automutilação. A segunda é a violência interpessoal que se divide em duas categorias: violência da família e a do parceiro íntimo, que ocorre exclusivamente dentro dos lares; e a violência comunitária que ocorre entre pessoas que se conhecem ou não possuem laços, portanto, desconhecidas. E a terceira é a violência coletiva que é dividida em social, política e econômica. A violência social ocorre em meios como crimes de ódio a grupos organizados, atos terroristas; a política acontece entre conflitos de países, guerras e outros grupos maiores; e a econômica tem por finalidade interromper a atividade econômica, em relação aos ganhos de lucros entre Estados (Krug, et. al., 2002).

Quanto à natureza dos atos violentos, podem ser: física, sexual, psicológica e privação ou negligência (Krug et. al., 2002). O termo físico significa o uso da força para injúrias, feridas, dor ou incapacidade em outras pessoas. A psicológica nomeia todas as agressões verbais ou gestuais com o objetivo de coagir, rejeitar, humilhar, restringir a liberdade e ainda isolá-la do convívio social. O sexual é descrito como jogo que ocorre nas relações heterossexual ou homossexual e visam à excitação sexual, práticas eróticas, pornográficas impostas por meio de violências físicas ou

ameaças. E negligência e privação incluem a ausência, a recusa ou extinção de cuidados necessários a alguém que deveria receber atenção (Minayo, 2006).

Essas categorias de violência estão presentes nas relações intrafamiliares como os: idosos, crianças e adolescentes e nas relações íntimas amorosas. Nota-se que a Lei 11.340/06 (conhecida popularmente como Maria da Penha) definiu a violência doméstica e familiar como toda e qualquer espécie de ação ou omissão de direitos direcionada a mulher baseada no gênero. Essa violência ocorre na esfera da vida privada geralmente por pessoas interligadas por consanguinidade ou intimidade, servindo para infligir sofrimento sexual, psicológico, dano moral, patrimonial, físico, podendo causar lesão ou até a morte.

A legislação brasileira divide a violência doméstica em cinco categorias: A violência física definida como uso de força, mediante socos, tapas, empurrões, queimaduras, lesões ou até mesmo causando homicídio. Violência psicológica, entende-se como agressão emocional, quando o companheiro ameaça, rejeita, humilha ou discrimina a vítima, demonstrando-se prazer em vê o outro ameaçado, configurando a *vis compulsivas*, ou seja, coação por meio moral (Cunha & Pinto, 2014). A violência sexual como qualquer conduta que constranja a mulher a presenciar, manter ou participar de relação sexual não desejada mediante o uso de força física ou coação que a induza a comercializar ou a utilizar a sua sexualidade, impedindo de usar qualquer método contraceptivo ou anule seus direitos sexuais e reprodutivos (Cunha & Pinto, 2014). Esse contato sexual indesejável que torna violência, é definido como tocar o corpo sexualmente ou remover suas roupas sem seu consentimento (Schry & White, 2013). A violência patrimonial é caracterizada como qualquer conduta que vise retenção, subtração, destruição parcial de objetos pessoais como: documentos, bens e valores, recursos econômicos. Raramente este tipo de violência acontece de modo isolado, pois, esse é um meio para se chegar à violência física e psicológica. E a violência moral que é entendida como uma violência verbal por ter frutos da calúnia, difamação ou injúria, acontecendo concomitamente com a violência psicológica (Cunha & Pinto, 2014).

Esta Lei é direcionada para qualquer tipo de violência no seio familiar, desde as configurações de parentes consanguíneos (pai, irmão, tio, avó) até as configurações de relações amorosas (Cunha & Pinto, 2014). Sendo, portanto, a distinção precisa para o estudo, pois, a violência entre parceiros íntimos além de fazer parte dessa nomenclatura de violência doméstica, possui efeitos próprios dentro de uma relação amorosa.

Adicionalmente à legislação brasileira, a Organização Mundial de Saúde ainda restringe a violência entre parceiros íntimos, conceituando como marco útil para operacionalizar e medir a magnitude com que acontece a violência na relação amorosa. Sendo assim, a violência entre parceiros íntimos é definida como qualquer comportamento dentro de uma relação íntima que cause algum dano físico, sexual ou psicológico, abarcando atos de agressão física, coerção sexual, abuso psicológico e comportamentos controladores (WHO, 2010).

O abuso físico é caracterizado pelo contato físico indesejado, causando danos ao corpo (Warburton & Anderson, 2015), podendo até usar armas de fogo para cometer a violência extrema (Lourenço & Baptista, 2013). O abuso sexual é descrito como ato forçado a ter relações sexuais sem a permissão do parceiro ou qualquer outro ato que seja degradante ou humilhante (WHO, 2013). O abuso psicológico, ao qual inclui várias formas de ameaças que prejudique a vítima, com intimidações, insultos e humilhações (Lourenço & Baptista, 2013; Warburton & Anderson, 2015). E os comportamentos controladores caracterizados como quaisquer comportamentos referentes à privação do contato familiar, social e comunitário (Lourenço & Baptista, 2013; Warburton & Anderson, 2015).

Essa violência entre parceiros íntimos abrange outras classificações usadas por outros autores, como: violência no namoro (Diniz & Alves, 2015; Pimentel, Moura, & Cavalcanti, 2017), a violência nas relações de “fica” (Lourenço & Baptista, 2013), violência conjugal/marital (Félix, 2012), como forma de evidenciar que a violência se inicia no período da adolescência perdurando até a velhice (Diniz & Alves, 2015). O autor (agressor ou violentador) da violência pode ser tanto

o/a atual como o/a ex-companheiro/a, cônjuge ou namorado/a (Lourenço & Baptista, 2013; Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2015).

A violência entre parceiro íntimo pode ser tida também de maneira cultural, ou seja, tanto pode ser aceitável como ou não de acordo com a cultura. No país do Líbano, a religião predominante é a mulçumana (xiita e sunita), e determina que o marido possa bater na esposa, e esses atos são culturalmente aceitáveis e não são considerados violência, mas é tida como uma forma de punição por desobediência. Não permitindo que a mulher possa fazer qualquer tipo de denúncia contra o seu marido, pois, estaria contra a religião (Usta, Farver, & Pashayan, 2007).

Para abordagens evolucionárias, a violência entre parceiros íntimos é devida a fisiologia do homem, em termos de terem maior força média e para garantir sua prole. O ciúme vem para proteger e controlar a mulher, garantindo assim as chances de sobrevivência dos descendentes. O é diferente da visão das abordagens sociais, afirmando que o controle é uma forma de manter o parceiro submisso (Aronson, Wilson, & Akert, 2015).

Essa violência não distingue orientação sexual, existindo tanto em relações heterossexuais quanto em homossexuais, ou seja, tanto as mulheres quanto os homens podem sofrer ou praticar a violência (Krug et. al., 2002). O critério de orientação sexual não é algo determinista na agressão, pois existem fatores que podem ser decorrentes de altos níveis de estresse, do preconceito social e altas taxas de uso do álcool (WHO, 2010). A violência entre parceiros íntimos ocorre em todos os países, independente do grupo social, econômico, religioso ou cultural (Krug et. al., 2002; WHO, 2010).

Prevalência

Com isso, a maioria dos casos registrados de violência são heterossexuais, cerca de 70% dos casos de violências, o agressor é o homem com quem as vítimas têm ou tiveram algum vínculo afetivo: atuais ou ex-companheiros, cônjuges, namorados ou amantes das vítimas. Apenas 25% são

denunciados e se referem aos familiares, amigos, vizinhos, conhecidos como autores/as da violência (Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2015).

A Organização Mundial de Saúde (WHO, 2010) identificou em estudos populacionais de diversos países, mulheres na faixa etária de 15 - 49 anos, cerca de 30% sofrem abuso físico praticado pelo parceiro íntimo pelo menos uma vez em sua vida. Em 2013, aproximadamente 59% das mulheres relataram terem sido tentadas ou forçadas à relação sexual e 28% das mulheres foram abusadas durante o período de gravidez pelos seus companheiros (WHO, 2013). Países desenvolvidos possuem mais assistência a pessoas que sofreram com violência praticada por parceiro íntimo, 61% de serviços de identificação, encaminhamento e apoio são em países desenvolvidos, com alta renda, em comparação aos países de médias e baixas rendas, subdesenvolvidas ou em desenvolvimento (WHO, 2002).

Restringindo os dados para após a vigência da Lei Maria da Penha em 2006, observou-se em 2007 um decréscimo que passou a ser de 4,2% para 3,9%, mas que em 2008 aumentou-se progressivamente a taxa de homicídios que em 2013 indica-se um percentual de 4,8%. E em menor escala o número de mulheres brancas (2,1%) cai o percentual e se eleva o de mulheres negras (3,5%) (Waiselfisz, 2015).

O Ligue 180 dos estados brasileiros, no ano de 2015, registrou um total de 32,248 casos de violência contra a mulher. A violência física é o mais cometido nas relações (51,16%), seguido da psicológica (30,92%), moral (7,13%), patrimonial (1,95%), sexual (4,06%), cárcere privado (4,23%), até chegar ao menor índice que é o tráfico de pessoas (0,55%). (Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2015). No ano de 2016, o número de casos registrados aumentou em comparação ao ano de 2015, foram 67,962 casos de violência. Dentre os quais, (51,06%) são de violência física, (31,10%) violência psicológica, (6,51%) violência moral, (4,86%), cárcere privado (4,30%) violência sexual, (1,93%) violência patrimonial e (0,24%) tráfico de pessoas (Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2016).

Foi verificado que no ano de 2016, à luz da comemoração dos 10 anos da Lei Maria da Penha, um aumento nas taxas de violência contra a mulher. Diante desses índices estatísticos, a fim de proteger as mulheres nesse processo de violência além da Lei Maria da Penha, entra em vigor a Lei 13.104/05. Essa Lei, também chamada de feminicídio considera crime hediondo o homicídio qualificado contra o sexo feminino acontecido em situações de vulnerabilidade como: gravidez, menor de 14 anos, na presença dos ascendentes e descentes da vítima (Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2015).

A violência estatisticamente não diminuiu após a Lei Maria da Penha, sendo considerado como medida emergente a criação de outra complementar para suprir as lacunas existentes da Lei anterior. Com base nas explicações sociais e de saúde pública, verifica-se a presença de conceitos usados para se entender este fenômeno como algo presente na sociedade.

E ainda a necessidade de se estudar os fatores preditores da violência para identificar quais estão mais relacionados com o comportamento violento nas relações amorosas. Para assim, contribuir com dados que embasem a busca de estratégias de ações que promovam a prevenção da violência entre parceiros íntimos que começa desde o período da adolescência, ou seja, no primeiro relacionamento íntimo amoroso.

Referências

Anderson, C. A., & Bushman, B. J. (2002). Human aggression. *Annual Review of Psychology, 53*(1), 27-51.

Anderson, C. A., Berkowitz, L., Donnerstein, E., Huesmann, L. R., Johnson, J., Linz, D., Malamuth, N., & Wartella, E. (2003). The influence of media violence on youth. *Psychological Science in the Public Interest,* 4, 81-110.

Aronson, E., Wilson, T., & Arket, R. (2015). Psicologia Social. 8ª ed. Rio de Janeiro: LTC.

Bandura, A. (1979). Psychological mechanisms of aggression. In M.V. Cranach, K. Foppa, W. LePenies, & D. Ploog (Eds.), *Human ethology: Claims and limits of a new discipline*. Cambridge: Cambridge University Press.

Barlett, C. P., & Anderson, C. A. (2012).Direct and indirect relations between the big 5personality traits and aggressive behavior.*Personality and Individual Differences*, 52,870-875. doi: 10.1016/j.paid.2012.01.029

Berkowitz, L. (1989). Frustration-aggression hypothesis: examination and reformulation. *Psychological Bulletin*, 106(1), 59–73.

Berkowitz L. (1990). On the formation and regulation of anger and aggression: a cognitive neoassociationistic analysis. *American Psychologist*, 45, 494–503.

Carton, H., & Egan, V. (2017). The dark triad and intimate partner violence. *Personality and Individual Differences*, 105 (1), 84–88. doi: 10.1016/j.paid.2016.09.040

Cavalcanti, J. G., & Pimentel, C. E. (2016). Personality and aggression: A contribution of the General Aggression Model. *Estudos de Psicologia/Campinas, 33*(3), 443-451. doi: 10.1590/1982-02752016000300008

Chaves, C. M. C. M. (2006). *Compromisso convencional: fator de proteção para as condutas agressivas, antissociais e de uso de álcool?* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba.

Cunha, S. C., & Pinto, R. B. (2014). *Violência doméstica. Lei Maria da Penha comentada artigo por artigo.* São Paulo: Revista dos Tribunais.

DeWall, C. N., Anderson, C., & Bushman, B.J. (2011). The general aggression model: theoretical extensions to violence. *Psychology of Violence*, 1 (3), 245–258. doi: 10.1037/a0023842

Diniz, G. R. S., & Alves, C. O. A. (2015). Gênero e violência no namoro In. Murta, G.S., Maluschke-Bucher, J.S.N.F. & Diniz, G. R. S.(Eds.), *Violência no namoro: estudos, prevenções e psicoterapia*. (pp. 19-42). Curitiba: Appris.

Do, K. N., Weiss, B., & Pollack, A. (2013). Cultural beliefs, intimate partner violence, and mental health functioning among vietnamese women. *International Perspectives in Psychology: Research, Practice, Consultation*, 2(3), 149–163. doi: 10.1037/ipp0000004

Félix, D. S. S. (2012). *Crenças de legitimação da violência de género e efeitos de campanhas de prevenção: um estudo exploratório.* (Dissertação de Mestrado). Secção de Psicologia da Educação e da Orientação. Universidade de Lisboa. Portugal.

Gouveia, V. V. (2013). *Teoria Funcionalista dos valores humanos: fundamentos, aplicações e perspectivas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Gouveia, R. S., Santos, L. C. O. S., & Lobo, R.V. (2016). Psicologia jurídica e suas pesquisas sobre valores. In V., Gouveia (Org.). *Teoria funcionalista dos valores humanos*. (pp.43-67). São Paulo: Vetor.

Hamby, S. (2017). On defining violence, and why it matters psychology of violence. *American Psychological Association*, 7(2), 167–180. doi: 10.1037/vio0000117

Huesmann LR. (1998). The role of social information processing and cognitive schema in the acquisition and maintenance of habitual aggressive behavior. In R. G. Geen, & E. Donnerstein (Eds.), *Human agression: theories, research and implications for social policy.* (pp.73-109). California: Academic Press:

Huesmann L. R. (1986). Psychological processes promoting the relation between exposure to media violence and aggressive behavior by the viewer. *Journal of Social Issues* 42, 125–40.doi: 10.1111/j.1540-4560.1986.tb00246.x/pdf

Lei n. 11.340. (2006). Lei Maria da Penha. Brasília, DF: Presidência da República.

Lourenço, L. M., & Baptista, M. N.(2013). Escala de violência entre parceiros íntimos (EVIPI): Manual técnico. Retrieved from http://docplayer.com.br/39884164-Escala-de-violencia-entre-parceiros-intimos-evipi-manual-tecnico.html

Kelley, E. L., & Edwards, K. M. (2015). Motives for physical dating violence among college students: a gendered analysis. *Psychology of Violence*, 5(1), 56–65. doi: 10.1037/a0036171

Kristensen, C. H., Lima, J. S., Ferlin, M., Flores, R. Z., & Hackmann, P. H. (2003). Fatores etiológicos da agressão física: uma revisão teórica. *Estudos de Psicologia*, 8, 175-184.

Krug, E. G., Mercy, J. A., Dahlberg L. L., & Zwi, A. B. (2002). *The world report on violence and health.* Geneva, Public Health. Lancet. October 5, 360, 1083- 1088.

Minayo, M.C.de S.(2006). Violência e Sáude. Rio de Janeiro: Fiocruz.

Myers, D. G. (2014). *Psicologia social*. 10ªed. Porto Alegre: AMGH.

Secretaria de Políticas para as Mulheres. (2015). *Balanço 1° Semestre de 2015: Ligue 180. Central de atendimento à mulher*. Governo Federal Brasil. Disponível online (9.5.17) de: http://www.spm.gov.br/assuntos/violencia/ligue-180-central-de-atendimento-a-mulher/balanco1sem2015-versao-final.pdf

Secretaria de Políticas para as Mulheres. (2016). *Balanço 1° Semestre de 2016: ligue 180. Central de atendimento à mulher*. Governo Federal Brasil. Disponível online (9.5.17) de: http://www.spm.gov.br/balanco180_2016-3.pdf

Tedeschi J. T. & Felson R. B. (1994). *Violence, aggression, and coercive Actions*. Washington, US: American Psychological Association.

Waiselfisz, J. J. (2015). *Mapa da violência 2015. Homicídios de mulheres no Brasil.* Brasília: Flacso Brasil.

Warburton, W., & Anderson, C. (2015).On the clinical applications of the general aggression model to understanding domestic violence. In R. A. Javier & W. G. Herron (Eds.) *Understanding Domestic Violence: Theories, Challenges, Remedies.* (pp.1-56). USA: Rowman & Littlefield Publishers.

World Health Organization (WHO) (2002).*World report on violence and health*.(Ed.) E.G. Krug, L. L. Dahlberg, J. A. Mercy, A. B. Zwi e R. Lozano. Genebra.

World Health Organisation (WHO) (2010). *Preventing intimate partner and sexual violence against women: taking action and generating evidence*. Geneva, Switzerland: WorldHealth Organisation. Disponível online (5.5.16) de: http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/44350/1/9789241564007_eng.pdf?ua=1

World Health Organisation (WHO) (2013). Responding to intimate partner violence and sexual violence against women WHO clinical and policy guidelines. Geneva, Switzerland: World Health Organisation. Disponível online (0.04.17) de: http://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/85240/9789241548595_eng.pdf?sequence=1

Ulloa, E. C., Hammett, J. F., O'Neal, D. N., Lydston, E. E., Aramburo, L. F. (2016).The big five personality traits and intimate partner violence: findings from a large, nati onally representative sample**.** *Violence and Victims*, 31(6), 1100-1116. doi: 10.1891/0886-6708.VV-D-15-00055

Usta, J., Farver, J.A.M., & Pashayan, N. (2007). Domestic violence: The lebanese experience. *Public Health*, 121, 208–219. doi: 10.1016/j.puhe.2006.09.014

Zillmann, D. (1983). Arousal and aggression. In R. G. Geen & E. Donnerstein (Eds.). *Aggression: theoretical and empirical reviews* (pp. 75–102). New York, NY: Academic.

Artigo 2

GÊNERO, BIG FIVE, VALORES E ASSERTIVIDADE COMO PREDITORES DA VIOLÊNCIA

Tamyres Tomaz Paiva

Universidade Federal da Paraíba

Carlos Eduardo Pimentel

Universidade Federal da Paraíba

Nota dos autores: Este trabalho foi realizado com o apoio da Capes que formentou a bolsa de mestrado para a orientanda.

Resumo

O modelo geral da Agressão (GAM) conceitua a violência entre parceiros como um comportamento intencional que causa danos físicos, sexuais, psicológicos e controle comportamentais. Objetivou-se analisar a predição da violência a partir dos fatores pessoais e o comportamento assertivo. A amostra foi composta por 305 participantes residentes da cidade da Grande João Pessoa, com idades entre 18 a 56 anos (*M*= 25,29; *DP*= 7,32). Para análise, utilizou-se o IBM SPSS Statistics e o AMOS. Os fatores da violência foram correlacionados com o gênero, personalidade (agradabilidade, estabilidade emocional e abertura à experiências) e valores (interativo, normativo, suprapessoal, existência e realização). Com isso, pelos presentes dados verificou-se que o objetivo foi alcançado e que a variável gênero, traços de personalidade e valores humanos não só foram correlacionados, como também foram preditoras do comportamento violento entre parceiros íntimos. Tornar-se necessário replicar esses estudos em outras regiões para uma comparação dos dados.

Palavras-chave: Violência; personalidade; valores; crenças.

Abstract

The General Aggression Model (GAM) conceptualizes partner violence as an intentional behavior that causes physical, sexual, psychological and behavioral harm. The objective was to analyze the prediction of violence based on personal factors and assertive behavior. The sample consisted of 305 participants from Grande João Pessoa, aged between 18 and 56 years (*M* = 25.29, *SD* = 7.32). To analyze the data, we used IBM SPSS Statistics and AMOS. Behavioral factors of partner violence were correlated with gender, personality (agreeableness, emotional stability, openness to experiences) and with the values (interactive, normative, suprapersonal, existence and promotion). Thus, from the present data it was verified that the objective was reached and that the variable gender, personality traits and human values were not only correlated, but were also predictive of violent behavior among intimate partners. It is necessary to replicate these studies in other regions for a comparison of the data.

Keywords: Violence; personality; values; beliefs.

Introdução

O Modelo Geral da Agressão (GAM) preconiza diversos fatores estimulantes da violência. Dentre esses fatores estão os fatores ou gatilhos pessoais descritos como: traços de personalidades, sexo, crenças, atitudes, valores, objetivos e scripts. Esses fatores pessoais podem ser relacionados aos comportamentos violentos nas relações amorosas, já que o mesmo diz respeito às características que uma pessoa traz à situação, buscando tanto estimular a situação desejada como, por exemplo, uma resposta assertiva em uma relação íntimo amorosa, como também evitar situações indesejadas como a violência entre parceiros (Anderson & Bushman, 2002). A violência entre parceiros íntimos é um fenômeno mundial, atingindo todas as camadas sociais, faixas etárias, sexo e gêneros diferentes. Essa violência é definida como qualquer comportamento dentro de uma relação íntima que cause algum dano físico, sexual, psicológico e controle dos comportamentos [World Health Organization (WHO), 2010].

Após um levantamento em 47 países, estima-se que 30% das mulheres já tenham experienciado algum tipo de violência. Na África do Sul, Mediterrâneo Oriental e do Sudeste Asiático são as regiões em que cerca de 40% das mulheres relataram terem sofrido com a violência física e/ou sexual em algum momento de sua vida. E as idades variaram conforme suas faixas etárias, atingindo seu pico maior entre 40 a 44 anos de idades (37,8%), 35 a 39 anos (36,6%) e 25 a 29 anos (32%) [World Health Organization (WHO), 2013].

A violência atinge milhares de relacionamentos no mundo. A maioria dos casos registrados de violência são heterossexuais. Cerca de 70% dos casos de violências, o agressor é o homem com quem as vítimas têm ou tiveram algum vínculo afetivo (ex-companheiros, cônjuges, namorados ou amantes). E 30% desses casos se referem aos familiares, amigos, vizinhos, conhecidos como autores/as da violência (Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2015), ou seja, deixa de ser violência entre parceiros íntimos e passa a ser considerada violência doméstica.

A violência pode ser distinguida em várias categorias como: a violência psicológica, física, moral, patrimonial e sexual (Cunha & Pinto, 2014), e até incluir comportamentos controladores

(Warburton & Anderson, 2015). Essas violências são preditas por diversos fatores pessoais e situacionais que interferem nas trajetórias internas (rotas), colaborando na formação dos comportamentos (Anderson & Bushman, 2002). Neste sentido, o objetivo deste trabalho é identificar, quais fatores pessoais e o comportamento assertivo são preditores do comportamento violento entre parceiro íntimo. Na continuação se discorre sobre possíveis preditores desses comportamentos.

Crenças no mundo justo

As crenças fazem parte do fator considerado pessoal por englobar características que são próprias do indivíduo (Anderson & Bushman, 2002). Essas crenças servem para lidar tantos com os eventos positivos como também com os negativos e estressantes (Poon & Chen, 2014). Existe, nesse sentido, um conjunto de crenças que caracteriza o mundo como um lugar justo, em que as pessoas recebem o que merece e merecem o que tem. Essa é denominada de crenças no mundo justo (CMJ) conceituada por Lerner (1980).

Essas crenças funcionam como um mecanismo psicológico adaptativo (Lerner & Miller, 1978; Modesto, 2014), ajudando as pessoas a buscarem seus objetivos à longo prazo, que lhe tragam bem estar (Bègue, 2002). A maioria das pesquisas relacionadas à crença no mundo justo está direcionada para vítimas de violência e/ou agressão ou risco de doenças transmissíveis (Fetchenhauer, Jacobs, & Belschak, 2005; Nesbit, Blankenship, & Murray, 2012).

Mas crenças têm papel fundamental na preparação para a agressão (Anderson & Bushman, 2002), por que as crenças conservadoras com foco sobre os papéis na sociedade de homens e mulheres tendem a culpabilizar a mulher e justificar a violência sofrida, a partir dessas crenças (Ventura, Frederico-Ferreira, & Magalhães, 2013). Acreditar nas CMJ explica apenas uma parte, pois os estereótipos e preconceito podem interferir na avaliação da vítima (Modesto, 2014).

Uma pesquisa feita por Poon e Chen (2014) demonstrou a relação da crença do mundo justo com a agressão, indicando que quando as pessoas estão com baixas crenças no mundo justo podem ser mais propensas a desenvolver comportamentos de ostracismo, ou seja, comportamentos desastrosos, desajustado, com tomada de risco irracional, egoísta, desonesto. Além do mais, as crenças no mundo justo se relacionam negativamente com a expressão da raiva, ou seja, quanto mais se acredita nas crenças do mundo justo, mas a raiva passa a ser controlada por acreditarem que merecem aquilo que estão passando (Nesbit et. al., 2012).

Personalidade

A raiva, medo, tristeza, culpa ou desgosto e descontrole emocional de forma acentuada são características do traço de personalidade neuroticismo (Barthelemy, 2005). Além de apresentarem emoções e comportamentos agressivos (Cavalcanti & Pimentel, 2016), estas pessoas que possuem mais externalização das suas emoções, pontuam mais em percepções excêntricas, exibicionismo e impulsividade (Carleton, Mulvogue, & Duranceau, 2015).

A agradabilidade ou amabilidade também possui efeitos diretos na agressão física sendo este comportamento relacionado negativamente (Barlett & Anderson, 2012). E tanto a agradabilidade quanto a abertura à experiências predizem diretamente a agressão física (Barlett & Anderson, 2012). Pesquisa realizada por Cavalcanti e Pimentel (2016) mostrou que a extroversão tem efeito direto e positivo na agressão física, corroborando com o estudo de Barlett e Anderson (2012).

Também se nota que a extroversão possui relação positivas ou negativas com a agressão (Barlett & Anderson, 2012), o que torna difícil diferenciar se as pessoas mais introvertidas, reservadas e quietas (Pimentel, Ferreira, Vargas, Maynart, & Mendonça, 2014) são mais predispostas a comportamentos agressivos, ou se são pessoas interativas, falantes e expressivas (Barthelemy, 2005), que possuem este tipo de prediposição.

E se tratando de perpetuadores da violência ou dos comportamentos agressivos, têm-se que a abertura à experiências é um traço bastante incentivador da submissão a um relacionamento

abusivo, tanto homens e mulheres estão sujeitos a esta condição (Ulloa, Hammett, O'Neal, Lydston, & Aramburo, 2016). Altas pontuações negativas nestas características incluem traços convencionais e sem criatividade (Pimentel et. al., 2014) e de obediência à autoridade (Barthelemy, 2005).

Já em relação à conscienciosidade, não há muitos estudos que a relacionem com a violência, apesar de estudos de Sharpe e Desai (2001) e Blackburn, Renwick, Donnelly e Logan (2004) identificarem que ela está relacionada negativamente com a agressão e com uma redução da hostilididade. Pessoas que pontuam alto em conscienciosidade possuem mais autocuidado, confiabilidade, direcionamento para atingir metas, e costumam pontuar menos em compulsividade, falta de princípios morais e éticos (Barthelemy, 2005).

Valores

Os valores também são explicadores para condutas antissociais (Santos & Lopes, 2016) e também é um gatilho para a agressão (Anderson & Bushman, 2002), apesar de que, no campo da psicologia, ao longo de muitos anos foi pouco enfatizada como explicação para o fenômeno da violência (Santos & Lopes, 2016).

Certamente existem várias definições dos valores (Hofstede, 1984; Inglehart, 1977; Rokeach, 1981; Schwartz, 2006), mas adotou-se a da teoria funcionalista dos valores humanos, ao qual conceituou como aspectos psicológicos que guiam os comportamentos e representam cognitivamente as necessidades humanas (Gouveia, 2013). Esse construto é estruturado no sistema psicológico dando suporte a ação humana derivados das experiências culturais e sociais adquiridos no processo de socialização (Formiga, 2006).

Os valores podem ser pessoais, centrais ou sociais (Gouveia, 2013). Os valores pessoais dizem respeito à priorização de seus próprios objetivos sem vincular a algum contexto social ou entidade governamental. Os valores centrais funcionam de maneira mista, tanto atuam na esfera individual como coletiva. Esses valores enfatizam a existência, a maturidade e a saúde que são importantes para todas as pessoas. E os valores sociais estão atrelados aos relacionamentos

interpessoais e coletivos (sociais), enfatizando os padrões culturais, religiosidade, convivência, afetividade dentre outros (Formiga, 2006; Gouveia, 2013).

Alguns valores podem ser relacionados de forma positiva à exposição à violência, por exemplo, pessoas que sofreram com a violação dos direitos humanos ou tiveram algum tipo de trauma sociopolítico priorizam mais os valores sociais (Cárdenas, Páez, Rimé, & Bilbao, 2014). Neste contexto, mulheres que priorizam valores sociais (normativos) são mais predispostas a autoculpabilização por endossarem padrões culturais que podem acentuar que a vítima é que provocou a situação, tornando-se habitual (Nascimento, 2015).

Em pesquisa de Chaves (2006), verificou-se que os adolescentes que endossam valores pessoais (experimentação), como um princípio-guia da sua vida, podem ter uma tendência a se comportar de forma antissocial, por não se conformarem a regras sociais impostas. Estes dados também podem ser verificados em achados de Formiga e Gouveia (2005) em que a subfunção valorativa experimentação (prazer, emoção e sexualidade) foi relacionada de forma positiva a condutas delitivas e antissociais, isto é se priorizaram mais o prazer momentâneo importando apenas consigo.

Tremblay e Ewart (2005) verificou que adolescentes que priorizam valores de experimentação, estimulação, poder e conformidade se relacionam positivamente com a agressão, ou seja, a pessoa se sente superior, excitado a buscar novos desafios. A violência masculina e a agressão são tidas como um valor atribuído pela sociedade, uma vez que os abusos cometidos em pessoas vulneráveis funcionam como um controle sobre o outro (Sundberg, 2014).

Pessoas que priorizam os valores centrais (suprapessoal e existência) podem ter convivido com a escassez econômica e por isso prioriza os aspectos materias ou ter a necessidade de autorrealização. Geralmente os valores centrais possuem relacionamento negativo com as condutas antissociais e delitivas, (Formiga, 2006) e possuem atitudes desfavoráveis frente à violência contra a mulher (Nascimento, 2015), justamente por endossarem valores que não são egocêntricos e sim de

forma mais coerente com o meio social, sem necessariamente culpabilizar a partir do gênero a violência sofrida.

Gênero

Diversos autores (Anderson & Bushman, 2002; Aronson, Wilson, & Akert, 2015; Pimentel, Gunther, & Black, 2012) verificaram em suas pesquisas que pessoas do gênero feminino possuem maior probabilidade de serem vítimas e terem mais medo do crime do que pessoas do gênero masculino, que possuem mais habilidades para serem agentes mais severos, causando mais facilmente lesões. A violência masculina é pensada como um comportamento violento associado à construção da identidade de gênero (Sundberg, 2014).

No entanto, o papel associado a cada gênero, atribuído a partir da diferenciação dos sexos, é derivado do processo de socialização. No período da adolescência, as meninas são desde muito cedo educadas para aceitarem a autoridade masculina, e internalizando seu papel de mãe e cuidadora. O que as torna vulneráveis ao papel atribuído ao gênero masculino, de agente autoritário (Diniz & Alves, 2015).

Contudo, isso não significa que as mulheres sejam sempre dóceis e que elas estejam isentas e não cometem violência ou agressão. O que acontece de fato é que as mulheres cometem mais agressão relacional, ou seja, é na manipulação dos relacionamentos por meio de falsos boatos e intrigas que isolam o parceiro de atividades e experiências, violências mais verbais e hostis (Aronson et. al., 2015).

Já os homens cometem mais agressão física, usam com mais frequência a força física para obter aquilo que deseja da parceira (Aronson et. al., 2015). Também se encontra na literatura que a coerção sexual, ao qual se refere a qualquer tipo de relações sexuais (oral, vaginal ou anal) obtidas sem consentimento, é mais acometida por homens do que por mulheres (Schry & White, 2013).

Comportamento assertivo

O comportamento assertivo também está relacionado a diferenciação entre os sexos. Em estudo de Thompson e Berenbaum, (2011), as mulheres demonstraram maiores níveis de comportamentos assertitividade do que os homens, que se relacionaram mais com a agressividade.Verificou-se ainda nesse estudo que, os homens foram associados as quatro formas de agressão: física, verbal, raiva e hostilidade .

Estes resultados foram constratados com estudos de Lopresto e Deluty (1988) em adolescentes, mostrando que tanto os meninos quanto as meninas pontuaram mais em comportamentos assertivos do que agressivos, mas houve variação quanto ao gênero (masculino e feminino). O gênero feminino também foi significativo na assertividade positiva, ou seja, as demonstrações de afeto são muito mais passíveis no sexo feminino do que no masculino.

O comportamento é um resultado das interações dos fatores pessoais e situacionais (Anderson & Bushman, 2002). E o comportamento assertivo é a expressão de sentimentos, necessidades, preferências de uma forma não ameaçadora e nem de forma punitiva (Marchezini-Cunha & Tourinho, 2010; Thompson & Berenbaum, 2011).

Vagos, Pereira e Arrindell (2013) afirmam que a assertividade está representada em várias classes de resposta comportamental, como por exemplo, expressar sentimentos positivos e negativos, tomar a iniciativa, reconhecer e gerir limitações pessoais ou defender os próprios direitos. Essas classes, por sua vez, diferem do comportamento agressivo, já que este possui como objetivo causar algum tipo de sofrimento seja ele físico ou psicológico, por meio dos comportamentos (Anderson & Bushman, 2002; Aronson et. al., 2015).

Método

Participantes

A amostra foi constituída de 305 participantes, residentes da cidade da Grande João Pessoa do estado da Paraíba, com idades entre 18 a 56 anos (M = 25,29; DP = 7,32). A maioria do sexo feminino (62%), heterossexuais (87,5%), autodeclarado solteiros (69%), mas que estão em um

relacionamento namoro/noivado (67,5%), tendo em média de tempo de relacionamento 2 a 5 anos (58,3%). Também se declaram com ensino superior incompleto (62,3%), pouco religioso (46,4%) e de classe média baixa (43,1%).

Instrumentos

Foram utilizados cinco instrumentos:

Escala de violência entre parceiros íntimos construída e validada por Lourenço e Baptista (2013) composta por 53 itens distribuídos em 3 fatores: Injúria e violência física corporal (versão original α=0,97), (ex., Me humilhou); danos à saúde, sexualidade e patrimônio (versão original α= 0, 96), (ex., Me queimou) e controle comportamental (versão original α= 0, 88), (ex., Me proibiu de sair de casa sozinha). E o presente estudo apresentou coeficientes internos de α = 0,87, α =0,34, α =0,68, consecutivamente. A escala de resposta variou de 1 = nunca a 5 = sempre.

Escala de crenças no mundo injusto (UWS) validada por Pimentel, Maynart, Vieira, Mendonça e Santos (2012) com estrutura unifatorial (α = 0,77), composta por 4 itens (ex., Acredito que o mundo é basicamente um lugar injusto). A escala de resposta variou de 1 = concordo totalmente a 6 = discordo totalmente.

Questionário dos valores básicos (QVB) desenvolvido por Gouveia, Milfont e Guerra (2014) sendo composto por 18 itens (valores básicos), distribuídos em 6 subfunções. Com alfas variando de 0,53 (interativa) a 0,60 (normativo) e alfa médio de 0,56. No presente estudo verificaram-se alfas variando de 0,45 (experimentação) a 0,71 (normativo). Esta escala variou de 1 = nada importante a 7 = muito importante.

Inventário de personalidade de dez itens (TIPI) traduzida por Pimentel, Ferreira, Vargas, Maynart e Mendonça (2014). No estudo original da escala encontraram-se índices de precisão teste-reteste variando de 0,62 a 0,77 (Gosling, Rentfrow, & Swann Jr, 2003). Esta é composta e por 10 itens e 5 fatores, no presente estudo encontraram-se as seguintes correlações entre os itens de cada fator: Extroversão (r = .46) (ex., Extrovertido, entusiasta); Agradabilidade (r = 0,76) (ex.,

Crítico, briguento); Consciensiosidade (r = 0,41) (ex., Confiável, autodisciplinado); Estabilidade Emocional (ex., Ansioso, que se chateia facilmente) (r = 0,35); Abertura à Experiências (r = 0,09) (ex., Aberto a novas experiências, complexo). A escala de resposta varia de 1 = Discordo fortemente a 7 = Concordo fortemente.

Escala de comportamento interpessoal, validada por Vagos, Pereira e Arrindell (2013) composta por 25 itens com alfas variando de 0,71 (Assertividade negativa) a 0,90 (Assertividade positiva). No presente estudo encontraram-se os seguintes índices de consistência para os seguintes fatores: Assertividade nas relações interpessoais (α = 0,62) (ex., Dizer ao outro que gostas que te digam que te admira) e a Assertividade pessoal (α = 0,80) (ex., Dizer a alguém que gosta dele/a). Esta escala variou de 1 = Nunca a 5 = Sempre. E o questionário sociodemográfico, contendo perguntas como: sexo, idade, escolaridade, cujo objetivo era a caracterização da amostra.

Procedimentos

Inicialmente foi apresentado o projeto ao Comitê de Ética da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), para emissão do parecer favorável (CAAE: 60905716.2.0000.5188). Com isso, prosseguiu-se para aplicação do instrumentos de forma presencial na população geral residentes do estado da Paraíba e que estão em um relacionamento amoroso de pelo menos 2 meses. Os questionários foram aplicados tanto em ambientes coletivos, instituições públicas (ex., salas de aulas), como também foram aplicadas individualmente, em pessoas em seus domicílios. A coleta foi realizada por colaboradores devidamente treinados. Os respondentes foram informados que a participação na pesquisa era de caráter voluntário, sem receber nenhum retorno financeiro, garantindo o sigilo e a confidencialidade das informações individuais, preservando a identidade dos respondentes seguindo as recomendações da Resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde. Ficou esclarecido aos participantes que a pesquisa não envolveria nenhum risco à saúde e integridade biopsíquica, moral espiritual.

Análise dos dados

Os dados foram analisados pelo programa estatístico IBM *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS versão 21), realizando-se estatísticas descritivas (frequências da caracterização da amostra) e análise de correlação de Pearson e regressão múltipla linear (enter), entre os construtos abordados e o teste t para comparação de médias. Para realização da análise de mediação parcial e total, optou-se pelo programa *Analysis of Moment Structures* (AMOS, versão 21), a fim de identificar os efeitos diretos e indiretos das variáveis no comportamento da violência.

Resultados

Foi realizada correlação de Pearson entre os fatores da violência entre parceiros íntimos, ou seja, entre a injúria e violência física corporal, danos à saúde, sexualidade e patrimônio e controle comportamental e as seguintes variáveis: gênero, os fatores da personalidade, as crenças do mundo injusto, valores humanos e os fatores do comportamento interpessoal.

Pode-se notar que o gênero se correlacionou negativamente com a injúria e violência física corporal (r = -0,13, p < 0,05) e o controle comportamental (r = -0,19, p < 0,05), com magnitudes consideradas baixas, porém significativas.

Observou-se que os fatores de personalidade também foram correlacionados com os fatores da violência entre parceiros íntimos. Neste sentido, agradabalidade se correlacionou negativamente com injúria e violência física corporal (r = -0,25), danos à saúde, sexualidade e patrimônio (r = -0,14) e controle comportamental (r = -0,19), todos ao nível de p < 0,01. A estabilidade emocional, também se correlacionou negativamente com injúria e violência física corporal (r = -0,12), e a abertura à experiências se correlacionou positivamente com danos à saúde, sexualidade e patrimônio (r = 0,09), todos ao nível de p < 0,05.

A subfunção valorativa interativa se correlacionou de forma negativa com a injúria e violência física corporal (r = -0,13, p < 0,01), danos à saúde, sexualidade e patrimônio (r = -0,19, p < 0,01), e com controle comportamental (r = -0,09, p < 0,05). E a subfunção valorativa normativa,

correlacionou-se negativamente tanto com a injúria e violência física corporal (r = -0,15, p <0,01) como também com os danos à saúde, sexualidade e patrimônio (r = -0,12, p < 0,05). A subfunção valorativa existência também se correlacionou com controle comportamental (r = 0,11, p < 0,05) e com danos à saúde, sexualidade e patrimônio (r = -0,11, p < 0,01). Assim como, verificou-se que a subfunção valorativa suprapessoal também se correlacionou negativamente com danos à saúde, sexualidade e patrimônio (r = -0,10, p < 0,05).

Destaca-se também que a subfunção valorativa realização se correlacionou positivamente com controle comportamental (r = 0,13, p < 0,01). E, os achados demonstraram que o comportamento assertivo pessoal foi correlacionado também com controle comportamental (r = -0,11, p < 0,05).

Para uma análise mais detalhada ver **Tabela 1**.

***Tabela 1**. Correlações entre a violência entre parceiros íntimos com os fatores pessoais e o comportamento assertivo.*

	M	DP																	
1.	1,12	0,18																	
2.	1,01	0,49	0,56**																
3.	1,24	0,40	0,57**	0,32**															
4.			-0,13**	0,00	-0,19**														
5.	3,02	1,23	0,07	0,02	0,02	-0,02													
6.	4,19	1,52	0,01	0,02	-0,04	0,10*	0,07												
7.	4,96	1,16	-0,25**	-0,14**	-0,19**	0,11*	0,08	0,07											
8.	5,15	1,88	-0,08	-0,06	-0,01	0,05	0,02	-0,07	0,06										
9.	4,02	1,53	-0,12*	-0,07	-0,06	-0,19**	0,13**	-0,02	0,37**	0,05									
10.	5,07	1,19	0,05	0,09*	-0,07	0,00	0,07	0,26**	0,14**	0,06	0,09*								
11.	4,85	0,98	-0,01	-0,02	0,03	0,00	-0,10*	0,14**	0,06	-0,04	0,02	0,24**							
12.	5,60	0,81	-0,07	-0,10*	-0,01	0,01	0,04	0,09	0,06	0,04	0,08	0,11*	0,32**						
13.	5,65	0,96	-0,13**	-0,19**	-0,09*	0,05	0,02	0,14**	0,16**	0,13**	0,09	0,05	0,19**	0,43**					
14.	4,60	1,03	0,06	0,05	0,13**	-0,02	0,07	0,13*	0,00	-0,02	-0,02	0,12*	0,27**	0,26**	0,11*				
15.	6,10	0,86	-0,05	-0,11*	0,11*	0,06	-0,04	0,04	0,08	0,11*	-0,02	0,01	0,24**	0,42**	0,43**	0,25**			
16.	4,95	1,40	-0,15**	-0,12*	0,01	0,05	0,26**	0,07	0,09	0,20**	0,12*	0,01	-0,08	0,17**	0,37**	0,16**	0,31**		
17.	4,88	0,52	-0,17	0,03	-0,05	0,10*	0,05	0,35**	-0,10	-0,03	0,02	0,21**	0,20**	0,21*	0,19**	0,07	0,15**	0,08	
18.	4,44	0,58	-0,05	0,02	-0,11*	0,02	0,04	0,20**	-0,11*	-0,00	-0,01	0,29**	0,12**	0,04*	-0,06	0,20**	-0,06	0,03	0,49**
			1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17

Nota¹: N=305;1. Injúria e violência física corporal; 2. Danos à saúde, sexualidade e patrimônio; 3. Controle comportamental; 4.Gênero; 5. Crenças no mundo injusto; 6. Extroversão; 7. Agradabilidade; 8. Concienciosidade; 9. Estabilidade emocional; 10. Abertura à experiências; 11. Experimentação; 12. Suprapessoal; 13. Interativa; 14. Realização; 15. Existência; 16. Normativa; 17. Assertividade nas relações interpessoais; 18. Assertividade pessoal. Nota²: ** A correlação é significativa no nível 0,01; * A correlação é significativa no nível 0,05.

Posteriormente, resolveu-se fazer uma análise de comparação das médias, com a variável gênero, para identificar qual perfil sofreu mais com a violência entre parceiro íntimo, apenas com os fatores previamente correlacionados. A partir da média de respostas dos respondentes obtidas na tabela 1, pode-se observar que pontuaram na escala de nunca ou algumas vezes. Mas, foi verificado que o gênero masculino (M = 1,15, DP = 1,20) sofreu mais violência entre parceiros íntimos por meio da injúria e violência física do que o gênero feminino (M = 1,10, DP = 0,62), o mesmo se aplica na violência controle comportamental, em que o gênero masculino (M = 1,34, DP = 1,06), sofreram algumas vezes a violência em comparação ao gênero feminino (M =1,18, DP = 0,66). Os resultados foram descritos na **Tabela 2**.

Tabela 2. *Teste de comparação de médias entre os gêneros masculino e feminino. N=305.*

	Gênero	**Média**	**Desvio padrão**	***t***	**Sig.**
I. Violência física	Masculino	1,15	1,20	2,36	0,000
	Feminino	1,10	0,62		
Danos à saúde	Masculino	1,01	0,04	-0,05	0,800
	Feminino	1,01	0,05		
C. comportamental	Masculino	1,34	1,06	3,4	0,002
	Feminino	1,18	0,66		

Subsequentemente, decidiu-se usar a regressão linear múltipla, método (enter), entre as variáveis, com intuito de testar as relações preditivas, já correlacionadas anteriormente. Foram analisados somente os fatores que foram correlacionados previamente com os comportamentos de violência. Com isso, caracterizaram-se como variáveis dependentes (a injúria e violência física corporal, danos à saúde, sexualidade e patrimônio e controle comportamental) os fatores de comportamento da violência e como variáveis independentes (gênero, personalidade [agradabilidade, estabilidade emocional], valores humanos [interativa, normativo, realização, existência, suprapessoal]).

Os achados demonstraram que os comportamentos de violência, especificamente a injúria e violência física corporal podem ser explicados pelo gênero (β = -0,11, *p* < 0,04), pela agradabilidade (β = -0,19; *p* < 0,01) e a subfunção normativa (β =-0,09, p < 0,07), marginalmente significativo. Estas explicaram conjuntamente 8% (R^2 ajustado) da variância total.

Os danos à saúde, sexualidade e patrimônio são explicados pela agradabilidade (β = -0,12; *p* < 0,02), abertura à experiências (β = 0,12, *p* < 0,02) e a subfunção interativa (β = -0,14, *p* < 0,03). Esses fatores explicaram de maneira conjunta 5% (R^2 ajustado) da variância total.

E controle comportamental foi explicada pelo gênero (β = -0,16, *p* < 0,01), pela agradabilidade (β = -0,18, *p* < 0,01), e também pelas subfunções existência (β = 0,15; *p* < 0,01, interativa (β = -0,14, *p* < 0,02), e realização (β = 0,13, p < 0,01), como também pelo comportamento assertivo pessoal (β = -0,14, *p* < 0,01). Essas explicam 13% (R^2 ajustado) da variância total. A **Tabela 3** ilustra os resultados supracitados.

Tabela 3. *Análises de Regressão Múltipla linear (enter). N=305.*

VI	R	R^2	F	Sig(f)	β	*t*	*p*
Gênero	0,31	0,09	6,34	0,001	-0,11	-1,97	0,04
Agradabilidade					-0,19	-3,24	0,01
E. Emocional					-0,05	-0,85	0,39
Normativa					-0,10	-1,81	0,07
Interativa					-0,05	-0,84	0,40
Nota: VD: Injúria e violência física corporal							
VI	R	R^2	F	Sig(f)	β	*t*	*p*
Agradabilidade	0,26	0,07	3,77	0,001	-0,12	-2,23	0,02
A.Experiência					0,12	2,22	0,02
Suprapessoal					-0,03	-0,53	0,59
Interativa					-0,14	-2,07	0,03
Existência					-0,01	-0,25	0,79
Normativa					-0,05	-0,85	0,39
Nota: VD: Danos à saúde, sexualidade e patrimônio							
VI	R	R^2	F	Sig(f)	β	*t*	*p*

Gênero	0,37	0,13	7,88	0,000	-0,16	-3,09	0,01
Agradabilidade					-0,18	-3,35	0,01
Interativa					-0,14	-2,32	0,02
Realização					0,13	2,40	0,01
Existência					0,15	2,52	0,01
A. Pessoal					-0,15	-2,68	0,01

Nota: VD: Controle comportamental

A partir dessas análises de regressões testou-se 3 modelos de mediação, apenas com as variáveis preditoras, em que dentro os fatores pessoais seguem uma hieraquia que serão mostradas de acordo com cada modelo. Realizou-se Bootstrap com 5.000 amostras simuladas para cada modelo de mediação.

Primeiro, testou-se gênero => personalidade => violência. Verificaram-se inicialmente efeitos diretos padronizados do gênero na injúria e violência física corporal (-0,13; IC 95% = -0,02; -0,24, p < 0,05). Na continuação, verificou-se que o gênero não predizia o fator injúria e violência física corporal, mediado pela agradabilidade (-0,03; IC 95% = -0,00; -0,06, p < 0,05). Verifica-se a mediação total, pois os efeitos do gênero na injúria deixam de ser estatisticamente significativos (*p* > 0,05) com a entrada da variável mediadora. Essa mediação pode ser vista na **Figura 1**.

Figura 1. *Modelo de mediação 1 com efeitos diretos padronizados.*

Em seguida testou-se o segundo modelo de mediação, fatores da personalidade (agradabilidade e abertura à experiências) => valores humanos (interativo) => violência. Verificaram-se inicialmente efeitos diretos padronizados da abertura à experiências (0,12; IC 95% = 0,23; 0,00 p < 0,05) e da agradabilidade em danos à saúde, sexualidade e patrimônio (-0,16; IC 95% = -0,05; -0,27, p < 0,005). Após isso, verificaram-se efeitos indiretos padronizados da agradabilidade em danos à saúde, sexualidade e patrimônio (-0,03; IC 95% = -0,00; -0,06, *p* < 0,005), pois com a entrada da variável mediadora (subfunção valorativa interativo) ainda existem efeitos estatisticamente significativos da agradabilidade nos danos à saúde, sexualidade e patrimônio (*p* < 0,05), tornando essa mediação parcial.

Figura 2. *Modelo de mediação 2 com os efeitos diretos padronizados.*

Por fim, testou-se um último modelo de mediação, gênero => personalidade => valores => assertividade pessoal => violência, como pode ser visto na **Figura 3.** Verificaram-se efeitos indiretos da agradabilidade (-0,02; IC 95% = -0,00; -0,05, *p* < 0,05) dos valores de existência (0,02; IC 95% = 0,05; 0,00, *p* < 0,05) e de realização (-0,03; IC 95% = -0,00; -0,07, *p* < 0,01), mediados pela assertividade pessoal no controle comportamental.

Figura 3. *Modelo de mediação 3 com os efeitos diretos padronizados.*

Discussão

Os gatilhos da agressão representam um estímulo para comportamentos violentos nas relações entre parceiros íntimos (Anderson & Bushman, 2002; Warburton & Anderson, 2015). Neste sentido objetivou-se testar as relações dos comportamentos sofridos acerca da violência entre parceiros íntimos, com os fatores pessoais (descritos pelo GAM) e com o comportamento assertivo, que também pode ser um preditor para a violência.

Para uma análise mais acurada a cerca dos instrumentos usados para alcançar o objetivo proposto do estudo, foram retirados à confiabilidade dos fatores. Alguns fatores não atingiram o necessário para ser uma medida confiável, como o fator danos à saúde, sexualidade e patrimônio, que apresentou um alfa muito abaixo em comparação ao estudo original de Lourenço e Baptista (2013), que demonstrou um alfa de 0,96.

Ressalta-se que os valores do alfa são afetados pela variabilidade da amostra (Pasquali, 2003). Mas como foi sugerido que apenas pessoas que estavam em um relacionamento pudessem

responder, talvez possa ter afetado neste parâmetro psicométrico. Com isso, verificou-se que a média dos itens apontou pouca variabilidade (M = 1,01). Esse dado não desqualifica o Instrumentos para a cultura brasileira, já que o estudo original apresentou um índice de confiabilidade 0,96. E outros fatores como as subfunções valorativas apresentaram alfas inferiores a 0,60, o que não significa que não sejam confiáveis, até por que está em consonância com estudo de Gouveia (2013), demonstrando um índice na Região Nordeste variam de 0,39 a 0,72.

Após essa fase, seguiu-se com o objetivo proposto. E o gênero é uma variável importante para se entender os fatores pessoais da violência entre parceiros íntimos (Anderson & Bushman, 2002; Xu, Kerley, & Sirisunyaluck, 2011). A violência entre parceiro íntimo é influenciada diretamente pelo gênero, mas dependendo da personalidade do indivíduo, como a agradabilidade, o gênero perde seu efeito direto na violência física e injúria, como foi observado nas análises de mediações, ou seja, o gênero é um preditor da violência, mas associado a outro fator pessoal como a personalidade, este passa a não ter influencia para que o indivíduo sofra com a violência.

E ainda, levando em consideração apenas o gênero, é visto nos estudos que o feminino é mais susceptível a ser vítima (Xu et. al., 2011; WHO, 2010; WHO, 2013). Mas, o presente estudo mostrou que o gênero masculino sofreu algumas vezes a injúria e violência física e controle comportamental em comparação ao gênero feminino, mas não se avaliou nesse estudo um aspecto importante para se entender as respostas dos participantes, que seria o estado interno (rota) ao quais os participantes (feminino) podem não ter considerado como violência os atos do parceiro, por estarem em estado de negação do sofrimento.

Os achados também demonstraram que a personalidade é um fator correlacionado, preditor da violência. E alguns traços são mais predispostos do que outros (Waburton & Anderson, 2015). Verificou-se a relação negativa entre a agradabilidade e as formas de violência, denotando que pessoas que pontuam mais em agradabilidade são menos susceptíveis a sofrerem com a violência entre parceiros íntimos. Essa correlação também foi encontrada em outros estudos (Barlett & Anderson, 2012; Paiva, Pimentel, & Moura, 2017). Nota-se que agradabilidade mediada pelo

comportamento assertivo possui efeitos indiretos nos comportamentos da violência, indicando que quanto mais se pontua em agradabilidade juntamente com o comportamento assertivo menos probabilidade tem de o indivíduo sofrer com a violência.

Não obstante, outros traços também podem ser acentuados na aceitação da violência, como a abertura à experiências e a estabilidade emocional (Barlett & Anderson, 2012). E, apesar da abertura à experiências geralmente ser correlacionada de forma negativa à violência (Barthelemy, 2005; Paiva, et. al., 2017) neste estudo, apareceu positivamente, isto indica que pessoas abertas também podem sofrer com violência, denominada por Lourenço e Baptista (2013) de danos à saúde, sexualidade e patrimônio. Esse traço, abertura à experiências, quando mediado pelo valor interativo possui efeitos indiretos nos comportamentos sofridos da violência, indicando que pessoas que endossam muito as características do valor interativo, como: afetividade, convivência, apoio social podem diante de uma personalidade aberta a experiências sofrer com a violência, por necessitar das características do valor interativo.

Por sua vez, a estabilidade emocional apresentou um relacionamento negativo, assim como esperado e ratificado pela literatura (Anderson & Bushman, 2002; Blackburn et. al., 2004; Paiva et. al., 2017; Ulloa et. al., 2016), mostrando que pessoas com instabilidade se comportam mais negativamente, experimentam mais medo, tristeza, raiva, culpa, desgosto e com isso sofrem mais com as violências físicas e psicológicas do parceiro.

Destaca-se que os tipos de violência também foram associados aos valores humanos, ou seja, existe uma relação assim como uma predição entre esses dois construtos. Os valores de orientação social (interativo e normativo) foram correlacionados com injúria e violência física corporal, isto quer dizer que os valores priorizados podem levar os indivíduos a sofrerem com este tipo de violência, já que a falta de afetividade, apoio social e a convivência tornam-se essenciais para a manutenção dessa violência.

Nascimento (2015) apresenta que pessoas que priorizam o valor normativo colaboram para atitudes favoráveis de violência, pelo fato de priorizarem a obediência, a tradição e a religiosidade,

já que são mais predispostas a autoculpabilização. E ainda, mulheres que endossaram valores de orientação central (como o suprapessoal) possuem menos atitudes favoráveis em relação à violência contra mulher. Estes dados também foram encontrados na presente pesquisa, indicando que priorizar valores como estes podem promover uma maior independência dos parceiros, ou seja, o conhecimento, a maturidade, a afetividade, podem diminuir os níveis de suporte a violência.

Além desses valores mencionados, a subfunção realização também apresentou relação e predição na violência de controle comportamental. A priorização de realização que é de orientação pessoal pode produzir uma perturbação no sistema valorativo, gerando perfis desviantes (Gouveia, 2013). Mas no caso desse estudo, a priorização deste valor foi positivamente associada a comportamentos sofridos da violência, ou seja, de acordo com o objetivo do indivíduo se priorizará mais os ganhos pessoais e materiais, contribuindo para que o indivíduo se submeta a tal relação para atingir esse fim.

E quando a relação entre a realização e a violência é mediada pelo comportamento assertivo, essa realização terá efeitos indiretos no controle comportamental, o indivíduo poderá endossar apenas as características materiais, e menos valorização de si próprio, o que sustentaria para que o indivíduo possa sofrer com a violência entre parceiros íntimos. Logra-se que o comportamento assertivo deve ser pautado no respeito a si como com o outro satisfazendo as necessidades de uma forma aceitável sem violação de direitos (Vagos, Pereira, & Arrindell, 2013; Thompson & Berenbaum, 2011).

Logo, a existência mediada pelo comportamento assertivo pessoal possui efeitos indiretos no controle comportamental, indicando que quanto mais se endossa características desse valor, saúde, estabilidade pessoal, sobrevivência possuem chances de sofrer com a violência comportamental, por priorizar aspectos pautados nas necessidades básicas e não nas necessidades pessoais. Este dado é corroborativo com autores que afirmam que não é a falta de recursos externos que fazem os homens serem mais agressivos, mas a dependência socioeconômica (Xu et. al., 2011), emocional (Rathus & O'Leary, 1997) ou até cultural e religiosa (Usta, Farver, & Pashayan, 2006).

Considerações finais

O estudo proposto testou apenas uma parte do modelo proposto por Anderson e Bushman (2002). Com isso, pelos presentes dados verificou-se que o objetivo foi alcançado e que a variável gênero, traços de personalidade e valores humanos não só foram correlacionados, como também foram preditoras do comportamento violento entre parceiros íntimos, corroborando a importância desses fatores pessoais no GAM (Anderson & Bushman, 2002).

Apesar de existirem vários estudos sobre a violência entre parceiros íntimos, ainda existe uma escassez na literatura tanto nacional como internacional a respeito dos fatores que predizem a violência entre parceiros íntimos e como eles podem ser relevantes para se entender esse fenômeno. São raros os estudos com crenças no mundo justo e o comportamento assertivo na predição dos comportamentos violentos. Embora as crenças também sejam preditoras da violência (Anderson & Bushman, 2002), o presente estudo não mostrou nenhuma relação com as crenças no mundo injusto.

O estudo apresentou algumas limitações, como: ser restrito para pessoas que estavam em relacionamento há pelo menos 2 meses, pois, existem pessoas que não estavam em algum relacionamento, mas que já sofreram violência e não puderam responder ao estudo. Outra limitação é o estudo ser realizado apenas com pessoas residentes de um único estado brasileiro. Entende-se que o Brasil possua diversidades na: linguagem, artes, normas, crenças, hábitos, tradições que se diferem a cultura regional. Diante do exposto, torna-se necessário a replicação dos achados em outras regiões brasileiras e até mesmo transculturais, ou seja, em outros países, incluindo fatores situacionais para uma análise mais acurada.

Referências

Anderson, C. A., & Bushman, B. J. (2002). Human aggression. *Annual Review of Psychology*, *53*(1), 27-51.

Aronson, E., Wilson, T., & Arket, R. (2015). *Psicologia social*. 8ª ed. Rio de Janeiro: LTC.

Barlett, C. P., & Anderson, C. A. (2012). Direct and indirect relations between the Big 5 personality traits and aggressive behavior. *Personality and Individual Differences*, *52*, 870-875. doi: 10.1016/j.paid.2012.01.029

Barthelemy, J. J. (2005). *Aggression and the big five personality factors of grades and attendance*. (Doctoral Dissertations). Retrieved from University of Tennessee, Knoxville. Accession http://trace.tennessee.edu/utk_graddiss/658/

Bègue, L. (2002). Beliefs in justice and faith in people: Just world, religiosity and interpersonal trust. *Personality and Individual Differences*, *32*, 375 - 382. doi:10.1016/S0191-8869(00)00224-5

Blackburn, R., Renwick, S. J. D., Donnelly, J. P., & Logan, C. (2004). Big Five or Big Two? Superordinate factors in the NEO five factor inventory and the antisocial personality questionnaire. *Personality and Individual Differences*, *37*, 957–970. doi: 10.1016/j.paid.2003.10.017

Cárdenas, M., Páez, D., Rimé, B., & Bilbao, A. (2014). Personal emotions, emotional climate, social sharing, beliefs, and values: among people affected and unaffected by past political violence. *Peace and Conflict: Journal of Peace Psychology*, *20*(4), 452-464.

Carleton, R. N., Mulvogue, M. K., & Duranceau, S. (2015). PTSD personality subtypes in women exposed to intimate-partner violence. *Journal of Psychological Trauma*, *7*(2), 154-161. doi: 10.1037/tra0000003

Cavalcanti, J. G.. & Pimentel, C. E. (2016). Personality and aggression: a contribution of the general aggression model. *Estudos de Psicologia/Campinas*, *33*(3), 443-451. doi: 10.1590/1982-02752016000300008

Cunha, S. C., & Pinto, R. B. (2014). *Violência doméstica. Lei Maria da Penha comentada artigo por artigo.* São Paulo: Revista dos Tribunais.

Diniz, G. R. S., & Alves, C. O. A. (2015). Gênero e violência no namoro In. Murta, G. S., Maluschke-Bucher, J. S. N. F. & Diniz, G. R. S.(Eds.), *Violência no namoro: Estudos, prevenções e psicoterapia*. (pp. 19-42). Curitiba: Appris.

Fetchenhauer, D., Jacobs, G., & Belschak, F. (2005). Belief in a just world, causal attributions, and adjustment to sexual violence. *Social Justice Research, 18* (1), 25-42. doi: 10.1007/s11211-005-3369-1

Formiga, N. S. (2002). *Condutas antissociais e delitivas: uma explicação baseada nos valores humanos.* (Dissertação de Mestrado). Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB.

Formiga, N. S., & Gouveia, V. V. (2005). Valores humanos e condutas antissociais e delitivas. *Psicologia: Teoria e Prática, 7,* 134-170.

Gouveia, V. V., Milfont, T. L., & Guerra, V. M. (2014).Functional theory of human values: Testing its content and structure hypotheses. Personality and Individual Differences, 60, 41-47. doi:10.1016/j.paid.2013.12.012

Gouveia, V. V. (2013). *Teoria funcionalista dos valores humanos: Fundamentos, aplicações e perspectivas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Hofstede, G. (1984). *Culture´s consequences: international differences in workrelated values.* Beverly Hills, CA: Sage Publications.

Inglehart, R. (1977). *The silent revolution.* Princeton: University Press.

Lerner, M. J. (1980). *The belief in a just world: a fundamental delusion.* New York: Plenum.

Lerner, M. J., & Miller, D. T. (1978). Just world research and the attribution process: looking back and ahead. *Psychological Bulletin, 85,* 1030-1051. doi: 10.1037/0033-2909.85.5.1030

Lopresto, C. T., & Deluty, R. H. (1988). Consistency of aggressive, assertive, and submissive behavior in male adolescents. *The Journal of Social Psychology,* 128(5), 619-632. doi: 10.1080/00224545.1988.9922916

Lourenço, L. M., & Baptista, M. N. (2013). Escala de violência entre parceiros íntimos (EVIPI): Manual técnico. Retrieved from http://docplayer.com.br/39884164-Escala-de-violencia-entre-parceiros-intimos-evipi-manual-tecnico.html

Marchezini-Cunha, V., & Tourinho, E. Z. (2010). Assertividade e autocontrole: interpretação analítico-comportamental. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, *26* (2), 295-304. doi: 10.1590/S0102-37722010000200011

Modesto, J. G. N. (2014) *"Nem todas as vítimas importam". A influência das crenças no mundo justo na responsabilização de vítimas de diferentes grupos sociais.* (Tese de Mestrado). Programa de Pós-graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações. Universidade de Brasília, Brasília.

Nascimento, B. S.(2015). *Atitudes frente à violência contra a mulher: o papel dos valores e da desumanização da mulher* (Tese de Mestrado). Programa de Pós-graduação em Psicologia Social. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB.

Nesbit, S.M.; Blankenship, K. L., & Murray, R. A. (2012). The influence of just-world beliefs on driving anger and aggressive driving intentions. *Agressive Behavior*, *38*, 489-402. doi: 10.1002/ab.21439

Paiva, T. T., Pimentel, C. E., & Moura, G. B. (2017). Violência conjugal e suas relações com autoestima, personalidade e satisfação com a vida. Manuscrito submetido para aprovação.

Pasquali, L. (2003). *Psicometria: teoria dos testes na psicologia e na educação*. Petrópolis: Vozes.

Pimentel, C. E., Ferreira, D. C. S., Vargas, M. M., Maynart, V. A. P., & Mendonça, D. C. (2014). Preferência por estilos de filmes e suas diferenças nos cinco fatores de personalidade. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, *9*(2), 232-244.

Pimentel, C. E., Gunther, H., & Black, P. U. V. (2012). Acessando o medo do crime: um *survey* por meio da internet. *Psicologia Argumento*, *30*(69), 411-421.

Poon, K., & Chen. Z. (2014). When justice surrenders: the effect of just-world beliefs on aggression following ostracism. *Journal of Experimental Social Psychology*, *52*, 101–112. doi: 10.1016/j.jesp.2014.01.006

Rathus, J. H., & O'Leary, K. D. (1997). Spouse-specific dependency scale: scale development. *Journal of Family Violence*, *12*(2), 159-168. doi:10.1023/A:1022884627567

Rokeach, M. (1981). *Crenças, atitudes e valores*. Rio de janeiro: Interciência.

Santos, W. S., & Lopes, G. S. (2016). Psicologia criminal e prioridades axiológicas. In V., Gouveia (Ed.). *Teoria funcionalista dos valores humanos*. (v.1, pp.69-82). São Paulo: Vetor.

Secretaria de Políticas para as Mulheres. (2015). *Balanço 1° semestre de 2015: ligue 180. Central de atendimento à mulher*. Governo Federal Brasil. Disponível online (5.5.16) de: http://www.spm.gov.br/assuntos/violencia/ligue-180-central-de-atendimento-a-mulher/balanco1sem2015-versao-final.pdf

Schry, A. R., & White, S. W. (2013). Understanding the relationship between social anxiety and alcohol use in college students: a meta-analysis. *Addictive Behaviors*, *38* (11), 2690-706. doi: 10.1016/j.addbeh.2013.06.014.

Schwartz, S. H. (2006).A Theory of Cultural value orientations:explication and applications. *Comparative Sociology*,2(2-3), 137-180. doi: 10.1163/156913306778667357

Sharpe, J. P., & Desai, S. (2001). The revised Neo personality inventory and the MMPI-2 psychopathology five in prediction of aggression. *Personality and Individual Differences*, *31*, 505–518. doi: 10.1016/S0191-8869(00)00155-0

Sundberg, R. (2014). Violent values: exploring the relationship between human values and violent attitudes. *Peace and Conflict: Journal of Peace Psychology*, *20* (1), 68-83. doi: 10.1037/a0035651

Tremblay, P. F., & Ewart, L. A. (2005). The buss and Perry aggression questionnaire and its relations to values, the big five, provoking hypothetical situations, alcohol consumption

patterns, and alcohol expectancies. *Personality and Individual Differences*, *38*, 337–346. doi: 10.1016/j.paid.2004.04.012

Ulloa, E. C., Hammett, J. F., O'Neal, D. N., Lydston, E. E., & Aramburo, L. F. (2016).The big five personality traits and intimate partner violence: findings from a large, nati onally representative sample**.** *Violence and Victims*, *31*(6), 1100-1116. doi: 10.1891/0886-6708.VV-D-15-00055

Usta, J., Farver, J. A. M., & Pashayan, N. (2006). Domestic violence: the lebanese experience. *Public Health*, *121*, 205-219. doi:10.1016/j.puhe.2006.09.014

Vagos, P., Pereira, A., & Arrindell, W. (2013). Validação da versão reduzida da escala de comportamento interpessoal para adolescentes portugueses. *Psicologia Reflexão e Crítica*, *27*(3), 452-461. doi: 10.1590/1678-7153.201427305

Ventura, M. C. A. A., Frederico-Ferreira, M. M., & Magalhães, M. J. S. (2013). Violência nas relações de intimidade: crenças e atitudes de estudantes do ensino secundário. *Revista de Enfermagem Referência*, *3*(11), 95-113. doi: 10.12707/RIII12120

Xu, X., Kerley, K. R., & Sirisunyaluck, B. (2011). Understanding gender and domestic violence from a sample of married women urban Thailand. *Journal of Family Issues*, *32* (6), 791–819. doi:10.1177/0192513X10386306

Warburton, W., & Anderson, C. (2015). On the clinical applications of the general aggression model to understanding domestic violence. In. R. A. Javier & W. G. Herron (Eds.) *Understanding domestic violence: Theories, challenges, remedies*. (pp.1-56). USA: Rowman & Littlefield Publishers.

World Health Organization (WHO). (2010). *Preventing intimate partner and sexual violence against women: taking action and generating evidence*. Geneva, Switzerland: World Health Organization. Retrieved from: http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/44350/1/9789241564007_eng.pdf?ua=1

World Health Organization (WHO). (2013). *Global and regional estimates of violence against women: prevalence and health effects of intimate partner violence and nonpartner sexual violence*. Italy: World Health Organization. Retrieved from: file:///C:/Users/sempt/Downloads/WHO%252c2013a.pdf

Artigo 3

ADAPTAÇÃO E VALIDAÇÃO DA ESCALA DE VIOLÊNCIA ENTRE PARCEIROS ÍNTIMOS: VERSÃO DO VIOLENTADOR

Tamyres Tomaz Paiva

Universidade Federal da Paraíba

Carlos Eduardo Pimentel

Universidade Federal da Paraíba

Nota dos autores: Este trabalho foi realizado com o apoio da Capes que formentou a bolsa de mestrado para a orientanda.

Resumo

A violência entre parceiros íntimos é definido como qualquer comportamento que cause algum dano físico, psicológico, sexual e comportamentos controladores. Objetivou-se adaptar e validar a escala para medir a frequência dos comportamentos praticados entre os parceiros íntimos. Fez-se 2 estudos, o primeiro, contou com 280 respondentes, e consistiu na adaptação dos itens e análise dos componentes principais, ao qual demonstrou a existência de 3 fatores (abuso psicológico, físico e controle comportamental), com alfas variando entre 0,80 e 0,85. No segundo estudo, 218 pessoas participaram, apresentando bons índices de ajuste [$\chi^2(249) = 282{,}14$, $p = 0{,}000$; CFI = 0,99; SRMR = 0,11; SMR = 0,05; TLI = 0,99 e RMSEA (IC 90%) = 0,01 (0,02 – 0,03)]; GFI = 0,99; AGFI= 0,92]. Neste estudo fez-se uma versão mais curta e parcimoniosa da escala. Portanto, a escala apresentou propriedades psicométricas satisfatórias, avaliando apenas a validade de construto a partir da análise fatorial, com índices de precisão dentro dos padrões.

Palavras-chave: Escala; violência; adaptação; VPI.

Abstract

Violence among intimate partners is defined as any behavior that causes physical, psychological, sexual, and controlling behavior. The objective was to adapt and validate the scale to measure the frequency of behaviors practiced between intimate partners. There were 2 studies, the first one, with 280 respondents, and it consisted in the adaptation of the items and analysis of the main components, which demonstrated the existence of 3 factors (psychological, physical abuse and behavioral control), with alphas varying between 0, 80 and 0.85. In the second study, 218 people participated, presenting good adjustment indexes [χ^2 (249) = 282.14, p = 0.000; CFI = 0.99; SRMR = 0.11; SMR = 0.05; TLI = 0.99 and RMSEA (CI 90%) = 0.01 (0.02-0.01)]; GFI = 0.99; AGFI = 0.92], this study made a shorter and more parsimonious version of the scale. Therefore, the scale presented satisfactory psychometric properties, evaluating only the construct validity from the factorial analysis, with indices of precision within the standards.

Keywords: Scale; violence; adaptation; VIP.

Introdução

A violência entre parceiros íntimos está presente desde as eras primitivas perdurando até a sociedade contemporânea, sem restrição a nenhuma camada social, de gênero, etnia e cultura [World Health Organization (WHO), 2010]. Essa mesma violência é um marco conceitual definido como qualquer comportamento que cause algum dano físico, psicológico, sexual e comportamentos controladores ao parceiro com quem mantém ou manteve um relacionamento íntimo [World Health Organization (WHO), 2012].

A violência física ou abuso físico é definido como qualquer comportamento que cause dano corpóreo, lesões, ou até mesmo a morte do parceiro. Esses comportamentos físicos são geralmente visíveis e sentidos pelo parceiro de maneira violenta, como: queimaduras, socos, puxões de cabelo, empurrões, dentre outros (Warburton & Anderson, 2015). A violência sexual é caracterizada como qualquer ato forçado ao parceiro, que vise estimular a excitação sexual (práticas eróticas e/ou pornográficas), mesmo sem o contato carnal ou a penetração [World Health Organization (WHO), 2010]. Este também pode ser induzir risco a saúde sem deixar que o parceiro use preservativo, obrigando-os a estarem em situação de vulnerabilidade [Organização Mundial de Saúde (OMS), 2010].

A violência psicológica ou abuso psicológico é definido como qualquer conduta que humilhe e degrade a imagem do parceiro (Minayo, 2006). Pode ser também considerado uma agressão emocional, mas não se constitui apenas isso, é uma forma de coagir ou ameaçar por meio da moral (Cunha & Pinto, 2014). E o controle comportamental é definido pela privação do parceiro a amigos, alimentos, recursos econômicos, dentre outros (Lourenço & Baptista, 2013; Warburton & Anderson, 2015).

Geralmente nenhuma violência ocorre de maneira isolada, o que se nota é um parceiro (vítima) sofrer com mais de um tipo da violência, por exemplo, começa com a psicológica passando também para a esfera do controle comportamental, até chegar à física. Quanto à violência sexual

esta ocorre de maneira invisível já que a maioria dos casos ocorre dentro dos lares, por seus próprios companheiros, cônjuges, namorados e outras denominações (WHO, 2013).

Estudos realizados em 10 países mostrararm que existe uma associação entre comportamentos controladores dos parceiros e o risco de a mulher sofrer a violência (Garcia-Moreno, et. al., 2006). Segundo a World Health Organization (WHO) (2012), os percentuais de mulheres agredidas variam conforme o país. No Paraguai e nas Filipinas, foram 10%, nos Estados Unidos foram 22,1%, no Canadá 29% e no Egito 34,4% sofreram agressão física. No que se refere à violência sexual, 15,3% foram relatas por mulheres em Toronto, Canadá 21,7% em Léon na Nicarágua e 23% em Londres e Inglaterra.

O parceiro agressor em sua maioria são pessoas próximas, podendo ser o/a atual o/a ex-companheiro/a, cônjuge ou namorado/a (Lourenço & Baptista, 2013; Waiselfisz, 2015). E quase 49% dos casos, voltam a reincidir (Waiselfisz, 2015), por acreditarem em uma mudança comportamental do parceiro, ou seja, eles passam para uma fase chamada de lua-de-mel, onde os companheiros pensarão estarem satisfeitos no relacionamento (Day, et. al., 2003; Fonseca & Lucas, 2006).

Os prejuízos da violência para vítima são nefastos, pesquisa realizada nos EUA, mostrou que a violência física sofrida pelos pais quando criança foi associada ao menor bem-estar psicológico ($b = -0,25$, $p \leq 0,05$). Esses resultados indicaram que, independente da frequência ou da natureza da violência, sempre irá afetar o bem-estar psicológico na idade adulta (Greenfield & Marks, 2010). Dados de Oliveira, et. al., (2009), indicaram que ser a vítima está associado à baixa renda, com prevalência de 12,6% entre sujeitos com renda abaixo de R$ 150,00 reais. E ser agressor estava associado à idade, sendo que as maiores prevalências foram observadas entre aqueles com até 30 anos (7,0%) e entre 30 e 39 anos (9,3%).

O Brasil ocupa a (7º) posição, com maior indicativo nas faixas etárias de 20 a 29 anos, com percentual de 7,7% em 100 mil mulheres. De acordo Sistema de Informações de Mortalidade – SIM que avalia a taxa de mortalidade pela declaração emitida de óbito, em 2010, o Estado da Paraíba

ocupava o (4°) lugar na classificação dos homicídios de mulheres em comparação a outros estados, ficando abaixo apenas de Espírito Santo com 9,4%, Alagoas com 8,3% e Paraná com 6,3% (Waiselfisz, 2012).

O menor índice se encontra no estado do Piauí com 2,6% (Waiselfisz, 2012). Um leve decréscimo aparece nas taxas referentes ao estado da Paraíba, já que atualmente encontra-se em (6°) lugar na classificação dos homicídios a cada 100 mil mulheres, e João Pessoa está em 3° lugar referente a estas taxas com percentual de 10,5% de homicídios (Waiselfisz, 2015). E apesar da Lei Maria da Penha, observa-se um crescimento de 2004 a 2014 de 11,6%, demonstrando uma dificuldade na fiscalização das políticas públicas e na segurança dessas mulheres (Cerqueira, et. al., 2016).

Medidas de violência entre parceiros íntimos (VPI)

Diante dos dados apresentados e da relevância do tema, têm-se observado um movimento de validação e criação de escalas que avalie a violência entre parceiro íntimo. Mas nenhuma delas avalia a violência entre parceiros íntimos a partir da definição operacional da WHO (2010), aos quais as divide em: abuso físico, psicológico, sexual e controle comportamental. A seguir serão apresentadas algumas escalas usadas mundialmente.

A *Checklist of Controlling Behaviors (CCB),* construída por 101 itens e validada com 84 itens nos Estados Unidos está distribuída em 10 fatores: (1) abuso físico, (2) abuso sexual, (3) privilégio masculino, (4) isolamento, (5) minimização e negação, (6) culpa, (7) intimidação, (8) ameaças, (9) abuso emocional, e (10) abuso econômico. É apenas usada para mulheres, já que sua validação foi com 2,135 mulheres refugiadas no norte do Texas. Os alfas da escala variaram de 0,85 a 0,94 (Lehmann, Simmons, & Pillai, 2012).

Na Suécia, a *Violence Against Women Instrument (VAWI)* foi construída com base na WHO (2010), com o propósito de comparar resultados mundialmente, de acordo com os fatores. Essa é composta por 13 itens, distribuídas em 3 fatores de violência: psicológica, física e sexual. Os alfas

variaram de 0,72 a 0,80 para as mulheres e de 0,74 a 0,88 para os homens (Nybergh, Taft, & Krantz, 2012). Já no Vietnã, houve a construção e validação da *Attitudes About Intimate Partner Violence Against Women*, unifatorial, composta por 9 itens, apresentaram bons índices de ajuste (RMSEA = 0,06; CFI = 0,95; TLI = 0,93). Essa foi composta por 1,055 participantes que estavam casados quando responderam (Yount, et. al., 2014).

O *Indice de Severidad de Violencia de Pareja (ISVP)*, composta por 27 itens, distribuídas em 4 fatores: psicológica, física, física severa e sexual. A escala total atingiu um alfa de 0,99 considerado muito satisfatório. E construído e validado por 26,042 mulheres no México (Valdez-Santiago 2004).

E a Escala de Tácticas de Conflitos (CTS), desenvolvida por Straus (1979) e validada para o Brasil por Moraes e Hasselmann (2003), contando com a participação de 517 casais. Os 18 itens se distribuem em 4 fatores: argumentação, agressão verbal, agressão física menor e agressão física grave, com coeficientes variando entre 0,34 e 0,82. Ou também é usado a *Conflict Tactics Scales* ou Escala táticas de conflitos revisada (CTS2) desenvolvida por Straus, Hamby, Boney-McCoy e Sugarman, (1996) e validada para o Brasil por Moraes, Hasselmann e Reichenheim (2002), composta por pares de itens, distribuídos em 9 fatores: coerção sexual grave, coerção sexual menor, violência física grave, violência física menor, injúria grave, injúria menor, negociação, agressão psicológica, agressão psicológica menor. Foi validada por 774 mulheres, com alfas variarando entre 0,65 e 0,82.

A escala violência entre parceiros íntimos, construída e validada para o Brasil por Lourenço e Baptista (2013), composta por 53 itens distribuídos em 3 fatores: injúria e violência física corporal, danos à saúde, sexualidade e patrimônio e controle comportamental, com alfas variarando entre 0,88 e 0,97, validada por 847 pessoas. Esta medida foi desenvolvida para aplicações em contextos clínicos, escolar e jurídicos, próprio para vítimas de violência entre parceiros íntimos.

Estas escalas apresentam medidas adequadas para o estudo acerca da violência, mas não se adéquam ao objetivo que é adaptação e validação de uma escala que avalie a frequência do uso da

violência entre parceiros íntimos. Levando em consideração que se defina conforme a WHO (2010), para futuras comparações nacionais de dados, bem como um instrumento que sirva para nortear políticas públicas que minimizem o uso dessas violências no meio social.

Estudo 1

Método

Participantes

Participaram desse estudo 280 respondentes residentes do Estado da Paraíba, com idades entre 18 e 58 anos (*M* = 26,83, *DP* = 6,93). A maioria é do sexo feminino (70,8%), heterossexuais (88,6%), autodeclarado solteiros (75,1%), que estão em um relacionamento namoro/noivado (38, 2%), entre de 1 ano e 1 mês a 5 anos (44,8%). Também se declaram com ensino superior completo (39,9%), pouco religioso (54,1%) e de classe média (61,6%).

Instrumentos

Foi usada como base para a adaptação dos itens a escala de violência entre parceiros íntimos, construída por Lourenço e Baptista (2013). Esta é composta por 53 itens distribuídos em 3 fatores: Injúria e violência física corporal (versão original α=0,97), (ex., Me humilhou); Danos à saúde, sexualidade e patrimônio (versão original α= 0, 96), (ex., Me queimou) e Controle comportamental (versão original α= 0,88), (ex., Me proibiu de sair de casa sozinha).

A versão do estudo foi constituída de forma similar a versão a Lourenço e Baptista (2013), mas os comportamentos são direcionados para violências praticadas, ou seja, próprio para violentadores, e a versão escala original de Lourenço e Baptista (2013) se referiam a comportamentos de violência sofridos, ou seja, próprio para vítimas. Adaptando também o tempo de relacionamento como critério para responder a escala, os indivíduos teriam que ter passado ou está há pelo menos um mínimo de 2 meses de relacionamento amoroso. Esses itens variam numa escala de 1 nunca a 5 sempre.

Usou-se o questionário sócio-demográfico para caracterização dos respondentes, aos quais abarcava questões como: idade, sexo, estado civil, religiosidade, dentre outros.

Análise Semântica

Esta, no que lhe concerne, passou por uma validação semântica como qualquer escala de construção. Contou-se com cinco estudantes de graduação do curso de psicologia de períodos iniciais. Esta etapa consistia em ler e explicar para o pesquisador as instruções e os itens, de modo a comprovar a clareza dos itens e da instrução.

Procedimentos

Inicialmente foi apresentado o projeto ao Comitê de Ética da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), para emissão do parecer favorável (CAAE: 60905716.2.0000.5188). Com isso, prosseguiu-se para aplicação do instrumento de forma online através de redes sociais (ex., facebook, e-mails), em pessoas que já tinham se relacionado amorosamente com outra pessoa. O formulário online foi respondido após aceitarem o termo de esclarecimento livre e esclarecido (TCLE). Seguiram-se as recomendações Resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde, informando aos respondentes que a participação na pesquisa era de caráter voluntário, sem receber nenhum retorno financeiro, garantindo também o sigilo e a confidencialidade das informações individuais, preservando a identidade dos respondentes. Ficou esclarecido aos participantes que a pesquisa não envolveria nenhum risco à saúde e integridade biopsíquica, moral espiritual.

Análise dos dados

Os dados foram analisados pelo programa estatístico IBM SPSS *Statistics* (versão 21), através de estatísticas descritivas e análise dos componentes principais. Em sequência realizou-se uma análise paralela com uma sintaxe. Além disso, realizou-se uma correlação de Pearson entre os fatores da escala e o cálculo do coeficiente alfa de Cronbach.

Resultados

Foi realizado inicialmente uma análise dos componentes principais para extração dos fatores da escala de EVPI. Extraiu-se o índice de *Kayser-Meyer-Olkin* (KMO), satisfatórios de 0,79. E o teste de esfericidade de *Bartlett* se apresentou também significativo [$\chi 2$ (138) = 6027,50, p < 0,001]. As comunalidades, por sua vez, variaram entre h > 0,54 (item 14) a h < 0,77 (item 10), sendo consideradas satisfatórias.

O gráfico de sedimentação (*Scree Plot*), demonstrou a existência de 4 fatores como pode ser visto na **Figura 1**. Mas, através do critério de Kaiser, verificou-se a existência de 16 fatores com valores próprios (eigenvalues) iguais ou superiores a 1, ou seja, variando de 9,35 a 1,03. Mas, os itens não estariam distribuídos adequadamente com a literatura, mesclando itens da violência psicológica com violência sexual e outros tipos de violências.

Figura 1. *Gráfico de distribuição dos valores próprios nos possíveis componentes.*

Procedeu-se com a análise paralela ou critério de Horn, devido a sua robustez, com 1.000 simulações e 95% de confiança, ao qual buscou verificar a existência dos fatores como determina a literatura, examinando as comparações através do Critério de Kaiser, dos valores eigenvalues com a análise paralela. Comparando os dois modelos, a análise paralela apresentou a existência de 7

fatores, ao qual não daria suporte ao objetivo proposto pelo estudo segundo a classificação da WHO(2010). A **Tabela 1** mostra os valores próprios comparados.

Tabela 1. *Comparação do critério de Kaiser e do critério de Horn*

Componentes	Análise Fatorial		Análise Paralela	
	Valor Próprio	% da Variância	Componentes	Valores Próprios
1	9,57	18,07	1	1,96
2	3,62	6,83	2	1,87
3	2,73	5,16	3	1,79
4	2,38	4,49	4	1,73
5	1,98	3,73	5	1,68
6	1,81	3,41	6	1,62
7	1,64	3,11	7	1,57
8	1,54	2,91	8	1,55

Desta forma, resolveu-se testar um modelo fixado em 4 fatores com rotação oblíqua (*oblimin*), dada a hipótese de que os fatores são correlacionados, ao qual deveria agrupar nas 4 categorias de violência, mas os itens não se agruparam conforme a definição operacional da WHO(2010). Assim, foi feita um novo modelo, fixando em 3 fatores, ao qual os itens se agruparam adequadamente conforme a literatura proposta, faltando apenas itens que representassem a violência sexual, já que esta é uma violência pouco relatada pelos respondentes e seus itens apresentaram cargas fatoriais abaixo de 0,30.

Adotando-se esse critério da carga fatorial ser igual ou superior a |0,30|, reuniu-se 16 itens no fator 1 (abuso psicológico), explicando 17,99% da variância; no fator 2 (abuso físico) também se reuniram 16 itens, explicando 6,82 da variância e no fator 3 (controle comportamental), reuniu-se 9 itens explicando 5,16% da variância. Após a análise dos componentes principais, excluíram-se itens com cargas fatoriais abaixo de 0,30. Neste sentido, foram excluídos 12 itens: 48, 24, 1, 30, 47, 26, 15, 8, 11, 18, 19, 50, restando 41 itens listados na tabela abaixo. Além disso, no poder

discriminativo dos itens, estes apresentaram respostas extremadas, ou seja, sem variação nos padrões de respostas, não discriminando os respondentes.

***Tabela 2**: Estrutura fatorial da escala de violência entre parceiro íntimo (EVPI)*

Itens	Fatores (λ)		
	1	**2**	**3**
32.Desvalorizei ele (a)	**0,63**	-0,11	0,10
45.Fiz piadas maldosas dele (a)	**0,60**	-0,03	0,02
51.Ameacei os filhos ou pessoas que ele (a) gosta	**0,58**	0,03	-0,28
35.Ameacei com palavras ele(a)	**0,56**	-0,25	0,13
44.Obriguei ele/ela a se exibir para mim	**0,56**	-0,04	-0,22
43.Acusei ele/ela falsamente de alguma coisa	**0,56**	-0,1	0,04
31.Critiquei a aparência dele (a)	**0,54**	-0,02	0,23
46.Humilhei ele/ela	**0,54**	-0,19	0,04
49.Tranquei ele/ela dentro de casa	**0,53**	0,07	-0,18
20.Chantageei ele(a)	**0,53**	-0,05	0,14
34.Desprezei ele(a)	**0,53**	-0,15	0,05
17.Obriguei a me dar dinheiro	**0,53**	0,00	-0,08
9.Impedir ele(a) de sair de casa	**0,51**	0,07	0,25
53.Xinguei ele/ela	**0,44**	-0,37	0,07
21.Gritei com ele/ela	**0,43**	-0,32	0,30
39.Critiquei ele(a)	**0,43**	-0,05	0,31
48.Critiquei o desempenho sexual dele (a)	0,24	-0,07	0,19
24.Deixei de cuidar dele (a) quando precisei	0,23	0,04	0,06
1.Roubei o dinheiro dele (a)	0,18	0,03	0,04
30.Obriguei a fazer sexo comigo	0,11	-0,01	0,04
47.Ameacei ele/ela com arma de fogo	-0,07	-0,01	-0,03
10.Dei socos nele (a)	0,01	**-0,73**	-0,01
4.Espanquei/surrei ele(a)	-0,07	**-0,72**	0,02
40.Bati com objetos (vassoura,corda, ferro de passar, panelas ou outras coisas)	0,20	**-0,62**	-0,17
42.Invadi o local de trabalho dele (a)	-0,10	**-0,60**	0,12
27.Joguei coisas nele (a)	0,07	**-0,59**	-0,06
37.Chutei ele/ela	0,04	**-0,58**	-0,13
23. Ameacei com uma faca ou algum outro objeto	0,01	**-0,57**	0,00
41. Expulsei ele/ela casa	0,33	**-0,56**	-0,09
33. Tentei enforcá-lo (a)	-0,02	**-0,53**	0,00
16. Machuquei fisicamente ele/ela	0,03	**-0,53**	0,12
6. Dei tapas nele (a)	0,15	**-0,48**	0,28
3. Obriguei a consumir drogas	0,15	**-0,47**	0,00
2. Ameacei matar ele (a)	0,09	**-0,46**	0,04
36. Tentei envenená-lo (a)	-0,05	**-0,41**	-0,00

29. Empurrei ele /ela	0,33	**-0,41**	0,05
14. Queimei ele(a)	-0,03	**-0,32**	-0,01
26. Cortei ele(a)	0,05	0,05	-0,01
15. Tentei matá-lo (a)	0,04	0,04	-0,04
38. Invadi redes sociais na internet sem permissão (instagram, facebook, whatsapp e outras)	0,06	-0,06	**0,72**
13. Apaguei os arquivos do computador dele (a)	-0,08	-0,16	**0,68**
12. Vigiei ele/ela	0,15	-0,03	**0,68**
22. Mexi no celular dele (a) sem permissão	0,19	-0,08	**0,63**
25. Impedi de acessar sites na internet	-0,02	0,02	**0,53**
7. Proibir ele/ela de sair sozinho(a)	0,34	-0,04	**0,50**
5. Falei mentiras sobre ele/ela	0,17	0,05	**0,49**
28. Tirei dinheiro dele(a) para minhas necessidades básicas	0,00	0,04	**0,38**
52. Impedi de conviver com os familiares dele (a)	-0,04	-0,02	**0,37**
8. Puxei o cabelo dele (a)	0,03	-0,20	0,28
11. Destruir os objetos dele (a)	0,01	-0,10	0,27
18. Obriguei ele(a) a ver materiais pornográficos	0,02	0,13	0,26
19. Obriguei ele(a) a ingerir álcool	0,09	0,12	0,24
50. Privei ele/ela de se alimentar	0,01	0,02	-0,02
Número de itens	16	16	9
Valor Próprio	9,53	3,61	2,73
Variância Explicada (%)	17,99	6,82	5,16
Alfa de Cronbach	0,85	0,81	0,80

Nota: Fator 1 (Abuso psicológico); Fator 2 (Abuso físico); Fator 3 (Controle comportamental); λ = Carga fatorial.

Buscou-se também verificar a consistência interna dos fatores, apresentando alfas de variando de 0,80 a 0,85 sendo estatisticamente satisfatório. A escala total apresentou um alfa de 0,90. Tais fatores também foram diretamente correlacionados e positivos, através do teste de significância unicaudal. O abuso físico e psicológico foi correlacionado apresentando r = 0,53; o abuso físico e controle comportamental apresentaram correlações de r = 0,35; e abuso psicológico e controle comportamental apresentaram r = 0,54, todos ao nível de $p < 0,01$.

E se tratando da comparação das médias dos fatores, percebe que os participantes não cometeram violência entre seus parceiros de maneira frequente, mas o controle comportamental (*M* = 1,55, *DP* = 0,56) obteve a maior média, seguido de abuso psicológico (*M* = 1,42, *DP* = 0,40) e abuso físico (*M* = 1,10, *DP* = 0,19).

Discussão Parcial

A análise estatística realizada permitiu comprovar a validade de construto, dada à hipótese de legitimar a representação comportamental por meio dos traços latentes (Pasquali, 2009). Observa-se um índice de consistência interna satisfatório, α = 0,90 e a escala geral apresentou índices variando entre 0,80 e 0,85 nos fatores, o que demonstra ser coerente com a literatura (Oviedo & Campo-Arias, 2005; Pasquali, 2010). A fim de suprir as limitações que análise dos componentes principais, foi realizada uma segunda análise para confirmação dos achados.

Estudo 2

Método

Participantes

A amostra foi constituída de 218 participantes, da região do nordeste (52,3%), com idades entre 18 e 60 anos (*M* = 28,59, *DP* = 6,95). A maioria é do sexo feminino (83%), heterossexuais (87,2%), autodeclarado solteiros (62,4%), mas que estão em um relacionamento de namoro/noivado (38,5%), entre 5 a 9 anos (21,1%). Eles também estão no nível de pós-graduação (53,2%), poucos religiosos (56%) e de classe média (52,3%).

Instrumentos

Foi usada a escala construída no estudo 1, composta por 41 itens, que exibem comportamentos praticados. E um questionário sociodemográfico composto por questões como: idade, sexo, estado civil, grau de religiosidade, dentre outros.

Procedimentos

Os questionários foram aplicados através de redes sociais e de correios eletrônicos (ex., facebook, e-mails), iniciados após aceitarem o TCLE. Seguiu-se, as recomendações Resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde, esclarecendo que não estariam sujeitos a nenhum risco biopsicossocial e o pesquisador esclareceria quaisquer dúvidas.

Análise de dados

Usou-se o programa estatístico IBM SPSS *Statistics* (versão 21), para calcular a frequência do questionário sociodemográfico, a fim de caracterizá-la. E para realização da Análise Fatorial Confirmatória (AFC), optou-se pelo programa *Analysis of Moment Structures* (AMOS, versão 21), considerando como entrada a matriz de covariâncias, tendo sido empregado o estimador de máxima verossimilhança (ML). Também fez uso da linguagem R 3.4.2, com estimador de mínimos quadrados ponderados robustos ajustados pela média e variância (WLSM).

Resultados

A partir do que já foi calculado, buscou-se validar a estrutura fatorial exposta no estudo 1, testou-se a mesma estrutura no estudo 2, através da modelagem por equações estruturais, tendo sido empregado o estimador de ML (*Maximum Likelihood).* Com isso, utilizaram-se os 41 itens e três fatores para verificação das saturações/cargas fatoriais (lambdas [λ]).

Essa análise considerou os índices de ajustamento para aferir a qualidade do modelo: ratio $\chi 2$ /df < 3 e aceitável se inferior a 5 (Marôco, 2010), o Comparative Fit Index (CFI) e o TLI (*Tucker Lewis Index*), índices comparativos do modelo, ambos consideram > 0,90 indicam bom ajuste (Hu & Bentler, 1999); o RMSEA (*Root-Mean-Square Error of Aproximation*) < 0,05, mas pode ser aceitado até 0,08; e o SRMR (*Standardized Root Mean Square Residual*) < 0,10 são indicativos de boa qualidade de ajuste (Byrne, 2012; Kline, 2015).

Neste sentido, a testagem com 3 fatores, obtiveram $\chi 2$ /df= 3,71; CFI= 0,63; TLI= 0,61; RMSEA = 0,11(IC-90%: 0,10 - 0,11); SRMR = 0,05; GFI = 0,59. Como pode ser visto, o CFI e TLI estão abaixo do considerado. Além disso, seu coeficiente interno apontou α variando 0,80 a 0,91, e para escala total α = 0,93, mostrando-se estatisticamente satisfatórios.

Este modelo, porém, apresentou fidedignidade, mas não validade, seus índices de ajustes muito baixos, fora do aceitável pela literatura. Com isso, resolveu-se verificar a qualidade dos itens da escala. Neste processo foi usada à linguagem do "R", testando uma estrutura mais harmônica com um novo modelo mais coerente estatisticamente, através do modelo da teoria de resposta ao

item TRI, com um parâmetro logístico *Rasch*, politônicos, verificando a discriminação e a dificuldade dos itens.

Neste sentido, os itens 32, 45, 44, 43, 31, 53, 21, 39 do primeiro fator (abuso psicológico), 42, 37, 33, 6, 3, 36, 14 do segundo fator (abuso físico) e o item 7 do terceiro fator (controle comportamental), apresentaram baixa discriminação, ou seja, é a capacidade de o item diferenciar as pessoas. Os parâmetros de discriminação (*a*) obtiveram um *theta* variando de 0,1 (item 39) e 0,8 (item 32). Também se avaliou a dificuldade (*b*) dos itens que foram excluídos ao qual variou entre 0,9 (item 6) fácil e 3,20 (item 45) difícil. Para melhor detalhamento da exclusão, ver **figura 2,** quanto à discriminação dos itens**.**

Figura 2. *Curvas de informação dos 41 itens da EVPI*

Seguiu-se elaborando uma nova versão da escala mais parcimoniosa, passando de 41 itens para 25 itens, aos quais contribuem ativamente neste processo de discriminação e dificuldade do traço latente, deixando apenas itens com a curva de θ (*theta*) que representem graficamente a contribuição do traço latente no construto, abaixo de 2. Seus índices de ajustes passaram a ser melhores com a exclusão dos itens obtendo: $\chi 2$ /df= 2,08; CFI= 0,94; TLI= 0,95; RMSEA = 0,07(IC-90%: 0,06 - 0,07); SRMR = 0,16, o que demonstra ser mais adequado estatisticamente.

A partir disso, foi feita uma análise confirmatória utilizando o estimador WLSMV que é uma versão robusta do *weighted least squares*, para verificar a tridimensionalidade encontrada no estudo 1, através da análise dos componentes principais. Os índices da versão reduzida melhoraram consideravelmente, [$\chi^2(249) = 282{,}14$, $p = 0{,}000$; CFI = 0,99; SRMR = 0,11; SMR = 0,05; TLI = 0,99 e RMSEA (IC 90%) = 0,01 (0,02 – 0,03)]; GFI = 0,99; AGFI= 0,92]. Os pesos fatoriais (Lambdas – λ), foram diferentes de zero, variaram entre 0,03 (item 51) e 0,90 (item 41). As correlações entre os fatores foram acima de 0,30, variando de 0,38 (abuso físico e controle comportamental) a 0,70 (abuso fisco e abuso psicológico). Os coeficientes desta estrutura apresentaram 0,77 para abuso psicológico, 0,90 para abuso físico e 0,81 para controle comportamental foi de 0,81. A escala total apresentou um $\alpha = 0{,}90$. Ver **figura 3.**

Figura 3. *Estrutura fatorial da EVPI*

Discussão parcial

A análise confirmatória através da máxima verossimilhança não deu índices de ajustes considerados bons para manter o modelo coerente com a literatura. Com isso, recorreu-se ao estimador WLSMV, para uma análise mais robusta, e logo se considerou como positivo os índices de ajustes. Segundo Flora e Curran (2004) afirmam que o estimador WLSMV tem um bom desempenho com amostras menores e maiores de 200 participantes, produzindo melhores testes estatísticos, parâmetros estimados e erros padrões para o modelo AFC. Alguns itens foram excluídos por demonstrarem thetas menores que 2, graficamente, ou seja, a curva não mostrou

nenhuma contribuição intensa no construto, por isso esses itens foram eliminados da escala final. Segundo Nakano, Primi e Nunes (2015) a elevada discriminação colabora para uma precisão da medida adequada, logo devem deixar apenas itens que apresentem boas propriedades psicométricas.

Discussão

O objetivo deste estudo é a adaptação e validação da escala de violência entre parceiros íntimos, versão do violentador. Além disso, nenhuma escala nacional e nem internacional se adéqua as definições operacionais da WHO (2010), usadas para avaliar comportamentos de agressores em um relacionamento.

O primeiro estudo, pautou-se na adaptação de uma escala que abarcasse as 4 dimensões da violência entre parceiros intimo. Os itens foram baseados na escala de violência entre parceiros íntimos de Lourenço e Batista (2013), recentemente publicados para fins clínicos e jurídicos, mas que é usada na identificação dos comportamentos sofridos por vítimas de violência.

A escala atual é uma versão própria para violentadores de parceiros, usada apenas para fins de pesquisa. Logo, a partir da análise dos componentes principais, observou-se que os itens não se agruparam como foi proposto pelo objetivo do estudo, nas 4 definições operacionais, mas apresentaram 16 fatores com valores próprios acima de 1. O que de certa forma estaria coerente (Marôco, 2007), mas para o objetivo, não se adequava a literatura, mesmo com a análise paralela não se mostrou a formação de fatores adequados. Então, foi realizado fixando em 4 fatores e novamente os itens se misturaram e não foi conceitualmente adequado as dimensões. Com isso, resolveu-se fixar em 3 fatores, a partir disso, viu-se a formação de um agrupamento de itens tanto estatisticamente significativo quanto coerente com a literatura, as quais foram denominadas de abuso psicológico, físico, e controle comportamental.

O segundo estudo, foi à continuação do primeiro, pois, precisaria comprovar se essa estrutura apresentaria bons índices de ajustes. Logo, usou-se estimador de ML (*Maximum Likelihood)*, através da modelagem por equações estruturais, mas o modelo não apresentou bons índices de ajuste. Significando que este modelo, apesar de ter apresentado fidedignidade, não obteve validade,

seus índices de ajustes muito baixos, se encontravam fora do aceitável pelos pesquisadores (Byrne, 2012; Hu & Bentler, 1999; Kline, 2015; Marôco, 2010).

Com isso, seguiu-se propondo uma estrutura mais harmoniosa estatisticamente, usando o estimador mais robusto o WLSMV, ao qual, resolveu-se então excluir itens que apresentaram baixa discriminação, ou seja, baixa informação, que não contribui efetivamente na identificação do traço latente do indivíduo, deixando apenas itens com a curva de θ (*teta*) maior que 2 (Bock & Aitkin, 1981; Cai & Hansen, 2013; Nakano, Primi, & Nunes, 2015). Logo, a estrutura passou de 41 para 25 itens que se agruparam de forma conceitual e estatisticamente satisfatórios. Ainda foram avaliadas a confiabilidade (reliability) através do α de Cronbach, observando que todos foram acima de 0,70 considerados satisfátórios, ou seja, o modelo obteve validade e fidedignidade (Marôco, 2007; Pasquali, 2010).

No entanto, é importante considerar as limitações presentes neste estudo, uma delas é a maioria ser constituída por pessoas que estão situadas em uma pequena parcela da população brasileira, como, por exemplo, a escolaridade e a classe social. Os respondentes a maioria estavam situados em ensino superior incompleto e incompleto e ainda eram de classe média. De acordo com IBGE (2010), 9,5% da população brasileira entre 30 a 59 anos são analfabetas e 49,25% não tem o ensino fundamental completo.

Outra limitação foi não ser equiparada nos sexos, três estudos tiveram a maioria ser do sexo feminino e apenas o quarto estudo foi à maioria do sexo masculino. Também não se teve equiparidade enquanto a orientação sexual, a maioria foi heterossexual e não obteve com outros tipos como: homossexuais e bissexuais.

Portanto, a escala apresenta propriedades psicométricas satisfatórias, avaliando apenas a validade de construto a partir da análise fatorial, com índices de precisão dentro dos padrões estabelecidos pela literatura (Oviedo & Campo-Arias, 2005; Pasquali, 1999; Pasquali, 2010). E apesar de o modelo se mostrar adequado conceitualmente e estatisticamente, ainda faltou explorar

um construto proposto pela WHO (2010), que são os aspectos da violência sexual, sendo necessários novos estudos para a elaboração de uma escala que aborde esses aspectos.

Referências

Bock, R. D., & Aitkin, M. (1981). Marginal maximum likelihood estimation of item parameters: application of an EM algorithm. *Psychometrika*, 46, 443-459.

Byrne, B. M. (2012). *Structural equation modeling with Mplus*: Basic concepts, applications, and programming. New York: Routledge.

Cai, L., & Hansen, M. (2013). Limited-information goodness-of-fit testing of hierarchical item factor models. *British Journal of Mathematical and Statistical Psychology*, 66, 245-276.

Cerqueira, D., Ferreira, H., Lima, R.S., Bueno, S., Hanashiro, O., Batista, F., & Nicolato, P. (2016). Atlas da violência 2016. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.

Cunha, S. C., & Pinto, R. B. (2014). *Violência doméstica. Lei Maria da Penha comentada artigo por artigo.* São Paulo: Revista dos Tribunais.

Day, V. P., Telles, L. E. B., Zoratto, P. H., Azambuja, M. R. F., Machado, D. A., Silveira, M. B., Debiaggi, M., Reis, M. G., Cardoso, R. G., & Blank, P. (2003). Violência doméstica e suas diferentes manifestações. *Revista de psiquiatria do Rio Grande Sul*, *25*(1), 9-21.

Flora, D., & Curran, P. (2004). An empirical evaluation of alternative methods of estimation for confirmatory factor analysis with ordinal data. Psychological Methods, 9, 466–491.

Fonseca, P. M., & Lucas, T. N. S.(2006). Violência doméstica contra a mulher e suas consequências psicológicas. Trabalho de Conclusão de Curso, Fundação Bahiana para o Desenvolvimento das Ciências, Bahia.

Garcia-Moreno C., Jansen H. A., Ellsberg, M., Heise L, & Watts, C. H. (2006). Prevalence of intimate partner violence: findings from the WHO multi-country study on women's health and domestic violence. *Lancet*, 368(9543), 1260- 1269.

Greenfield, E. A., & Marks, N. F. (2010). Identifying experiences of physical and psychological violence in childhood that jeopardize mental health in adulthood. *Child Abuse & Neglect*, 34, 161–171. doi: 10.1016/j.chiabu.2009.08.012

Hu, L., & Bentler, P. M. (1999). Cutoff criteria for fit indexes in covariance structure analysis: conventional criteria versus new alternatives. *Structural Equation Modeling*, 6(1), 1-55. doi:10.1080/10705519909540118

IBGE (2010). Atlas do censo demográfico 2010. Rio de janeiro: IBGE. Disponível online (24.01.18) em: https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=264529

Kline, R. B. (2015). *Principles and practice of structural equation modeling* (4th Ed). New York: The Guildford Press.

Lehmann, P., Simmons, C. A., & Pillai, V. K. (2012). The validation of the checklist of controlling behaviors (CCB): Assessing coercive control in abusive relationships. *Violence against Women*, *18*(8), 913-933. doi:10.1177/1077801212456522

Lourenço, L. M. & Baptista, M. N. (2013). Escala de violência entre parceiros íntimos (EVIPI): Manual técnico. Retrieved from http://docplayer.com.br/39884164-Escala-de-violencia-entre-parceiros-intimos-evipi-manual-tecnico.html

Marôco J.(2007). *Análise estatística com utilização do SPSS.* Lisboa: Edições Sílabo.

Marôco, J. (2010). *Análise de equações estruturais: fundamentos teóricos, software e aplicações*. Lisboa: ReportNumber.

Minayo, M. C. S. (2006). *Violência e sáude.* Rio de Janeiro: Fiocruz.

Moraes, C. L., Hasselmann, M. H., & Reichenheim, M. E. (2002). Adaptação transcultural para o português do instrumento *"Revised conflict tactics scales (CTS2)"* utilizado para identificar violência entre casais. *Caderno de Saúde Pública*, 18 (1), 163-176. doi:10.1590/S0102-311X2002000100017.

Moraes, C. L., & Hasselmann, M. H.(2003). Adaptação transcultural da versão em português da Conflict Tactics Scales Form R (CTS-1), usada para aferir violência no casal: equivalências semântica e de mensuração. *Caderno de Saúde Pública*, 19(4), 1083-1093.

Nakano, T. C., Primi, R., & Nunes, C. H. S. S. (2015). Análise de itens e teoria de resposta ao item. In Hutz, C. S., Bandeira, D. R., & Trentini, C. M. (Orgs.). Psicometria. Porto Alegre: Artmed.

Nybergh, L., Taft, C., & Krantz, G. (2012). Psychometric properties of the WHO Violence against women instrument in a male population-based sample in Sweden. *BMJ Open*, *2*(6), e002055. doi:10.1136/bmjopen-2012-002055

Oliveira, J.B., Lima, M. C. P., Simão, M. O., Cavariani, M. B., Tucci, A. M., & Kerr-Corrêa, F. (2009). Violência entre parceiros íntimos e álcool: prevalência e fatores associados. *Revista Panamericana Salud Pública*, 26(6)494-501.

Pasquali, L.(1999). *Instrumentos psicológicos: manual prático de elaboração*. Brasília: Laboratório de Pesquisa em Avaliação e Medida / Instituto Brasileiro de Avaliação e Pesquisa em Psicologia.

Organização Mundial de Saúde (OMS). (2012). Prevenção da violência sexual e da violência pelo parceiro íntimo contra a mulher: ação e produção de evidência. São Paulo: Organização Pan-Americana da Saúde. Disponível online (10.01.18) http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/44350/3/9789275716359_por.pdf

Oviedo, H.C., & Campo-Árias, A. (2005). Aproximación al uso del coeficiente alfa de Cronbach. *Revista Colombiana de Psiquiatría, 34*(4), 527-580.

Pasquali, L. (2010). *Instrumentação psicológica: Fundamentos e práticas.* Porto Alegre: ArtMed.

Straus, M. A. (1979). Measuring intrafamiliar conflict and violence: The Conflict Tactics (CT) Scales. Journal of Marriage and the Family, 41, 75-88.

Straus, M. A., Hamby, S. L., Boney-McCoy, S., & Sugarman, D. B. (1996). The revised conflict tactics scales (CTS2): Development and preliminary psychometric data. *Journal of Family Issues*, 17, 283-316.

Valdez-Santiago, R., Híjar-Medina, M. C., Snyder, N. S., Rivera-Rivera, L., Avila-Burgos, L., & Rojas, R. (2004). Escala de violencia e índice de severidad: una propuesta metodológica para medir la violencia de pareja en mujeres mexicanas. *Salud pública de México,* 48(2) ,221-231.

Waiselfisz, J. J. (2012). *Mapa da violência 2012: caderno complementar homicídio de mulheres no Brasil.* São Paulo: Institudo Sangari.

Waiselfisz, J. J. (2015). *Mapa da violência 2015. Homicídios de mulheres no Brasil.* Brasília: Flacso Brasil.

Warburton, W., & Anderson, C. (2015). On the clinical applications of the general aggression model to understanding domestic violence. In R. A. Javier & W. G. Herron (Eds.) *Understanding DomesticViolence: Theories, Challenges, Remedies.*(pp.1-56). USA: Rowman & Littlefield Publishers.

World Health Organization (WHO) (2002).*World report on violence and health*.(Ed.) E.G. Krug, L. L. Dahlberg, J.A. Mercy, A. B. Zwi e R. Lozano. Genebra.

World Health Organisation (WHO). (2010). *Preventing intimate partner and sexual violence against women: taking action and generating evidence*. Geneva, Switzerland: World Health Organisation. Disponível online (24.01.18) de: http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/44350/1/9789241564007_eng.pdf?ua=1

World Health Organisation (WHO). (2013). Global and regional estimates of violence against women: prevalence and health effects of intimate partner violence and non-partner sexual violence. Geneva, World Health Organisation. Disponível online (24.01.18) de: http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/85239/1/9789241564625_eng.pdf

Yount, K. M., Ende, K.V., Zureick-Brown, S., Schule, S. R., & Minh, T.H. (2014). Measuring attitudes about intimate partner violence against women: the ATT-IPV scale. *Demography,* 51(4), 1551-1572. doi: 10.1007/s13524-014-0297-6.

Artigo 4

CONSTRUÇÃO E VALIDAÇÃO DA ESCALA DE VIOLÊNCIA SEXUAL: VERSÃO DO VIOLENTADOR

Tamyres Tomaz Paiva

Universidade Federal da Paraíba

Carlos Eduardo Pimentel

Universidade Federal da Paraíba

Nota dos autores: Este trabalho foi realizado com o apoio da Capes que formentou a bolsa de mestrado para a orientanda.

Resumo

A violência sexual é caracterizada como qualquer ato forçado no relacionamento amoroso que estimule a excitação sexual (práticas eróticas e/ou pornográficas), mesmo sem o contato carnal ou a penetração. Objetivou-se a construção de uma escala de violência que abordasse traços da violência sexual praticados durante o relacionamento amoroso. Foram realizados 2 estudos. O primeiro estudo foi composto por 218 participantes à maioria da região do nordeste (52,3%). A escala foi construída na versão violentador (EVS) é composta por 6 itens, aos quais apresentaram consistência interna satisfatórios, acima de 0,90. O segundo estudo, contou-se com 203 respondentes residentes no Estado da Paraíba. Tratou-se de uma análise confirmatória, ao qual demonstrou bons índices de ajuste ao modelo proposto: $\chi 2$ /df = 2,84; SRMR=0,01; SRMR= 0,01; GFI= 0,83; AGI= 0,60; TLI= 0,90; CFI= 0,94; RMSEA= 0,32 (0,28 - 0,36). Portanto, a escala apresentou propriedades psicométricas adequadas, mas torna-se necessário replicar esse instrumento em outras regiões brasileiras.

Palavras- chave: Violência; violência sexual; escala; construção.

Abstract

Sexual violence is characterized as any forced act in the love relationship that stimulates sexual arousal (erotic and / or pornographic practices), even without carnal contact or penetration. The objective was to construct a scale of violence that addresses traces of sexual violence practiced during the relationship. Two studies were performed. The first study was composed of 218 participants, the majority of the Northeast region (52.3%). The scale was constructed in the abusive version (EVS) and consists of 6 items, with satisfactory internal coefficients above 0.90. The second study was conducted with 203 resident respondents from the state of Paraíba. It was a confirmatory analysis, which showed good adjustment indices to the proposed model: $\chi 2$/ df = 2.84; SRMR = 0.01; SRMR = 0.01; GFI = 0.83; AGI = 0.60; TLI = 0.90; CFI = 0.94; RMSEA = 0.32 (0.28-0.36). Therefore, the scale presented adequate psychometric properties, but it is necessary to replicate this instrument in other brazilian regions.

Keywords: Violence; sexual violence; scale; construction.

Introdução

A violência sexual é algo que tem acometido diversas pessoas no mundo, mas a maioria são mulheres. Estudos de 1995 mostraram que de 110 mulheres, 18% sofreram com algum tipo forçado de relação sexual e 22% já foram ameaçadas para fazer sexo com seus parceiros nos últimos 6 meses (Kimberly, Campbell, Sullivan, & Davidson, 1995). Esses dados coletados a mais de uma década continuam a embasar o que na atualidade perdura. Dados da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2014) mostram que 1 a cada 3 mulheres já foram vítimas da violência sexual entre parceiros íntimos.

A violência sexual é caracterizada como qualquer ato forçado no relacionamento amoroso que estimule a excitação sexual (práticas eróticas e/ou pornográficas), mesmo sem o contato carnal ou a penetração [World Health Organization (WHO), 2010], podendo ser cometida dentro ou fora dos ambientes domésticos (Coelho, Silva, & Lindner, 2014). A violência inclue: estupro, favorecimento sexual nas relações hierárquicas, podendo ser cometida dentro dos ambientes domésticos ou fora como no caso de ambientes escolares e trabalhos (Coelho, et. al., 2014).

Cerca de 30% das mulheres no mundo já foram, e 22, 8% sofreram violência sexual por parte de parceiros íntimos e 7,2% das mulheres relataram sofrer violência sexual por outros perpetradores como: amigos, conhecidos, dentre outros (OMS, 2014). Com isso, a violência sexual torna-se um importante fator de risco para a contaminação do HIV, e de outras doenças sexualmente transmissíveis, gravidez indesejada e outras complicações da saúde reprodutiva da mulher (OMS, 2014).

Essas formas indesejadas de violência sexual podem ser legitimadas pela norma social, ao qual o fator primordial é a desigualdade de gênero, que pode ser justificado como resultado da adesão dos indivíduos às normas tradicionais de gênero (Scarpati & Pina, 2017). As normas da tradição impõe um papel em que coloca o homem como ativo, com domínio econômico e a mulher numa posição de passividade sexual, dependência financeira e aceitação ds deveres conjugais e de apenas reprodução nas relações sexuais (Dantas-Berger & Giffin, 2004).

Enquanto isso, os comportamentos violentos gerados dessas tradições, mascaram o estupro como uma justificativa para o violentador (Scarpati & Pina, 2017). A cultura do estupro é sutil e mascarada pelo moralismo, mostrando que as sentenças que vão ao encontro de forma direta na justificativa, possuem mais probabilidade de serem discordadas, como, por exemplo: 58,4% dos jovens do Sul e Sudeste discordaram dessa assertiva *"mulheres que usam roupas que mostram o corpo merecem ser atacadas" (pp.23),* em que obteve um percentual de discordância [Sistema de Indicadores de Percepção Social (SIPS), 2014].

Já para sentenças sutis em que se culpabiliza a vítima pela falta de controle dos impulsos sexuais, mostraram que 35% dos jovens concordaram *"se as mulheres soubessem como se comportar, haveria menos estupros" (pp.23).* Essa forma é caracterizada pelo desengajamento moral que faz com que os papeis morais não sejam distinguidos e o agressor se torne vítima, e a vítima é culpabilizada pela violência passando a responsabilidade do estupro para a própria vítima (Scarpati & Pina, 2017).

Mas sabe-se que a violência sexual é muito difícil de ser relatada por pessoas que sofrem ou sofreram com o abuso. Muitas vítimas de violência dos parceiros sexuais são traumatizadas pela experiência, e dependendo da forma com que aconteceu este tipo de violência, os traumas podem persistir ao longo do tempo (Krahe, 2018). Além disso, existe uma dificuldade de estabelecer no Brasil promoção de direitos sexuais e reprodutivos, que direcionem o sexo masculino a respeitar que os corpos das mulheres são delas e não é um objeto de mero prazer sexual (SIPS, 2014).

Por isso, existe uma escala de aceitação dos mitos de estupro, em que consegue captar através dos esteriótipos e crenças o que as pessoas pensam sobre o estupro (Scarpati, Guerra, & Duarte, 2014). Mas, não existe na literatura uma escala que avalie a frequência do uso do violência sexual. Contudo, objetivou-se construir e validar uma escala de violência entre parceiro íntimo, versão do agressor, de modo a detectar possíveis violências desde as relações no namoro até o casamento.

Estudo 1

Método

Participantes

Mesmo do estudo 2 do artigo 2.

Instrumentos

A escala de violência sexual, versão violentador (EVS) é composta por 6 itens referentes a conteúdos abusivos sexuais, baseada na literatura (WHO, 2010). Como critério para responder a escala, os indivíduos teriam que ter passado ou está pelo menos um mínimo de 2 meses de relacionamento amoroso. Esses itens variam numa escala de 1 nunca a 5 sempre. E um questionário sociodemográfico composto por questões como: idade, sexo, estado civil, religiosidade, dentre outros.

Procedimentos

Análise de juizes

A elaboração dos itens procedeu-se de maneira coletiva, em que três especialistas em avaliação psicológica, discutiram itens que se referia à violência sexual.

Em seguida, procurou-se averiguar se os itens representavam o conteúdo observado, através dos critérios de clareza, conteúdo, adequação, relevância, ou seja, processo de validação de conteúdo e aparente. Com isso, foi enviado por email para três psicólogos com pós-graduação e produções científicas em: avaliação psicológica, violência entre parceiros íntimos e condutas antissociais. Esse Procedimentos teve o prazo de 3 dias para a devolução do material respondido. Com o retorno das análises, utilizou-se a correlação intraclasse para avaliar a concordância entre avaliadores quanto à pertinência dos itens e dimensões, para os critérios mencionados anteriormente. Por meio da análise da correlação intraclasse (ICC), obteve uma concordância total de 0,75 para relevância, adequação e clareza, estatisticamente significativa ($p = 0,001$), o que é aceitável para Pasquali (1997), ao qual considera os valores aceitáveis de 0,70 a 0,90, comprovando desse modo à validade de conteúdo.

Análise semântica

Após a construção houve uma participação de três estudantes de psicologia de uma universidade pública em que eles leram com atenção as instruções e de como responder a escala, a fim de verificar a clareza e o conteúdo a ser passado através do item, além de examinar se estava de fácil interpretação.

Após as etapas anteriores, realizou-se a aplicação da escala através de um formulário online, em concordância com um termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), regidos pela Resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde.

Análise dos dados

Os dados foram analisados pelo programa estatístico IBM SPSS *Statistics* (versão 21), através de estatísticas descritivas e análise dos componentes principais. Em sequência realizou-se uma análise paralela com uma sintaxe. Além disso, realizou-se uma correlação de Pearson entre os fatores da escala e o alfa de Cronbach do fator.

Resultados

Inicialmente, realizou-se uma análise dos componentes principais para extração dos fatores da escala de EVPIS. Obteve-se o *Kayser-Meyer-Olkin* (KMO), satisfatórios de 0,91. E o teste de esfericidade de *Bartlett* se apresentou também significativo [X^2 (15) = 3721,361; $p < 0.001$]. E as comunalidades, variaram entre h > 0,96 (item 1) a h < 0,98 (item 3), sendo consideradas satisfatórias, mostradas na **tabela 3.**

Neste processo, o gráfico de sedimentação (*Scree Plot*), demonstrou a existência de 1 fator preponderante, observado na **Figura 1.** Já o critério de Kaiser foi coerente com o gráfico de sedimentação, demonstrando a existência de apenas 1 fator com *eigenvalues* > 1, ou seja, seu fator teve o valor próprio de 5,87 explicando 97,85 da variância, significando um índice satisfatório do construto explicado pelo fator.

Figura 1. *Gráfico de distribuição dos valores próprios nos possíveis componentes.*

Para melhores detalhes, adotou-se como critério fatorial as cargas serem iguais ou superiores a |0,40|, a partir disso, todos os itens mostraram com correlações inter-item com o fator variando de 0,91 a 0,99. Mostradas na **tabela 1.**

Tabela 1. *Cargas Fatoriais e Comunalidades da escala da EVPIS*

Itens	(λ)	h^2
3.Eu bati no (a) meu/minha companheiro(a) para ele(a) aceitar fazer sexo.	0,99	0,96
6.Eu obriguei meu/ minha parceiro (a) se exibir sem roupa para mim.	0,91	0,98
4.Arranquei as roupas do meu/minha parceiro(a) de maneira violenta.	0,98	0,97
2. Eu forcei o meu/minha parceiro(a) a ter relações sexuais.	0,98	0,97
5.Eu obriguei meu/minha parceiro(a) a fazer sexo (oral ou anal) sem ele(a) querer.	0,98	0,97
1.Eu obriguei meu/minha parceiro(a) a ter relações comigo sem preservativos.	0,98	0,96

Nota: Fator Violência sexual; λ = Carga fatorial; H^2 = comunalidades.

Procedeu-se com a análise paralela ou critério de Horn, devido a sua robustez, com 1.000 simulações e 95% de confiança, buscando verificar existência dos fatores. Foi comparado os dois

modelos, a análise paralela apresentou apenas 1 fator com valor próprio de 1,22, comparado ao critério de Kaiser que obteve apenas 1 valor próprio de 5,87, com isso, o critério de Horn ratificou com o achado no critério de Kaiser demonstrando apenas 1 fator para os seis itens. O coeficiente interno da escala total apresentou 0,99, o que indica ser satisfatório.

Também foi verificada a média das respostas dos participantes, obtendo (*M* = 3,78, *DP* = 1,78), ou seja, a maioria dos participantes respondeu que às vezes comete violência sexual com seus parceiros (as). Neste sentido, foi realizado um teste t para amostras independentes a fim de aferir quais dos sexos cometeram mais violência, mas este teste não apresentou diferenças de médias entre os sexos.

Discussão parcial

A escala de violência sexual, versão agressor, foi elaborada para suprir as limitações do artigo 2, ao qual abarcou 3 dimensões, psicológica, física e controle comportamental, como foi definido pela (WHO, 2010). Neste sentido, esta escala apresentou propriedades psicométricas adequadas, como: a fidedignidade ou consistência interna que se refere ao quanto esse conjunto de itens consegue discriminar os testandos, ao qual apresentou alfa de 0,90, considerado excelente (Zanon & Filho, 2015). Mas, enfatiza-se a necessidade do segundo estudo para testagem dos achados.

Estudo 2

Método

Participantes

Participaram desse estudo 203 respondentes residentes do Estado da Paraíba, com idades entre 18 e 60 anos (*M* = 21,62, *DP* = 5,25). A maioria é do sexo masculino (53,2%), heterossexuais (85,6%), autodeclarado solteiros (94%), e não estão em relacionamento amoroso atualmente, mas que já estiveram pelo menos 2 meses (59,1%). Também, declararam está com ensino superior incompleto (86,7%), pouco religioso (46,7%) e de classe média (51,8%).

Instrumentos

Mesma escala do estudo 1.

Procedimentos

Aplicação foi feita por 2 pesquisadores previamente treinados de maneira presencial, em espaços coletivos (ex. salas de aula) como também foram aplicados individualmente em domicílios. Após a concordância com um termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), regidos pela Resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde, deu-se início a coleta de dados. Os pesquisadores permaneceram nos ambientes até o término da conclusão do questionário, facilitando para que quaisquer dúvidas fossem esclarecidas.

Análise dos dados

Usou-se o programa estatístico IBM SPSS *Statistics*, versão 21, para calcular a frequência do questionário sociodemográfico, a fim de caracterizá-los. E para realização da análise fatorial confirmatória (AFC), optou-se pelo programa *Analysis of Moment Structures*, versão 21.

Resultados

Após a análise dos componentes principais, testou-se a estrutura fatorial com o estimador de ML (*Maximum Likelihood).* Considerando como base estatística os seguintes índices de ajuste: ratio $\chi 2$ /df < 3 e aceitável se inferior a 5 (Marôco, 2010), o Comparative Fit Index (CFI) e o TLI (*Tucker Lewis Index*), índices comparativos do modelo, ambos consideram > 0,90 indicam bom ajuste (Hu & Bentler, 1999); o RMSEA (*Root-Mean-Square Error of Aproximation*) < 0,05, mas se aceita até 0,08; e o SRMR (*Standardized Root Mean Square Residual*) < 0,10 são indicativos de boa qualidade de ajuste (Byrne, 2012; Kline, 2015).

A partir desses critérios, observou-se que a estrutura fatorial apresentou os seguintes resultados: $\chi 2$ /df = 2,84; SRMR=0,01; SRMR= 0,01; GFI= 0,83; AGI= 0,60; TLI= 0,90; CFI= 0,94; RMSEA= 0,03 (0,02 - 0,03). Estes representam que o modelo apresentou boa qualidade e bons índices de ajuste ao modelo fatorial da ACP. Os pesos fatoriais (Lambdas – λ) foram estatisticamente diferentes de zero (0; $t > 1{,}96$; $p < 0{,}001$) e apresentaram valores aceitáveis que variaram entre 0,97 (item 1) e 0,99 (item 6).

Figura 2. *Estrutura fatorial da EVPIS*

Discussão parcial

O objetivo deste estudo foi cumprido através da testagem da análise confirmatória. A escala de violência entre parceiros íntimos apresentou bons índices e boa qualidade de ajustes, estando de acordo com Marôco (2010). Os valores dos coeficientes de determinação variaram de 0,96 a 0,99, indicando que a variável latente prediz adequadamente a variável observada. Os coeficientes foram elevados e significativos. Desta forma pode-se aferir que a escala apresenta validade e fidedignidade nesse modelo unifatorial.

Discussão

O objetivo deste estudo foi construir e validar a escala de violência sexual, versão do agressor, em que os respondentes tinham que ter mantido pelo menos 2 meses de relacionamento com o

parceiro. Além disso, não existe nenhuma escala na literatura nacional ou internacional em que mede o comportamento através de uma escala de autorrelato baseada na WHO (2010).

A construção dessa escala foi baseada na definição operacional (WHO, 2010), ao qual embasou 6 itens de comportamentos violentos. Foi realizada a análise de juízes e posteriormente a validade semântica, ao qual representam para Pacico (2015) critérios iniciais para a construção do instrumento, ao qual corresponde a uma linguagem inteligível de acordo com a população a ser respondida.

Com isso, prossegui-se para a coleta na população, em que se faz a análise dos componentes principais, a fim da estrutura fatorial estatisticamente, ou seja, se os itens apresentavam saturações no fator proposto pelo objetivo do estudo (Pasquali, 1999; Pasquali, 2010). Viu-se, que o modelo apresentou tanto fidedignidade como validade de acordo com a literatura (Marôco, 2007; Pasquali, 2010; Zanon & Filho, 2015).

Este modelo precisava ser testado para avaliar a qualidade dos índices de ajuste do modelo. Neste sentido, foi realizada a análise confirmatória, usando o ML (*Maximum Likelihood)*, através da modelagem por equações estruturais. Verificou-se que o modelo do estudo 1, apresentou bons índices de ajuste. Esse resultado demonstrou validade de construto dados pelas análises estatísticas, e coerentes com referencial teórico (Byrne, 2012; Kline, 2015).

A média da frequência de respostas dos participantes foi de 3,78 e desvio padrão de 1,78, ou seja, a maioria dos participantes já cometeu ou cometem a violência sexual. Esse dado pode-ser um indicativo para que mais promoções sejam incentivadas, a fim de alertar que existe nas relações amorosas a violência sexual, cometida pelo parceiro dentro. Como, a maioria dos respondentes está em situação de namoro/noivado (38,5%), esse dado pode indicar que a violência começa desde as relações de namoro, perdurando durante todo o relacionamento. Este dado está em consonância com Coelho, et.al. (2014) e a WHO (2010), mostrando que a violência se inicia no período do namoro.

Porém, existem algumas limitações presentes nesse estudo, uma delas é a amostra ser por conveniência, indicando que não existe um controle sobre os participantes e nem equidade social, faixa etária, escolaridade ou qualquer outro dado sociodemográfico. No entanto, é necessário que seja replicado em outras regiões do Brasil para comparação dos dados. Além disso, poderá ser aplicado em uma população específica de violentadores do parceiro íntimo, para um contexto clínico ou até mesmo de pesquisa, ao qual essa escala possui boa detecção nos comportamentos praticados.

Referências

Byrne, B. M. (2012). *Structural equation modeling with Mplus*: Basic concepts, applications, and programming. New York: Routledge.

Coelho, E.B., Silva, A. C. L. G., & Lindner, S. R. (2014). Violência: definições e tipologias. Florianópolis: UFSC.

Dantas-Berger, S., & Giffin, K. (2004). A violência nas relações de conjugalidade: invisibilidade e banalização da violência sexual? *Cadernos de Saúde Pública*, 21(2), 417-425.

Krahe, B. (2018). Violence against women. *Current Opinion in Psychology*, 19, 6-10. doi: 10.1016/j.copsyc.2017.03.017

Kimberly K., Campbell, J. C., Sullivan, C. M., & Davidson, W. S. (1995) Health effects of experiences of sexual violence for women with abusive partners. *Health Care for Women International*, 16, 6, 563-576. doi: 10.1080/07399339509516210

Marôco J. (2007). *Análise estatística com utilização do SPSS.* Lisboa: Edições Sílabo.

Marôco, J. (2010). *Análise de equações estruturais: fundamentos teóricos, software e aplicações*. Lisboa: ReportNumber.

Pacico, J. C. (2015). Como é feito um teste? Produção de itens. In C.H. Hutz, D.R. Bandeira, & C.M. Trentini (Eds.) *Psicometria*. (pp. 55-84). Porto Alegre: Artmed.

Pasquali, L.(1997). *Psicometria: teoria e aplicações*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.

Pasquali, L. (2010). *Instrumentação psicológica: Fundamentos e práticas.* Porto Alegre: ArtMed.

Pasquali, L.(1999). *Instrumentos psicológicos: manual prático de elaboração*. Brasília: Laboratório de Pesquisa em Avaliação e Medida / Instituto Brasileiro de Avaliação e Pesquisa em Psicologia.

Scarpati, Guerra, V. M., & Duarte, C.N.(2014). Adaptação da Escala de Aceitação dos Mitos de Estupro: evidências de validade. *Avaliação Psicológica*, 13(1), 57-65.

Scarpati, A. S., & Pina, A. (2017). Cultural and moral dimensions of sexual aggression: The role of moral disengagement in men's likelihood to sexually aggress. *Aggression and Violent Behavior*. 37, 115-121. doi : 10.1016/j.avb.2017.09.001.

Sistema de Indicadores de Percepção Social (SIPS) (2014). *Tolerância social à violência contra as mulheres.* Brasil: Instituto de Pesquisa Aplicada/ IPEA. Disponíel online(10.01.18) http://www.ipea.gov.br

Organização Mundial de Saúde (OMS). (2014). Relatório sobre a prevenção da violência 2014. São Paulo: Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo. Disponível online (10.01.18) https://jsaudeglobal.wordpress.com/2014/12/10/atualizacao-relatorio-mundial-sobre-a-prevencao-da-violencia-2014/

World Health Organisation (WHO). (2010). *Preventing intimate partner and sexual violence against women: taking action and generating evidence*. Geneva, Switzerland: World Health Organisation. Disponível online (24.01.18) de: http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/44350/1/9789241564007_eng.pdf?ua=1

Zanon, C., & Filho, N. H. (2015). Fidedgnidade. In C.H. Hutz, D.R. Bandeira, & C.M. Trentini (Eds.) *Psicometria*. (pp. 85-95). Porto Alegre: Artmed.

Artigo 5

VIOLÊNCIA ENTRE PARCEIROS ÍNTIMOS E SUA RELAÇÃO COM OS FATORES PESSOAIS

Tamyres Tomaz Paiva

Universidade Federal da Paraíba

Carlos Eduardo Pimentel

Universidade Federal da Paraíba

Nota dos autores: Este trabalho foi realizado com o apoio da Capes que formentou a bolsa de mestrado para a orientanda.

Resumo

A violência entre parceiros íntimos é dada a partir de abusos nos relacionamentos amorosos. Com isso, objetivou-se analisar a predição dos fatores pessoais nos comportamentos de violência. Participaram 280 residentes do Estado da Paraíba, com idades entre 18 a 58 anos de idade (*M* = 26,83, *DP* = 6,93). Foram usadas 6 instrumentos para aferição do objetivo proposto. Os dados foram analisados IBM SPSS Statistics, versão 21. Os resultados demonstraram uma correlação significativa entre os fatores da personalidade do big five (agradabilidade, estabilidade emocional, abertura à experiências), da tríade sombria (maquiavelismo, psicopatia e narcisismo), valores humanos (realização, suprapessoal) e as atitudes implícitas, foram correlacionados com os fatores da violência praticada. Alguns traços de personalidade como: estabilidade emocional, narcisismo, maquiavelismo predizem o uso da violência entre parceiros íntimos. Espera-se que esse estudo sirva de incentivo a pesquisas futuras no âmbito social, jurídico, familiar, escolar. E que possa nortear pesquisas em outras regiões do Brasil.

Palavras- chave: Violência; big five; dark triad; valores.

Abstract

Violence among intimate partners is a result of abuse in relationships. The purpose of this study was to analyze the correlation and prediction of personal factors in violence behaviors. A total of 280 people living in the State of Paraíba, aged 18 to 58 years (M = 26.83, SD = 6.93) participated. And 6 instruments were used to measure the proposed objective. The data were analyzed by IBM SPSS Statistics, version 21. The results showed a significant correlation between the personality factors of the big five (agreeableness, emotional stability, openness to experience), the dark triad (machiavellianism, psychopathy and narcissism), human values (suprapersonal, promotion) and implicit measures were correlated with the factors of violence practiced. Some personality traits like: emotional stability, narcissism, and machiavellianism predict the use of intimate partner violence. It is hoped that this study will stimulate future research in the social, legal, family and school contexts. And that can guide research in other regions of Brazil.

Keywords: Violence; big five; dark triad; values.

Introdução

Estima-se que mundialmente 42% das mulheres já sofreram alguma violência, decorrentes de abusos físicos e/ou sexuais, que causam agressões com ferimentos na cabeça, no rosto, pescoço, nos músculos esqueléticos e genitais [Organização Mundial de Saúde (OMS), 2012]. Apesar da violência verbal ou psicológica ser a mais comum entre os abusos do parceiro íntimo (73%, n = 56) (Afe, Emedoh, Ogunsemi, & Adegbohun, 2016), a violência física supera em termos estatísticos por casos denunciados, aproximadamente 51,16% são casos da violência física (Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2015). No Brasil, 1.584 mulheres foram mortas durante o ano entre 2012 - 2015, vítimas de violência entre parceiros íntimos (Waiselfisz, 2015).

Nota-se também que parceiros homossexuais são tão ou mais predispostos a cometerem violência quanto os heterossexuais [Organização Mundial de Saúde (OMS), 2010]. Segundo *The National Intimate Partner and Sexual Violence Survey (NISVS)*, dos Estados Unidos, as relações homoafetivas tem a mesma probabilidade de se ter violência entre parceiros íntimos. Cerca de 1 a cada 8 mulheres homossexuais já foram vítimas de violência sexual, e 4 a cada 10 homens também já sofreram alguma violência. Alguns casos de violência sexual vêm acompanhados da violência psicológica, ou seja, são referidos por adjetivos que denigrem a imagem de seus parceiros, como, por exemplo, feio(a), gordo(a), louco(a) ou estúpido(a) (Walters, Chen, & Breiding, 2013).

No Brasil, a violência avaliada conforme a cor da pele, apresentou um decréscimo de 7,4% da violência contra mulheres brancas, e um aumento em negras, atingindo em média 22%, a cada 100 mil mulheres brasileiras (Cerqueira, et. al., 2017). Cerca de 60% das mulheres com mais de 25 anos sofreram alguma violência no ambiente doméstico. Em outros ambientes (não domésticos) a preponderância da violência contra o gênero é em mulheres com faixas etárias de 16 a 24 anos [Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), março, 2017].

O agressor geralmente é alguém com quem a vítima tem proximidade, indicando que 61% das mulheres que são agredidas são por pessoas conhecidas (FBSP, março, 2017). Essas estatísticas mostram que existem muitos fatores, além do cultural. Esses fatores podem ser estímulos para a

violência, decorrentes de transtornos mentais, preconceito, discriminação e uso de substâncias lícitas e ilícitas (OMS, 2012).

Segundo o Modelo Geral da Agressão (GAM), existem estímulos que podem ser pessoais como também situacionais. Esses estímulos são fatores que não agem sozinhos para a manifestação do ato violento, mas que de maneira conjunta podem influenciar percepções desde os níveis mais básicos até os mais complexos, orientando as interpretações e respostas comportamentais das pessoas no seu meio social (Anderson & Bushman, 2002).

Para isso, objetivou-se analisar quais fatores predizem o uso da violência nos relacionamentos amorosos. A seguir serão discorridos os fatores ou gatilhos pessoais, como: personalidade, crenças, valores, atitudes, que podem está relacionados com o uso da violência entre parceiros íntimos.

Personalidade

Alguns traços de personalidade predizem condutas antissociais, agressivas e violentas (Egan, 2011). Dependendo do traço mais preponderante o indivíduo poderá ter uma reação assertiva ou mais agressiva (Barlett & Anderson, 2012). Dentre os traços se encontram o modelo do *big five* que os divide em: agradabilidade, estabilidade emocional, extroversão, abertura à experiências e conscienciosidade (Gosling, Rentfrow, & Swann, 2003) e os traços da tríade sombria que se dividem em: psicopatia, maquiavelismo e narcisismo (Jonason & Webster, 2010).

Pessoas com traços mais acentuados em instabilidade emocional possuem percepções excêntricas, exibicionismo e impulsividade, podendo perdurar sofrimento de um relacionamento abusivo durante muitos anos (Carleton, Mulvogue, & Duranceau, 2015) e ainda podem apresentar emoções e comportamentos agressivos e/ou violentos (Cavalcanti & Pimentel, 2016). Em comparação a pessoas com traço mais acentuado em conscienciosidade, possuem uma tendência maior a um autocuidado, o que diminuem as emoções geradas pela raiva (Blackburn, Renwick, Donnelly, & Logan, 2004).

A agradabilidade e extroversão podem também responder agressivamente ao estímulo externo. Pessoas com traços acentuados no polo negativo em agradabilidade possuem atitudes agressivas e consequentemente aumentam os riscos de se ter um comportamento pautado na violência (Cavalcanti & Pimentel, 2016; Gleason, Jensen-Campbell, & Richardson, 2004). O que não é tão previsível na extroversão, pois a relação entre esse traço e a agressão não é consistente, embora tenha uma correlação, estas podem ser tanto positivas como negativas, o que torna difícil de diferenciar quais dos polos a agressão poderá ser estimulada (Barlett & Anderson, 2012).

Quando se tem uma postura mais expressiva com busca de novidades, referem-se ao traço abertura à experiências. Pontuações negativas nestas características incluem traços convencionais e sem criatividade (Pimentel, et. al., 2014), possuindo tanto relação direta (Barllet & Anderson, 2012) como indireta na agressão física (Cavalcanti & Pimentel, 2016). Este também pode se associar a perpetuações do uso da violência entre parceiro íntimo (Ulloa, Hammett, O'Neal, Lydston, & Aramburo, 2016).

Não obstante, os traços da personalidade que formam a tríade sombria possuem características que podem estimular a violência. A tríade sombria é divida em: maquiavelismo, narcisismo, e psicopatia (Jonason & Webster, 2010). A psicopatia refere-se ao egoísmo, insensibilidade, falta de influência interpessoal, charme superficial e sem remorso (Hauck-Filho, Teixeira, & Dias, 2012; Jakobowitz & Egan, 2006). O maquiavelismo refere-se às estratégias que defendem o interesse próprio, fraudar e manipulação das interações interpessoais. E o narcisismo deriva da teoria psicanalítica, referindo-se ao amor-próprio, arrogância, egoísmo (Jakobowitz & Egan, 2006), o narcisista mantém tendências para grandiosidade e autoafirmação (Pailing, Boon, & Egan, 2014).

Em estudo de Jakobowitz e Egan (2006) não encontrou correlação significativa entre extroversão e a abertura à experiências, com a tríade sombria. Mas foi encontrada correlação entre o neuroticismo e a psicopatia ($r = 0,30$, $p < 0,05$), como também com o maquiavelismo ($r = 0,38$, $p < 0,05$), ou seja, quanto mais neurótica ou instável emocionalmente mais a pessoa poderá ter traços também da psicopatia e do maquiavelismo.

Carter, Campbell e Muncer (2013) analisaram mais detalhadamente quais traços possuem mais efeitos sobre a tríade sombria. A partir disso, viu-se que traços acentuados na tríade sombria possuem menor acentuação em conscienciosidade ($t(126) = -5{,}19$, $p < 0{,}001$, $d = 0{,}98$), agradabilidade ($t(126) = 6{,}00$, $p < 0{,}001$, $d = 1{,}18$), estabilidade emocional ou neuroticismo ($t(126) = 9{,}48$, $p < 0{,}001$, $d = 1{,}74$), e abertura à experiências ($t(126) = 2{,}29$, $p = 0{,}03$, $d = 0{,}49$) e maior em extroversão ($t(126) = 7{,}99$, $p < 0{,}001$, $d = 1{,}34$).

Seguindo esta mesma lógica, Cima e Raine (2009), relacionaram a tríade sombria com a agressão, foi observada uma correlação entre a tríade sombria com comportamentos agressivos hostis ($r = 0{,}35$) e os instrumentais ($r = 0{,}44$), todos ao nível de $p < 0{,}01$. Outro estudo mostrou que a violência se correlacionou com todos os três traços da tríade sombria, obtendo uma correlação positiva com os três traços, psicopatia ($\rho = 0{,}42$), narcisismo ($\rho = 0{,}19$) e maquiavelismo ($\rho = 0{,}34$), todos ao nível de $p < 0{,}01$ (Pailing, Boon, & Egan, 2014).

Sem dúvidas, a tríade sombria possui relações com a violência. Um estudo com mais de 1.000 infratores com desordens mentais, demonstraram um relacionamento dos três traços com a violência ($r = 0{,}47$, $p < 0{,}001$) (Westhead & Egan, 2015). E ainda, o gênero masculino apresenta escores maiores no maquiavelismo ($t(58) = 2{,}63$, $d = 0{,}69$), psicopatia ($t(58) = 3{,}00$, $d = 0{,}79$) e narcisismo, ($t(58) = 1{,}34$, $d = 0{,}35$), todos ao nível de $p < 0{,}01$, em comparação com as mulheres (Jonason & Webster, 2010).

Crenças

Essa relação com a violência consegue ser fruto também de uma crença que pode desenvolver os comportamentos hostis nas relações amorosas. A crença que molda pensamentos e ações pode ser a crença em que o mundo é um lugar justo, apresentando um viés que naturaliza o resultado de uma ação em decorrência do julgamento feito pelo indivíduo (Barreiro & Castorina, 2005).

Seguindo a definição de Lerner (1980) as crenças no mundo justo (CMJ) se referem ao grau em que as pessoas pensam que o mundo é um lugar justo, ou seja, as pessoas geralmente recebem o

que merecem e merecem o que recebem. Com isso, as pessoas precisam acreditar que coisas boas acontecem a pessoas boas e coisas ruins acontecem a pessoas más (Bos & Maas, 2009; Lerner, 1980).

As crenças mostram como vítimas inocentes são confrontadas negativamente com as consequências, primeiro pelo fenômeno que a vitimizou (vitimização primária), segundo pelas outras pessoas que estão no mesmo meio social (vitimização secundária) e ainda pelos seus próprios autoconceito (auto-vitimização). As CMJ estão associadas de maneira positiva ao bem-estar psicológico dos indivíduos (Correia & Vala, 2003).

Geralmente as pessoas racionalizam que as vítimas são culpadas, por que violaram as normas e racionaliza atribuindo a culpa à própria vítima (Bos & Maas, 2009). A racionalização é um meio de justificar e oferecer explicações plausíveis para o comportamento social, que de alguma forma estaria exposto à críticas (Barreiro & Castorina, 2005). Essa crença não é a partir de uma consciência explícita das experiências, mas são pré-reflexivas (Barreiro & Castorina, 2005).

Em estudo foram analisados se existe diferença na atribuição da vitimização secundária às vítimas inocentes em relação à pessoas que pontuaram mais em crença do mundo justo. Com isso verificou-se que a crença do mundo justo apresentou diferenças significativas ($F (1,149) = 197,881$; $p > 0,001$, $\eta p^2 = 0,57$). Isto é, jovens com maiores pontuações em crenças no mundo justo relataram terem mais vitimização secundária para vítimas inocentes ($M = 5,07$) do que os jovens com menor pontuação ($M = 2,29$) (Mendonça, Gouveia-Pereira, & Miranda, 2016).

A experiência compartilhada dos eventos ameaçadores como pobreza, racismo e violência leva as pessoas a desenvolverem uma visão consensual dos fatos. As crenças formadas a partir desses eventos ameaçadores tornam um grupo como referência e o outro como alvo. Por exemplo, grupos oprimidos justificam sua situação por que acreditam que eles merecem sofrer e de alguma forma seria inevitável o evento não ocorrer, já que este pertence a um grupo que não seria referência (Barreiro & Castorina, 2005).

Mulheres que se identificam socialmente com a diferença de gênero (ex., sexismo, idade, escolaridade, grupo dominado) e que possuem maior crença do mundo justo pessoal se associou positivamente à legitimação do abuso da esposa (B = 0,11, t(271) = 2,21, *p* = 0,02), em comparação com as mulheres que não têm identificação social com a diferença de gênero, a crença do mundo justo pessoal não foi significativamente associado à legitimação do abuso da esposa (B = -0,08, t(271) = -1,54, *p* = 0,12). Os resultados mostraram que CMJ pessoal interage com a identificação para legitimar o abuso da esposa (Correia, Alves, Morais, & Ramos, 2015).

As vítimas inocentes enfrentam as reações negativas como se seu sofrimento fosse justo e legítimo (Lerner & Simmons, 1966). O que se torna incoerente, atribuir uma culpa a alguém ou a algo para se sentirem bem (Correia & Vala, 2003). Enquanto, que a vítima dada como inocente é percebida pelo observador como uma ameaça a crença do mundo justo, desencadeando o uso de estratégias de vitimização secundária para lidar com injustiças (Mendonça, Gouveia-Pereira, & Miranda, 2016).

As vítimas quando acreditam que as causas foram externas, reinterpretam os fatos, incorporando a suas experiências, os novos esquemas de mundo, que a faz justificar por outros meios que não a sua própria culpabilização (Fetchenhauer, et. al., 2005). Mas, quando a situação é considerada injusta e negativa ao esperado, pode ser atribuída a causas internas, que seriam as próprias ações, diminuindo a atribuição a carga externa (Hafer & Corry, 1999).

Assim como as vítimas de estupro apresentam maior autovitimização e consequentemente mais angústia, quando suas CMJ são fortes. O que torna um dos principais problemas, pois, elevar-se a autovitimização passando a ter uma percepção de si carregadas de sentimentos de culpa e vergonha do acontecido (Fetchenhauer, et. al., 2005). E quanto mais forte a CMJ for, menos identificação com a situação o observador terá, pois, acredita-se em um distanciamento do observador da situação em que a vítima vivenciou (Correia, et. al., 2012).

Neste sentido, baixas crenças do mundo justo podem desenvolver comportamentos desastrosos, desajustado, com tomada de risco irracional, egoísta, desonesto (Poon & Chen, 2014).

Indo ao encontro de Mendonça, et. al., (2016), que apresentou em seu estudo, uma diferença significativa em dois grupos de jovens (t (282) = 25,311, p < 0,001), ou seja, jovens com poucos comportamentos desviantes se identificaram mais com as vítimas do que os jovens com comportamentos mais desviantes. Assim, a identificação com a vítima diminui com o aumento dos comportamentos desviante.

Atitudes

Sabe-se que as atitudes também são preditores do comportamento violento (Anderson & Bushman, 2002). Com isso, foram testados de maneira implícita em dois grupos, jovens em conflito com a Lei e jovens não violentos as atitudes frente à violência, em duas categorias, a violência feminina e não violência. Com isso, os jovens que tinham cometido violência entre parceiro íntimo associaram mais facilmente e rapidamente as mulheres com violência do que homens que não eram violentos em que associaram as mulheres como pacíficas. Houve um significativo efeito de Cohen no grupo que cometeram violência em relação ao grupo que não eram violentos (d = 0,51) (Eckhardt, Sampe, Suhr, & Holtzworth-Munroe, 2012).

As atitudes dizem respeito a um estado mental e neurológico de prontidão, organizado por meio da experiência, ao qual exerce uma influência diretiva ou dinâmica sobre a resposta do indivíduo a todos os objetos e situações com que se relaciona (Allport, 1935; Neiva & Mauro, 2011). Derivado do aptus latino, tem, por um lado, a significância de "*fitness*" ou "*adaptedness*" e, como aptidão de forma, conhece um plano subjetivo ou mental de preparação para a ação (Allport, 1935).

Uma atitude pode combinar tanto o instinto como a inovação do ambientalismo. O temo atitude é usado para cobrir a amplitude de fatos como opiniões, crenças, qualidades abstratas da personalidade (ex., generosidade, humildade), ou até unidades afetivas chamadas de sentimentos (Allport, 1935). Essa atitude se defini em 3 componentes: o afetivo (ou avaliativo) que reflete o fato da pessoa gostar ou não da entidade ou situação; o cognitivo que consiste nas crenças que as

pessoas têm sobre a entidade ou situação; e o comportamental que representa as tendências comportamentais em relação a entidade ou situação (Neiva & Mauro, 2011; Pimentel, Torres, & Gunther, 2011).

As atitudes tanto podem ser medidas por meio explícito através de avaliações feitas acerca de um objeto, ou seja, é uma autodescrição do posicionamento individual de forma consciente (Pimentel, et. al., 2011), como pelo meio implícito (Greenwald et. al., 1998), em que se identifica traços introspectivos de experiências que medeiam sentimentos, pensamentos e ação em relação à objeto (Greenwald et. al., 1998).

As atitudes podem influenciar nos comportamentos de maneira favorável ou desfavorável (Pimentel, et. al., 2011). A exposição a qualquer violência na infância está associada à violência entre parceiros íntimos, ou seja, a maneira como o indivíduo experienciou essa violência pode influenciar nas atitudes que podem ser favoráveis à medida que se tem contato com a violência e passa ser algo aceitável (Eriksson & Mazerolle, 2015).

Eriksson e Mazerolle (2015) mostraram que a exposição à violência interparental nos homens está associado com atitudes favoráveis de bater na parceira ($\chi^2 = 8{,}14$; $p = 0{,}04$). Isso parte do pressuposto que a violência é passada através dos papeis sociais, aos quais o homem se espelhou mais no comportamento do pai violento. Além disso, indivíduos com atitudes mais favoráveis ao controle comportamental do parceiro possuem atitudes desfavoráveis ao divórcio, já que o objetivo é o controle sobre o outro (Fincham, Cui, Braithwaite, & Pasley, 2008).

Existe uma correlação entre as atitudes frente à violência contra mulher e o uso da violência de gênero. Essa interação foi estatisticamente significativa em mulheres, já que houve uma interação com os fatores da expressão e/ou desregulação emocional. O que não aconteceu com os homens, pois, a violência física não foi correlacionada com a expressão e/ou desregulação emocional (Kelley & Edwards, 2015).

Em outro estudo (Temple, Shorey, Tortolero, Wolfe, & Stuart, 2013), mostrou-se que a aceitação da violência feminina (mãe-pai) foi associada de maneira positiva e significativamente

com o abuso físico ($\beta = 0,34$, $p < 0,001$) e o abuso psicológico ($\beta = 0,29$, $p < 0,001$), em ambos os sexos. Desde o período da infância a exposição aumenta a relação de aceitabilidade da violência entre parceiros. A exposição à violência faz com que as pessoas possuam atitudes mais favoráveis ao uso da violência, começando nas relações do namoro (Bucheli & Rossi, 2015).

Além disso, as atitudes também vão se relacionar com os valores (Nascimento, 2015). Esses valores humanos podem ser enfatizados no processo escolar, a fim de minimizar a violência midiática e societal (Sodré, Hora, & Gama, 2015). Compreendendo que o comportamento pode ser orientado e motivado a partir de valores construídos no processo de interação, começando na família e posteriormente na escola (Formiga & Gouveia, 2005).

Valores

É sabido que existem muitas definições para os valores (Anderson & Bushman, 2002; Gouveia, 2013; Schwartz, 2006), o que vai direcionar a escolha de uma teoria para embasar o construto dos valores é o objeto de estudo. Partindo desse pressuposto, tem-se que os valores são definidos como aspectos psicológicos que guiam os comportamentos e representam cognitivamente as necessidades humanas (Gouveia, 2013).

Os valores podem ter orientação pessoal, central e social com motivadores humanitários ou materiais. A orientação social conduz as pessoas a serem centradas na sociedade e possuem metas sociais, a orientação pessoal a metas intrapessoais, sendo mais centradas no egocentrismo e a orientação central não implica em conflito pessoal e social, mas em uma necessidade que parte do mais simples aspecto como o fisiológico para um mais complexo que é a autorrealização (Gouveia, 2013).

Os motivadores são a expressão às necessidades humanas, que podem ser de ideias práticas com ênfase as questões biológicas dando importância à própria existência, definido como uma fonte de ameaças (materialistas) e podem expressar ideias e princípios abstratos coerentes com menos dependência a bens materiais, definido-a como uma fonte de oportunidade.

Esses valores são explicadores para condutas antissociais e violentas (Anderson & Bushman, 2002; Santos & Lopes, 2016), uma vez que, em uma sociedade onde se prioriza o controle, a agressão é um forte aliado para manter a coesão sobre o outro (Sundberg, 2014). Além do mais, valores que exprimem realização pessoal buscando a satisfação do próprio desejo, aliando-se com a obtenção do prazer (Gouveia, 2013), do poder e prestígio são associados a condutas antissociais (Formiga & Gouveia, 2005). O valor poder direciona o indivíduo a uma crença de que o homem é um ser superior ao outro com prestígio e liderança (Schwartz & Boehnke, 2004; Sundberg, 2014).

Diferentemente dos valores pessoais, os valores centrais priorizam tanto aspectos individuais como sociais. A exemplo dessa orientação central tem-se: a existência, que prioriza a saúde, sobrevivência, estabilidade pessoal, bem como, o suprapessoal em que se prioriza a maturidade, beleza e o conhecimento. Esses valores podem tanto se correlacionar de forma positiva como também negativa com condutas antissociais (Formiga & Gouveia, 2005). Mas quanto à violência contra a mulher, um estudo feito por Nascimento (2015) mostrou que mulheres que endossam valores de existência, assim como suprapessoais, possuem menos atitudes favoráveis frente à violência contra a mulher (Nascimento, 2015).

Bem como valores sociais que expressam a tradição, obediência, religiosidade, afetividade dentre outros correlacionam positivamente com a honra feminina, dado que uma mulher deve se comportar apropriadamente com relação à reputação, sexualidade e outros comportamentos sociais (Guerra, Freires, & Coutinho 2016). A obediência, tradição e religiosidade foram correlacionadas negativamente com as condutas antissociais, pois, estas condutas estão fora dos padrões aceitáveis da sociedade (Formiga & Gouveia, 2005).

Método

Participantes

A amostra deste estudo foi constituída de 280 participantes residentes do Estado da Paraíba, com idades entre 18 a 58 anos (*M* = 26,83, *DP* = 6,93). A maioria é do sexo feminino (70,8%),

heterossexuais (88,6%), autodeclarado solteiros (75,1%), mas que estão em um relacionamento namoro/noivado (38,2%), variando de 1 ano e 1 mês a 5 anos (44,8%). Também se declaram com ensino superior completo (39,9%), pouco religioso (54,1%) e de classe média (61,6%).

Instrumentos

Foram utilizados seis instrumentos:

Escala de Violência entre Parceiro Íntimo construída e validada no artigo 2, composta por 25 itens distribuídos em 3 fatores: abuso psicológico (α = 0,70) (ex., Ameacei com palavras), abuso físico (α = 0,78) (ex., Dei socos nele(a)) e controle comportamental (α = 0,78) (ex., Invadir redes sociais sem a permissão). A escala likert variou de 1 = nunca a 5 = sempre.

Escala Geral do Mundo Justo validada por Pimentel et. al. (2010), unifatorial, composta por 6 itens (ex., Penso que o mundo é basicamente um justo lugar) e um α = 0,66. A escala de resposta variou de 1 = concordo totalmente a 6 = discordo totalmente.

Questionário dos Valores Básicos (QVB) desenvolvido por Gouveia, Milfont e Guerra (2014) sendo composto por 18 itens (valores básicos), distribuídos em 6 subfunções: experimentação (α = 0,52) (ex., Desfrutar desafiando perigo); realização (α = 0,55) (ex., Obter o que se propõe); existência (α = 0,42) (ex., Ter água, comida, e poder dormir bem todos os dias); suprapessoal (α = 0,42) (ex., Sentir que conseguiu alcançar seus objetivos na vida); interativo (α = 0,54) (ex., Obter ajuda quando necessite); e normativo (α = 0,74) (ex., Seguir as normas do seu país). Esta escala variou de 1 = nada importante a 7 = muito importante.

Inventário de Personalidade de Dez Itens (TIPI), construída por Gosling, Rentfrow, e Swann Jr, (2003) e traduzida por Pimentel, Ferreira, Vargas, Maynart e Mendonça (2014). Esta é composta e por 10 itens e 5 fatores, no presente estudo encontraram-se as seguintes correlações entre os itens de cada fator: Extroversão (r =0,42) (ex., Extrovertido, entusiasta); Agradabilidade (r = 0,08) (ex., Crítico, briguento); Consciensiosidade (r = 0,29) (ex., Confiável, autodisciplinado); Estabilidade Emocional (r = 0,34) (ex., Ansioso, que se chateia facilmente); Abertura à Experiências (r = 0,08)

(ex., Aberto a novas experiências, complexo). A escala de resposta varia de 1 = Discordo fortemente a 7 = Concordo fortemente.

A Escala *Dark Triad Dirty Dozen* (*DTDD),* construída por Jonason e Webster (2010), validada para o Brasil por Gouveia, Monteiro, Athayde e Cavalcanti (2016), sendo composta por 12 itens distribuídos em três traços: maquiavelismo (α = 0,79) (ex., Costumo bajular as pessoas para conseguir o que quero), narcisismo (α = 0,85) (ex., Eu tendo a buscar prestígio ou status) e psicopatia (α = 0,62) (ex., Eu tendo a ter falta de remorso). A escala de resposta varia 1 = discordo totalmente a 5 = concordo totalmente.

O Teste de Associação Implícita - TAI (*Implicit Association Test - IAT*) computadorizado, proposto por Greenwald et. al., (1998), avaliando a partir do escore D, que examina as diferenças em tempos de reação entre as condições do bloco de teste (Greenwald, Nosek, & Banaji, 2003). A resposta varia de -2 que significa uma forte atitude implícita contrária ao objeto de pesquisa (mulher + agressão/ homem + não agressão) e +2 (mulher + não agressão/ homem + agressivo) que significa uma forte atitude implícita a favor deste objeto (Gouveia, Athayde, Mendes, & Freire, 2011; Greenwald et. al., 2003).

O primeiro bloco consistiu na discriminação do conceito. Nas "atitudes em relação às mulheres" TAI, participantes associou homem (por exemplo, ele, masculino, homem) e mulher (por exemplo, ela, feminino, mulher), nas categorias "mulher" e "homem" usando a tecla "e" (esquerda) e a tecla "i" (certo). Para as "atitudes em relação à violência" TAI, utilizou-se uma estratégia semelhante, os participantes associaram não agressão (por exemplo, carinho, afeto, delicadeza, pacífico) e agressão (por exemplo, desprezo, agressão, grosseria, violência). No segundo bloco, foi uma tarefa de congruência correspondente ao conceito alvo (por exemplo, homem /mulher) e o conceito de atributo (ou seja, não agressão / agressão) surgiu na tela do computador. No TAI, as atitudes em relação às mulheres, foram apresentadas da seguinte forma: se a palavra fosse "mulher" ou "não agressão", foram ordenadas para a esquerda e se a palavra fosse "homem" ou "agressão", foram ordenadas à direita. No terceiro bloco, a tarefa de discriminação do alvo era o inverso,

apresentando os lados opostos (por exemplo, "agressão" foi apresentada do lado esquerdo). E o quinto bloco, foi uma tarefa incongruente, em que as palavras "homem" e "mulher" foram classificadas da mesma maneira que o bloco do teste anterior, mas foram emparelhadas com o atributo oposto, em comparação ao segundo bloco "congruente" (por exemplo, mulher = agressivo, direita; homem= não agressivo, esquerda). As palavras foram apresentadas de maneira aleatórias. E os índices do TAI são definidos como a diferença entre os tempos médios de resposta para os pares de categorias congruentes (por exemplo, mulher e não agressão; homem e agressão) e incongruente (mulher + agressivo; homem + não agressão).

Questionário Sociodemográfico, contendo perguntas como sexo, idade, escolaridade, cujo objetivo era a caracterização dos participantes.

Procedimentos

Inicialmente foi apresentado o projeto ao Comitê de Ética da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), para emissão do parecer favorável (CAAE: 60905716.2.0000.5188). Com isso, prosseguiu-se para aplicação de forma online, através das redes sociais (ex., facebook) e correios eletrônicos (ex.e-mails). Seguiram-se as recomendações da Resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde, informando aos respondentes que a participação na pesquisa era de caráter voluntário, sem receber nenhum retorno financeiro, garantindo também o sigilo e a confidencialidade das informações individuais, preservando a identidade dos respondentes. Ficou esclarecido aos participantes que a pesquisa não envolveria nenhum risco à saúde e integridade biopsíquica, moral espiritual.

Análise de dados

Os dados foram analisados pelo programa estatístico IBM SPSS *Statistics* (versão 21), realizando-se estatísticas descritivas (frequências da caracterização da amostra), correlação de Pearson, regressão múltipla linear e teste t para comparação das médias dos grupos.

Resultado

Realizou-se uma estatística descritiva para obtenção da média e desvio padrão dos fatores da violência entre parceiros íntimos, dos fatores da personalidade (*big five* e *dark triad*), crenças do mundo justo e valores humanos, a fim de observar em que medida da escala de resposta os participantes estão situados.

Com isso, tem-se que o abuso físico (M = 1,23, DP = 0,32), abuso físico (M = 1,11, DP = 0,24) e o controle comportamental (M = 1,55, DP = 0,56), estão situando às médias entre nunca ou algumas vezes cometeram a violência. O que significa que esta população não é violenta. Para as crenças do mundo justo (M = 3,98, DP = 1,08) a média está situada para uma tendência em acreditar que o mundo é um lugar justo.

Para os fatores da personalidade extroversão (M = 4,10, DP = 1,47), agradabilidade (M = 5,04, DP = 1,10), conscienciosidade (M = 4,98, DP = 1,32) situam suas médias para concordância nesses traços de personalidade, ou seja, apresentaram alta pontuação nesses traços. E para abertura à experiências (M = 3,86, DP = 1,03) está situado em uma discordância parcial ou uma baixa pontuação nesse traço. Para o maquiavelismo (M = 1,55, DP = 0,68), psicopatia (M = 1,63, DP = 0,69) e o narcisismo (M = 2,33, DP = 0,32), apontaram uma baixa pontuação nas médias, situando em poucas características.

E para os valores humanos, experimentação (M = 4,90, DP = 1,09), suprapessoal (M = 5,81, DP = 0,84), interativa (M = 5,76, DP = 1,03), realização (M = 4,66, DP = 1,10) e normativo (M = 4,91, DP = 1,57), mostraram altas pontuações de médias, situando-os em importantes endossos desses valores. O que não teve forte endosso foi à existência (M = 1,20, DP = 0,40), no qual obteve baixa pontuação ou foi considerada pouco importante para os respondentes. Ver **Tabela 1.**

Tabela 1. *Média e desvio padrão dos fatores*

Fatores	Média	DP
Abuso Psicológico	1,23	0,32
Abuso Físico	1,11	0,24
Controle comportamental	1,55	0,56

Extroversão	4,10	1,47
Agradabilidade	5,04	1,10
Conscienciosidade	4,98	1,32
Estabilidade emocional	4,12	1,45
Abertura à experiências	3,86	1,03
Maquiavelismo	1,55	0,68
Psicopatia	1,63	0,69
Narcicismo	2,33	1,05
CMJ	3,98	1,08
Experimentação	4,90	1,09
Suprapessoal	5,81	0,84
Interativa	5,76	1,03
Realização	4,66	1,10
Existência	6,12	0,79
Normativa	4,91	1,57

Em seguida, realizou-se a correlação de Pearson unicaudal entre todos os fatores já expostos, acrecentando o escore D, do teste de medida implícita (TAI). Verificou-se o relacionamento entre o abuso psicológico e os fatores da personalidade, a exemplo da agradabilidade ($r = -0,28$), estabilidade emocional ($r = -0,30$), abertura à experiências ($r = 0,10$, $p < 0,05$), maquiavelismo ($r = 0,32$), psicopatia ($r = 0,23$) e narcisismo ($r = 0,30$), todos ao nível de $p < 0,01$. Neste sentido, tem-se que dependendo do traço de personalidade este possui relação com o ato da violência psicológica. Como também os valores humanos, suprapessoal ($r = -0,11$) e realização ($r = -0,10$), todos ao nível de $p <0,05$, são correlacionados com o abuso psicológico.

O abuso físico se correlacionou com os fatores da personalidade como a agradabilidade ($r = -0,18$), estabilidade emocional ($r = -0,28$), abertura à experiências ($r = 0,12$) e narcisismo ($r = 0,14$), todos ao nível de $p < 0,01$. Ou seja, a personalidade também e uma característica que se relaciona com o abuso físico, assim como também o valor realização ($r = 0,12$, $p < 0,05$), têm suas relações com esse fator. Além disso, esse fator foi correlacionado com as atitudes implícitas ($r = 0,10$, $p < 0,05$), demonstrando que existe uma associação entre as mediadas implícitas e as explicitas no abuso físico, ou seja, existe uma correlação entre as palavras mulher + não agressão e homem + agressão com o abuso físico.

E o controle comportamental se correlacionou com a agradabilidade ($r = -0,21$), estabilidade emocional ($r = -0,27$), maquiavelismo ($r = 0,31$), psicopatia ($r = 0,13$, $p<0,05$), e narcisismo ($r = 0,28$), todos ao nível de $p < 0,01$. Considerando que a personalidade é um fator relacionado com o controle comportamental.

Tabela 2. *Correlações dos fatores pessoais com os fatores da violência entre parceiros íntimos*

Tabela de correlações																		
1.Psicológico																		
2. Físico	0,53**																	
3.Controle	0,54**	0,36**																
4.Escore_D	0,09	0,10*	0,07															
5.Extroversão	0,06	0,07	0,04	0,11*														
6.Agradabilidade	-0,28**	-0,18**	-0,21**	-0,08	0,07													
7.Conscienciosidade	-0,05	-0,07	-0,07	-0,00	0,02	0,14*												
8.Estabilidade	-0,30**	-0,28**	-0,27**	-0,13*	-0,02	0,40**	0,15**											
9.Abertura	0,10*	0,12**	0,07	0,07	0,06	-0,01	-0,09	-0,09										
10.Crenças	0,12	-0,08	-0,03	-0,03	-0,00	-0,09	-0,12*	0,10*	0,06									
11.Experimentação	-0,08	0,01	0,05	-0,04	0,15**	0,07	-0,02	0,02	0,05	0,00								
12.Suprapessoal	-0,11*	0,01	-0,04	-0,00	0,08	0,13**	0,17**	0,08	0,02	-0,05	0,40**							
13.Interativa	-0,03	-0,03	-0,01	0,09	0,14**	0,22**	0,09	0,00	0,10*	-0,05	0,18**	0,37**						
14.Realização	0,10*	0,12*	0,08	0,09	0,19**	-0,06	-0,03	-0,21**	0,01	-0,04	0,29**	0,29*	0,12*					
15.Existência	-0,06	-0,01	-0,03	0,05	0,05	0,17**	0,25*	0,03	0,01	-0,05	0.25**	0,45**	0,18**	0,33**				
16. Normativo	0,01	0,02	0,02	-0,00	-0,25	0,23**	0,26**	0,06	-0,04	-0,30**	0,00	0,33**	0,34**	0,08	0,03**			
17.Maquiavelismo	0,32**	0,08	0,31**	0,03	0,06	-0,29**	-0,25	-0,20	0,12	0,09	0,08	-0,02	-0,13**	0,28**	-0,04	-0,20**		
18.Psicopatia	0,23**	0,07	0,13*	-0,02	-0,03	-0,25**	-0,09	-0,03	0,08	-0,04	0,10	-0,04	-0,28**	0,12**	-0,08	-0,13**	0,50**	
19.Narcicismo	0,30**	0,14**	0,28**	0,05	0,15*	-0,24**	-0,23	-0,20	0,11	0,00	0,08	-0,02	-0,08	0,47**	-0,08	-0,14**	0,53**	0,28**
	1	**2**	**3**	**4**	**5**	**6**	**7**	**8**	**9**	**10**	**11**	**12**	**13**	**14**	**15**	**16**	**17**	**18**

Nota: N=305. O escore D é referente ao TAI. A correlação é significativa ** no nível p<0,01; * no nível p<0,05.

Diante disso, observa-se que dependendo do traço da personalidade, alguns valores humanos endossados e as atitudes implícitas estas podem ser correlacionados com o ato de cometer a violência entre parceiros íntimos, seja o abuso físico, psíquico ou comportamental. No entanto, para uma análise mais acurada de qual dos sexos cometem mais violência, foi realizado um teste t de amostras independentes.

Para isso, equiparou-se o número do sexo feminino e do masculino aleatorizando, afim que não tivesse nenhuma diferença dada por erro de distribuição amostral. Com isso, o número de participantes se restringiu de 305 passou a ser composto por 164, dividido em dois grupos, 82 do sexo feminino e 82 do sexo masculino.

Levando em consideração a média de respostas descritas na **Tabela 1**, observa-se uma média para nunca ou algumas vezes cometidos à violência controle comportamental. Com isso, a partir do teste t, verificaram-se quais dos sexos cometeram nunca ou algumas vezes este tipo de violência. Mesmo que tanto o sexo masculino como o feminino obtiveram médias baixas nos fatores de violência, foi encontrada uma diferenciação das médias ($t(140,42) = -2,27$, $p<0,02$), ao qual o sexo feminino ($M= 1,62$, $DP = 0,66$) cometeu algumas vezes a violência comportamental em comparação ao sexo masculino ($M = 1,42$, $DP = 1,06$). Esta apresentou uma diferença de média -0,19 e um ($d = -0,22$); o intervalo de confiança estimada das médias populacionais está entre -0,36 e -0,02, ou seja, apresentou um efeito considerado pequeno na probabilidade desse tipo de violência ocorrer pela variação do sexo.

A exceção do teste de medida implícita, ao qual o escore D, os respondentes do sexo feminino foram mais rápidos na associação de palavra ($M = 0,13$, $DP = 0,92$) mulher + não agressiva e homem + agressão, do que os respondentes do sexo masculino ($M = -0,44$, $DP =1,17$), ao qual se teve uma atitude desfavorável com esse bloco. A diferença de médias entre os dois sexos foi de -0,58, que é considerado um pequeno efeito ($d = 0,29$); o intervalo de confiança estimada das médias populacionais está entre -0,91 e -0,25. Tal resultado revelou que houve uma diferença nas médias

(t(153,61) = -3,52, p<0,01), representando que o sexo feminino possui uma atitude mais favorável às mulheres serem passivas e o homem ser agressor.

Tabela 3. *Teste de comparação de médias entre os gêneros masculino e feminino (N=164*)

	Sexos	**M**	**DP**	***t***	**Sig.**
Abuso psicológico	Masculino	1,22	1,20	0,30	0,76
	Feminino	1,24	0,62		
Abuso físico	Masculino	1,08	0,04	-1,08	0,27
	Feminino	1,12	0,05		
C. comportamental	Masculino	1,42	1,06	-2,27	0,02
	Feminino	1,62	0,66		
Escore D	Masculino	-0,44	1,17	-3,52	0,01
	Feminino	0,13	0,92		

Subsequentemente, a fim de testar as variáveis correlacionadas previamente, resolveu-se testar o poder preditivo destes, através da regressão linear múltipla, uma vez que é esperado de acordo com o GAM, que estas antecedam o comportamento. Com isso, foi visto que o abuso psicológico é predito por fatores da personalidade, tais como a estabilidade emocional (β = -0,20, p < 0,01) e narcisismo (β = 0,16, p < 0,02). Estas explicam 20% (R^2) da variância explicada para essa amostra e 18% da variância total para a população. O que significa dizer que os traços de personalidade explicam 20% (R^2) dos fatores que formam o gatilho para a violência nesta amostra e 18% (R^2 ajustado) explica a violência na população.

O abuso físico foi predito apenas por um fator da personalidade, a estabilidade emocional (β = -0,21; p < 0,01), explicando 10% (R^2) da variância explicada, para essa amostra e 8% (R^2 ajustado) da variância total para a população. Isso indica que a estabilidade emocional explicou apenas 10% dos fatores que podem causar a violência por meio do abuso físico nessa amostra e apenas 8% para a população.

E por fim, o controle comportamental foi predito pelos fatores da personalidade, como: a estabilidade emocional (β = -0,18, p < 0,01), maquiavelismo (β = 0,20; p < 0,01) e narcisismo (β = 0,12, p < 0,05), explicando 16% (R^2) da variância explicada, nesta amostra e 14% (R^2 ajustado) da

variância total para a população. Ou seja, foi visto que os fatores da personalidade são explicadores apenas de 16% do controle comportamental usado nas relações íntimo amorosas nesta amostra e 14% são explicadores para a população. Com isso, percebe-se o papel da personalidade na explicação dos comportamentos violentos entre parceiros íntimos, observados na **tabela 4.**

Tabela 4. *Regressão múltipla linear (enter) (N=305)*

VI	R	R^2	F	Sig(f)	B	β	*t*	*p*
Agradabilidade	0,45	0,20	8,75	0,001	-0,03	-0,09	-1,48	0,13
E. Emocional					0,05	-0,20	-3,37	0,01
A. Experiência					0,01	0,04	0,74	0,45
Maquiavelismo					0,07	0,12	1,72	0,08
Psicopatia					0,05	0,09	1,45	0,14
Narcisismo					0,06	0,16	2,24	0,02
Realização					-0,01	-0,04	-0,70	0,48
Suprapessoal					-0,02	-0,05	-1,00	0,31
Nota: VD: Abuso psicológico								
VI	R	R^2	F	Sig(f)	B	β	*t*	*p*
Escore D	0,32	0,10	5,28	0,001	0,01	0,05	0,90	0,36
Agradabilidade					-0,01	-0,07	-1,21	0,22
E. Emocional					-0,02	-0,21	-3,30	0,01
A. Experiência					0,01	0,09	1,69	0,09
Narcisismo					0,01	0,04	0,64	0,52
Realização					0,01	0,04	0,71	0,47
Nota: VD: Abuso físico								
VI	R	R^2	F	Sig(f)	B	β	*t*	*p*
Agradabilidade	0,40	0,16	10,41	0,001	-0,02	-0,05	-0,84	0,40
E. Emocional					-0,07	-0,18	-3,03	0,00
Maquiavelismo					0,16	0,20	2,78	0,00
Psicopatia					-0,02	-0,02	-0,43	0,66
Narcisismo					0,06	0,12	1,95	0,05
Nota: VD: Controle comportamental								

Discussão

O objetivo deste estudo foi testar os fatores pessoais com os comportamentos praticados violentos entre parceiros íntimos, ao qual ainda não realizado no Brasil. Para isso, foi realizado a correlação e regressão dos fatores pessoais (*big five*, *dark tríade*, crenças no mundo justo, atitudes implícitas e valores humanos) com os fatores da violência entre parceiros íntimos (abuso físico, psicológico e controle comportamental). Porém, sabe-se que estes fatores não atuam de maneira isolada, mas em conjunto com diversas variáveis (situacionais, afetivas, cognitivas, dentre outras) que podem influenciar no comportamento (Anderson & Bushman, 2002).

Neste estudo, observou que diversos fatores foram correlacionados, isso não significa que eles causem diretamente a violência entre parceiros, mas que existem indícios que elas formam os estímulos (gatilhos) para a violência. A personalidade é vista em diversos estudos (Barlett & Anderson, 2012; Jones, Miller, & Lynam, 2011; Paiva, Pimentel & Moura, 2017) como um fator pessoal (Anderson & Bushman, 2002) associado ao comportamento da violência.

Este no que lhe concerne, foram corroborados no presente estudo, indicando que pessoas que pontuam mais alto em agradabilidade são menos predispostas ao uso da violência, neste sentido, pessoas que pontuam baixo podem ser mais susceptíveis ao uso da violência entre parceiros íntimos. Estudos diversos (Barthelemy & Lounsbury, 2009; Cavalcanti & Pimentel, 2016; Gleason, Jensen-Campbell, & Richardson, 2004), vêm ao encontro do que foi achado, mostrando que a agradabilidade é um preditor da violência, pontuações baixas em agradabilidade poderia produzir atitudes e comportamentos agressivos.

Além disso, foi visto que pontuações baixas em estabilidade emocional estão correlacionadas ao uso da violência, como também é um fator preditor para o uso nas relações amorosas. Pessoas com baixa pontuação são emocionalmente instáveis, o que acarreta sofrimento em perdurar o relacionamento abusivo (Carleton, Mulvogue, & Duranceau, 2015; Cavalcanti & Pimentel, 2016). Além disso, a impulsividade e a menor capacidade de controlar suas emoções e explosões de raiva podem resultar em atos violentos durante as discussões (Anderson & Bushman, 2002; Ulloa et. al., 2016).

E ainda a pontuação baixa em abertura à experiências foi relacionada de maneira negativa aos fatores da violência, fornecendo indícios de que maiores pontuações em abertura também podem fazer com que o indivíduo use da violência entre parceiros de forma psicológica e física. Esse dado foi ratificado pelo estudo de Bartlett e Anderson (2012) ao qual apresentou que abertura à experiências possui efeitos diretos na agressão física. Pessoas que pontuam baixo na abertura à experiências estão mais no polo tradicional (Cavalcanti & Pimentel, 2016), com aspecto mais conservador, tanto para homens como mulheres. Já o outro polo dirige a pessoas por buscas de novidade, mas que também pode usar da violência para experimentar novas sensações e obtenção do que se deseja (Ulloa et. al., 2016).

Essa capacidade de se obter aquilo que deseja por meio de manipulações se dirige ao traço maquiavélico. Este foi correlacionado com o abuso psicológico e controle comportamental, ou seja, quanto mais se pontua nesse traço mais as pessoas podem usar desses tipos de violência. Também se nota que o maquiavelismo é associado a condutas delinquentes, isto por que é um traço que se enfatiza a competitividade, o individualismo (Chabrol, Leeuwen, Rodgers, & Séjourné, 2009) interesses egoístas, o que leva a uma estratégia basicamente orientada para os lucros, mas atuam de maneira sutil (Szijjártó, Kocsor, & Bereczkei, 2017).

Já os psicopatas são mais caracterizados pela delinquência e pelo engajamento em entretenimento violento e antissocial (Williams & Paulhus, 2004), e no presente estudo a psicopatia foi associada ao abuso psicológico e ao controle comportamental, ou seja, quanto mais se pontua em psicopatia mais se pode usar da violência. Também foi observado em estudo de Westhead e Egan (2015) que pessoas que pontuam mais nesse traço têm mais chances de se envolver em condutas antissociais.

Embora os três traços juntos possam se relacionar ao comportamento agressivo hostil e instrumental (Cima & Raine, 2009), o narcisismo expressa seu comportamento através de reações arrogantes, desdenhosas, críticas, agressividade aos outros que não são disfarçadas, mas sim exibidas (Ritter et. al., 2011). Talvez este seja o traço pelo qual se mostra a violência tanto aparente

como física, como de maneira sutil nos abusos psicológicos e controle comportamental, além de ser um preditor para o uso da violência entre parceiros íntimos.

Isso se dá também através das crenças que um indivíduo possui a cerca do relacionamento amoroso. Essas crenças por sua vez, direciona para aquilo que pode ser justo (Lener, 1980) nas relações e aquilo que podem ter causado aquela situação dolorosa (Bos & Maas, 2009). Pois, pessoas que já tiveram algum histórico com violência familiar podem ter mais probabilidade de reproduzir e aceitar a violência entre parceiros (Eriksson & Mazerolle, 2015).

A identificação com o grupo vulnerável faz com que se tenha uma maior crença no mundo justo pessoal (Correia, et. al., 2015). Ainda que no presente estudo não se tenha encontrado uma correlação significativa entre as crenças do mundo justo e o uso da violência entre parceiros íntimos. Essas são importantes na visualização de um relacionamento amoroso, pois, pode está implícito a maneira como foi percebido aquela determinada situação.

Por isso, as atitudes implícitas vêm de modo a suprir essa necessidade de associar a violência com estímulos que não são conscientes. Por sua vez, as atitudes implícitas foram correlacionadas com o abuso físico, demonstrando que no abuso físico a associação de palavras homem e agressor e mulher não agressiva foram muito mais rápidas. Estes dados são embasados pelas estatísticas nacionais (Waiselfisz, 2015) e até internacionais (OMS, 2012), em que se demonstra que o sexo masculino comete mais violência na forma física.

Com isso, foi visto que há uma correlação entre atitudes implícitas e o comportamento praticado nas relações íntimas amorosas. Além disso, o sexo feminino é muito mais vulnerável a serem vítimas de violência entre parceiros íntimos (Waiselfisz, 2015), mas que nesse estudo, observou-se que o sexo feminino não usou ou usou poucas vezes da violência na forma de controle comportamental, corroborando com Wang, Wu e Choi, (2017) em que as mulheres cometem mais tanto abuso psicológico como controles do comportamento e os homens cometem mais violência física nos seus relacionamentos amorosos.

Não obstante os valores humanos possuem papel fundamental na violência, já que estes servem como princípio guia para os comportamentos (Gouveia, 2013), e o estudo verificou que existe uma correlação embora fraca, mas significativa entre valores suprapessoais e o abuso psicológico. Isso indica que pessoas que endossam valores suprapessoais são mais interessadas em conhecimento, maturidade e beleza, e não usam a violência entre parceiros íntimos, pois, elas buscam um propósito geral, não se limitando apenas a interesses pessoais, egocêntricos que prejudique a imagem e o bem estar do parceiro na relação amorosa, indo ao encontro com o estudo de Nascimento (2015).

Neste contexto, o valor realização também foi correlacionado positivamente com o uso da violência, indicando que quanto mais se prioriza a satisfação pessoal mais ela poderá usar da violência entre parceiros, podendo tanto ser na forma psicológica quanto na forma física para se atingir seu objetivo. Pessoas que priorizam esse valor precisa de um reconhecimento público, com necessidade de autoestima, além de que admite uma hierarquia social (Gouveia, 2013), baseada em uma dominação masculina que pode admitir o uso da violência a fim de manter seu *status* (Sundberg, 2014), esse dado vai ao encontro com o estudo de Nascimento (2015) em que pessoas que priorizaram a realização também possuíam atitudes de suporte a violência contra a mulher.

Portanto, os dados fornecem evidências empíricas de que os fatores pessoais, descritos pelo GAM (Anderson & Bushman, 2002) são correlacionados com o uso da violência, mas que especificamente a personalidade é um preditor do uso de comportamentos violentos nas relações íntimas amorosas, principalmente a estabilidade emocional e o narcisismo.

Contudo, faz-se necessário a inclusão de fatores situacionais e também de rota ou trajetórias internas para testar novas predições do comportamento. Além do mais, contou-se com uma amostra não probabilística e por conveniência, o que faz com que não se tenha um controle das variáveis sociodemográficas dos respondentes. Embora, o estudo seja transversal, espera-se que este sirva de incentivo a pesquisas futuras no âmbito social, jurídico, familiar, escolar. E que possa nortear pesquisas em outras regiões do Brasil.

Referências

Afe, T. O., Emedoh, T.C., Ogunsemi, O., & Adegbohun, A. A. (2016). Intimate partner violence, psychopathology and the women with schizophrenia in an outpatient clinic South-South, Nigeria. . *Bio Med Central Psychiatry*, 16, (197), 2-8. doi: 10.1186/s12888-016-0898-2

Allport, G. W. (1935). *Attitudes in handbook of social psychology*. Worester, MA: Clark University Press.

Anderson, C. A., & Bushman, B. J. (2002). Human aggression. *Annual Review of Psychology, 53*(1), 27-51.

Barlett, C. P., & Anderson, C. A. (2012). Direct and indirect relations between the big 5 personality traits and aggressive behavior. *Personality and Individual Differences*, 52,870-875. doi: 10.1016/j.paid.2012.01.029

Barreiro, A., & Castorina, J.A. (2005). Las creencias en el mundo justo: ¿un invariante cognitivo o una apropiación social? *Psicologia da Educação*, 21(2), 103-122.

Barthelemy, J.J. & Lounsbury, J.W. (2009). The relationship between aggression and the big five personality factors in predicting academic success. *Journal of Human Behavior in the Social Environment*, 19 (2), 159-170. doi: /10.1080/10911350802687125

Blackburn, R., Renwick, S.J.D., Donnelly, J. P., & Logan, C. (2004). Big five or big two? superordinate factors in the NEO five factor inventory and the antisocial personality questionnaire. *Personality and Individual Differences* 37, 957–970. doi: 10.1016/j.paid.2003.10.017

Bos, K. V.D., & Maas, M. (2009). On the psychology of the belief in a just world: exploring experiential and rationalistic paths to victim blaming. *Personality & Social Psychology Bulletin*, 35(12), 1567-157.doi:10.1177/0146167209344628

Bucheli, M., & Rossi, M. (2015). Attitudes toward partner violence and gender roles in Uruguayan women. Journal of Interpersonal Violence, 32(23) 3693-3705. doi: 10.1177/0886260515602897

Carleton R. N., Mulvogue M. K., & Duranceau, S. (2015). PTSD personality subtypes in women exposed to intimate-partner violence. *Journal of Psychological Trauma, 7*(2), 154-161. doi: 10.1037/tra0000003

Caridade, S., & Machado, C. (2006). Violência na intimidade juvenil: da vitimação à perpetração. *Análise Psicológica, 4*(24), 485-493.

Carter, G. L., Campbell, A. C., & Muncer, S. (2013). The dark triad personality: attractiveness to women. *Personality and Individual Differences*, 56, 57-61.doi.org/10.1016/j.paid.2013.08.021

Cavalcanti, J. G., & Pimentel, C. E. (2016). Personality and aggression: a contribution of the general aggression Model. *Estudos de Psicologia/Campinas, 33*(3), 443-451. doi: 10.1590/1982-02752016000300008

Chabrol, H., Leeuwen, N. V., Rodgers, R, M., & Séjourné, N.(2009). Contributions of psychopathic, narcissistic, machiavellian, and sadistic personality traits to juvenile delinquency. *Personality and Individual Differences*, 47, 734–739. doi: 10.1016/j.paid.2009.06.020

Cima, M., & Raine, A. (2009). Distinct characteristics of psychopathy relate to different subtypes of aggression. *Personality and Individual Differences*, 47, 835-840. doi: 10.1016/j.paid.2009.06.031

Correia, I., & Vala, J. (2003). Crença no mundo justo e vitimização secundária: o papel moderador da inocência da vítima e da persistência do sofrimento. *Análise Psicológica*, 21(3), 341-352.

Correia, I., Alves, H., Morais, R., & Ramos, M.(2015). The legitimation of wife abuse among women: the impact of belief in a just world and gender identification. *Personality and Individual Differences*, 76, 7-12.doi: 10.1016/j.paid.2014.11.041

Correia, I., Alves, H., Sutton, R., Ramos, M., Gouveia-Pereira, M., & Vala, J. (2012). When do people derogate or psychologically distance themselves from victims? Belief in a just world and ingroup identification. *Personality and Individual Differences*, 53, 747–752. doi:10.1016/j.paid.2012.05.032.

Eckhardt, C. I., Sampe, R., Suhr, L., & Holtzworth-Munroe, A. (2012). Implicit attitudes toward violence among male perpetrators of intimate partner violence: a preliminary investigation. *Journal of Interpersonal Violence*, 27(3) 471-491. Doi: 10.1177/0886260511421677

Egan, V. (2011). Individual differences and antisocial behaviour. *The wiley-blackwell handbook of individual differences*, 512–537. doi: 10.1002/9781444343120.ch19/pdf.

Fetchenhauer, D., Jacobs, G., & Belschak, F. (2005). Belief in a just world, causal attributions, and adjustment to sexual violence. *Social Justice Research*, *18* (1), 25-42. doi: 10.1007/s11211-005-3369-1

Fincham, F. D., Cui, M., Braithwaite, S., & Pasley, K. (2008). Attitudes toward intimate partner violence in dating relationships. *Psychological Assessment,* 20(3), 260-269.doi: 10.1037/1040-3590.20.3.260.

Formiga, N. S., & Gouveia, V. V. (2005). Valores humanos e condutas antissociais e delitivas. *Psicologia: Teoria e Prática*, *7*, 134-170.

Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP). (Março, 2017). Visível e invisível: a vitimização de mulheres no Brasil. São Paulo. Disponível em: http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2017/03/relatorio-pesquisa-vs4.pdf

Gleason, K. A., Jensen-Campbell, L. A., & Richardson, D. B. (2004).Agreeableness as a predictor of aggression in adolescence. *Aggressive Behavior*. 30 (1), 43-61. doi. 10.1002/ab.20002

Gosling, S. D., Rentfrow, P. J., & Swann Jr., W. B. (2003). A very brief measure of the big-five personality domains. *Journal of Research in Personality*, 37(6), 504-528.

Gouveia, V. V. (2013). Teoria Funcionalista dos valores humanos: Fundamentos, aplicações e perspectivas. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Gouveia, V. V., Athayde, R. A. A., Mendes, L. A. C., & Freire, S. E. A. (2011). Introdução às medidas implícitas: conceitos, técnicas e contribuições. *Revista da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul*, 12(1) 80-92.

Gouveia, V. V., Monteiro, R. P., Gouveia, R. S. V., Athayde, R. A. A., & Cavalcanti, T. M. (2016). Avaliando o lado sombrio da personalidade: evidências psicométricas do dark triad dirty dozen. *Revista Interamericana de Psicologia/Interamerican Journal of Psychology (IJP), 50(3), 420-432.*

Greenwald, A. G., Nosek, B. A., & Banaji, M. R. (2003). Understanding and using the implicit association test: I. An improved scoring algorithm. *Journal of Personality and Social Psychology, 85,* 197-216.

Guerra, V. M., Freires, L. A., & Coutinho, M. L. (2016). Estudo sobre os valores na psicologia social. In V. V. Gouveia (Ed.). *Teoria funcionalista dos valores humanos.* (pp.29-45). São Paulo: Vetor.

Hafer, C., & Correy, B. L. (1999). Mediators of the relation between beliefs in a just world and emotional reactions to negative outcomes. *Social Justice Research,* 12, 189-204. doi: 10.1023/A:1022144317302.

Hauck-filho, N., Teixeira, M. A. P., & Dias, A. C. G. (2012). Psicopatia: uma perspectiva dimensional e não-criminosa do construto. *Avances em Psicologia Latinoamericana,* 30(2), 317-327.

Jakobowitz, S., & Egan, V. (2006). The Dark Triad and normal personality traits. *Personality and Individual Differences,* 40, 331-339.

Jonason, P. K., & Webster, G. D. (2010). The dirty dozen: a concise measure of the dark triad. *Psychological Assessment, 22,* 420-432. doi:10.1037/a0019265.

Jones, S. E., Miller, J.D., Lynam, D. R. (2011). Personality, antisocial behavior, and aggression: a meta-analytic review. *Journal of Criminal Justice,* 39(4), 329-337. doi: 10.1016/j.jcrimjus.2011.03.004

Ritter, K., Dziobek, I., PreiBler, S., Rüter, A., Vater, A, Fydrich, T., Lammers, C., Heekeren, H. R., & Roepke, S. (2011). Lack of empathy in patients with narcissistic personality disorder. *Psychiatry Research,* 187, 241–247, doi: 10.1016/j.psychres.2010.09.01

Kelley, E. L., & Edwards, K. M. (2015). Motives for physical dating violence among college students: a gendered analysis. *Psychology of Violence*, 5(1), 56–65. doi.org/10.1037/a0036171

Lerner, M. J. (1980). *The belief in a just world: a fundamental delusion.* New York: Plenum.

Lerner, M., & Simmons, C. (1966). The observer's reaction to the "innocent victim": compassion or rejection? *Journal of Personality and Social Psychology*, 4, 203-210.

Mendonça, R. D., Gouveia-Pereira, M., & Miranda, M. (2016). Belief in a just world and secondary victimization: The role of adolescent deviant behavior. *Personality and Individual Differences*, 97, 82–87. doi: 10.1016/j.paid.2016.03.021

Nascimento, B. S. (2015). *Atitudes frente à violência contra a mulher: o papel dos valores e da desumanização da mulher* (Tese de Mestrado). Programa de Pós-graduação em Psicologia Social. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB.

Neiva, E. R. & Mauro, T. G.(2011). Atitudes e mudanças de atitudes In C.V. Torres & E. R. Neiva (Orgs.). *Psicologia Social* (pp.171-203). Porto Alegre: Artmed.

Organização Mundial de Saúde (OMS). (2012). Prevenção da violência sexual e da violência pelo parceiro íntimo contra a mulher: Ação e produção de evidência. São Paulo: Organização Pan-Americana da Saúde. Disponível online (10.01.18) http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/44350/3/9789275716359_por.pdf

Pailing, A., Boon, J., & Egan, V. (2014). Personality, the dark triad and violent behaviour. *Personality and Individual Differences*, 67(9), 81–86. doi: 10.1016/j.paid.2013.11.018.

Paiva, T. T., Pimentel, C. E., & Moura, G. B. (2017). Violência conjugal e suas relações com autoestima, personalidade e satisfação com a vida. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 10 (2), 215- 227.

Pimentel, C. E., Gouveia, V. V., Diniz, P.K.C., Saenz, D. P., Santos, A. M., & Vieira, I.S. (2010). Evidências de validade de construto e precisão da escala geral do mundo justo. *Boletim de Psicologia*, 60(133), 167-180.

Pimentel, C. E., Torres, C. V., & Günther, H. (2011). Estratégias de mensuração de atitudes em psicologia social. In C. V. Torres & E. R. Neiva (Orgs.). *Psicologia Social* (pp.204-218). Porto Alegre: Artmed.

Poon, K., & Chen. Z. (2014). When justice surrenders the effect of just-world beliefs on aggression following ostracism. *Journal of Experimental Social Psychology*, 52, 101–112. doi: 10.1016/j.jesp.2014.01.006

Santos, W. S., & Lopes, G. S. (2016). Psicologia criminal e prioridades axiológicas. In V., Gouveia (Orgs.). *Teoria funcionalista dos valores humanos*. (pp.69-82). São Paulo: Vetor.

Schwartz, S. H. (2006).A Theory of Cultural value orientations: explication and applications. *Comparative Sociology*, 2(2-3), 137-180. doi: 10.1163/156913306778667357

Schwartz, S. H., & Boehnke, K. (2004). Evaluating the structure of human values with confirmatory factor analysis. *Journal of Research in Personality*, 38, 230–255. doi: 10.1016/S0092-6566(03)00069-2

Secretaria de Políticas para as Mulheres. (2015). *Balanço 1° semestre de 2015. Ligue 180 central de atendimento à mulher*. Governo Federal Brasil. Disponível online (5.5.16) de: http://www.spm.gov.br/assuntos/violencia/ligue-180-central-de-atendimento-a-mulher/balanco1sem2015-versao-final.pdf

Sodré, M. N. R., Hora, N. M., & Gama, R. C.(2015). Mídia, violência e valores humanos: práticas educativas sob o olhar de crianças em vulnerabilidade social. *Revista do Laboratório de Estudos da Violência da UNESP*, 15, 104-123.

Sundberg, R. (2014). Violent values: exploring the relationship between human values and violent attitudes. *Peace and Conflict: Journal of Peace Psychology*, 20(1),68-83. doi: 10.1037/a0035651

Szijjártó, L. Kocsor, F., & Bereczkei, T. (2017). Machiavellian individuals' reciprocation tends to be smaller in a Trust Game. *Human Ethology Bulletin* (in press), 1-10.

Temple, J. R., Shorey, R. C., Tortolero, S.R., Wolfe, D. A., & Stuart, G. L.(2013). Importance of gender and attitudes about violence in the relationship between exposure to interparental violence and the perpetration of teen dating violence. *Child Abuse & Neglect*, 37, 43– 352. doi: 10.1016/j.chiabu.2013.02.001.

Ulloa, E. C., Hammett, J. F., O'Neal, D. N., Lydston, E. E., & Aramburo, L. F. (2016). The big five personality traits and intimate partner violence: findings from a large, nationally re presentative sample**.** *Violence and Victims*, 31(6), 1100-1116. doi: 10.1891/0886-6708.VV-D-15-00055

Waiselfisz, J. J. (2015). *Mapa da Violência 2015. Homicídios de Mulheres no Brasil.* Brasília: Flacso Brasil.

Wang, L., Wu, Q., & Choi, W. (2017). Negative emotions as risk factors for self-directed violence and intimate partner violence in chinese college students. *Journal of Interpersonal Violence*, 1-27. doi:10.1177/088626051771322

Walters, M. L., Chen, J., & Breiding, M. J. (2013). *The national intimate partner and sexual violence survey (NISVS): 2010 findings on victimization by sexual orientation*. Atlanta, GA: National Center for Injury Prevention and Control, Centers for Disease Control and Prevention.

Westhead, J., & Egan, V. (2015). Untangling the concurrent influences of the dark triad, personality and mating effort on violence. *Personality and Individual Differences*, 86, 222–226. doi: 10.1016/j.paid.2015.05.031

Williams, K. M., & Paulhus, D. L. (2004). Factor structure of the self-report psychopathy scale (SRP-II) in non-forensic samples. *Personality and Individual Differences*, *37*(4), 765-778.

Artigo 6

BIG FIVE, DARK TRIAD, AFETOS E A VIOLÊNCIA ENTRE PARCEIROS ÍNTIMOS

Tamyres Tomaz Paiva

Universidade Federal da Paraíba

Carlos Eduardo Pimentel

Universidade Federal da Paraíba

Nota dos autores: Este trabalho foi realizado com o apoio da Capes que formentou a bolsa de mestrado para a orientanda.

Resumo

A violência entre parceiros íntimos é conceituada como uma violência entre pessoas em que uma pessoa mantém ou manteve uma relação íntima amorosa. Objetivou-se analisar quais fatores ditados pelo GAM, predizem o comportamento violento nas relações amorosas, mediado pelos afetos presentes no indivíduo. Participaram 411 respondentes, localizados na região nordeste (75,3%), com 69,7% residentes na Paraíba, com idades entre 18 a 60 anos (*M* = 25,22, *DP* = 7,10). As análises dos dados foram feitos através do programa IBM SPSS *Statistics*, 21. Os resultados demonstraram uma correlação significativa da violência com a agradabilidade, estabilidade emocional, conciensiosidade, narcisismo, maquiavelismo, psicopatia, afetos positivos e negativos e a frequência do consumo do álcool. Mas apenas os afetos negativos, o maquiavelismo e a psicopatia explicaram a violência entre parceiros íntimos. Com isso percebe-se que o estudo atingiu o objetivo proposto, já que pode significar mais um avanço de incentivo a pesquisas futuras, na tentativa de minimizar a violência entre parceiros íntimos.

Palavras –chave: personalidade; álcool; atitudes; afetos; violência.

Abstract

Violence between intimate partners is conceptualized as violence between people in whom a person maintains or maintained an intimate loving relationship. The objective was to analyze which factors dictated by the GAM predict the violent behavior in the amorous relationships, mediated by the affections present in the individual. Participated 411 respondents, located in the northeast region (75.3%), with 69.7% living in Paraíba, aged between 18 and 60 (M = 25.22, SD = 7.10). Data were analyzed using the IBM SPSS Statistics program, 21. The results showed a significant correlation between violence with pleasantness, emotional stability, conscientiousness, narcissism, machiavellianism, psychopathy, positive and negative affect, and frequency of alcohol consumption. But only the negative affects, machiavellianism and psychopathy explained the violence between intimate partners. With this, it can be seen that the study reached the proposed goal, since it could mean a further advance of incentive to future research, in an attempt to minimize violence among intimate partners.

Keywords: Personality; alcohol; attitudes; affections; violence.

Introdução

A violência é conceituada pelo modelo geral da agressão (GAM) como qualquer comportamento que cause dano físico ou emocional, precisando de ajuda médica ou terapêutica (Warbuton & Anderson, 2015). Sabe-se que a violência entre parceiros é algo mais restrito ao campo das violências, pois, examina apenas a violência entre pessoas em que uma pessoa mantém ou manteve uma relação íntima amorosa [World Health Organisation (WHO), 2010].

Essa violência entre parceiros íntimos pode ser de 4 tipos, abuso psicológico, abuso físico, controle comportamental e abuso sexual. O abuso físico é tido como qualquer contato físico que cause danos corpóreos (ex., empurrões, bater, puxar o cabelo, queimaduras) (Warburton & Anderson, 2015) e até uso de armas de fogo (Lourenço & Baptista, 2013). A violência sexual é descrita como qualquer ato forçado a ter relações sexuais, ou exibições de vídeos íntimos sem a permissão do parceiro ou qualquer outro ato que seja degradante a saúde do parceiro, como, por exemplo, forçar a ter relações sem o uso do preservativo, podendo causar desfechos imediatos como complicações ginecológicas, infecções sexualmente transmissíveis (incluindo HIV/Aids) [Organização Mundial de Saúde (OMS), 2012].

O abuso psicológico inclui várias formas de ameaça que constranja e humilhe a vítima, com intimidação, insultos e coerções verbais (Lourenço & Baptista, 2013; Warburton & Anderson, 2015). E os comportamentos controladores são referentes à privação do contato com a família e amigos, do acesso a alimentos, dos recursos financeiros, do tratamento com indiferença e até a vigia do parceiro em ambientes laborais (Lourenço & Baptista, 2013; Warburton & Anderson, 2015).

O GAM por sua vez retrata que existem diversos fatores que podem se tornar estímulos para o uso da violência. Esse é composto pelos fatores pessoais (traços de personalidades, sexo, crenças, atitudes, valores, objetivos e scripts); fatores situacionais (frustração, provocação, drogas lícitas e ilícitas, dor e desconforto); rotas ou trajetórias internas (afeto, cognição e excitação) até chegar aos processos de avaliação e de decisão (imediata ou automática e secundária ou controlada) (Anderson & Bushman, 2002; Kristensen et. al., 2003; Warburton & Anderson, 2015).

Esses fatores são vistos na psicologia social como necessidades sociais. Quando acontece uma ameaça a uma necessidade, as respostas agressivas são facilmente destacadas (Anderson & Bushman, 2002; Warburton & Anderson, 2015). Por isso, este modelo é classificado como cíclico na medida em que os resultados finais dos processos de decisão podem servir de entrada, ou como um recomeço para um próximo episódio agressivo (Chaves, 2006). O foco passa a ser a pessoa dentro da situação, e não consiste em fatores isolados, mas um meio de interações sociais que estão sempre em constantes mudanças (Anderson & Bushman, 2002).

Personalidade

De fato, a personalidade é a soma das estruturas de conhecimento de uma pessoa e alguns traços predispõem os indivíduos a níveis elevados de agressão (Anderson & Bushman, 2002). Os traços de personalidade são fatores de estabilidade temporal e são mais resistentes por possuírem um componente genético, mas que podem mudar conforme o contexto social (Gouveia, 2013). Por isso, ela sempre estará em desenvolvimento de acordo com as situações, avaliações e ainda depende do traço mais preponderante no indivíduo (Barlett & Anderson, 2012).

A personalidade é um preditor para comportamentos antissociais, como em jovens abaixo dos 18 anos, denominado por Egan (2008) como delinquência juvenil, ou até mesmo comportamentos de criminosos, em pessoas na fase adulta (Jones, Miller & Lyam, 2011). Algumas pesquisas têm se utilizado do modelo do *big five* (Barlett & Anderson, 2012; Barthelemy, 2005; Cavalcanti & Pimentel, 2016; Egan, 2008; Paiva, Pimentel & Moura, 2016) como também tem sido utilizado a *dark triad* (tríade sombria) (Cima & Raine, 2009; Pailing, Boon, & Egan, 2014), de modo observar os traços personalidade que possuem relação com o comportamento agressivo.

Assim, cada traço de personalidade possui sua característica que pode está direta ou indiretamente ligada à violência. Alguns traços como a agradabilidade, estabilidade emocional, e abertura à experiências possuem uma tendência a se correlacionar de maneira negativa com a violência, e ainda pontuarem baixo, o que significa que pessoas com traços para o polo negativo

tende a aceitar mais o uso de violência (Cavalcanti & Pimentel, 2016; Gleason, Jensen-Campbell & Richardson, 2004; Paiva, Pimentel, & Moura, 2017).

Bem como a consciencidade, que se relaciona negativamente com as emoções negativas (Barlett & Anderson, 2012) e com comportamentos agressivos (Blackburn, Renwick, Donnelly, & Logan, 2004). E se tratando da extroversão, os dois polos podem está relacionados com a aceitação da violência (Barlett & Anderson, 2012). Mas, existe uma diferenciação quanto ao gênero, maiores pontuações em extroversão são atribuídos às mulheres o papel de vitimizador (Ulloa et. al., 2016) e menores pontuações em extroversão são atribuído ao perpetuador em homens (Hines & Saudino, 2008).

Os traços sombrios, geralmente, mostram uma relação positiva com a violência (Jonason & Webster, 2010; Westhead & Egan, 2015). Em estudo, Brewer et. al. (2017), mostrou que mulheres que perceberam traços mais acentuados da tríade sombria (maquiavelismo, psicopatia e narcisimo) nas faces dos rapazes, foram percebidos como perigosos para se ter um relacionamento.

Além disso, indivíduos com acentuação em maquiavelismo e psicopatia possuem aumento no consumo do álcool (Masui, 2016). Em uma situação experimental, mulheres que estavam sob o efeito do álcool, perceberam os homens com traços acentuados na tríade sombria como foram potencialmente perigosos para elas. E apesar do consumo de álcool, as mulheres ainda são sensíveis às pistas de perigo.

Álcool

O consumo do álcool ou o excesso da bebida torna-se um fator de riso para a violência entre parceiros íntimos. O álcool funciona como um inibidor do controle social, usado na justificativa para as violências, além do mais, pessoas que convivem com usuários do álcool possuem um risco maior de serem vítimas de violência (Krug, Dahlberg, Mercy, Zwi, & Lozano, 2002). Essas justificativas tendem a aumentar a tolerância da vítima em relação ao parceiro violento, favorecendo até novos episódios abusivos (Gontijo, 2016).

Sabe-se que o uso dessas substâncias como as drogas e o álcool tanto podem ser usados antes como depois dos eventos violentos (Minayo & Deslande, 1998; Oliveira, et al., 2009). A violência psicológica entre parceiros também é prevalente quando relacionada ao consumo do álcool, ou seja, quando o parceiro está sob o efeito do álcool é mais típico ocorrer agressões do tipo virar as costas e ir embora no meio de uma conversa, humilhar ou ofender (Gontijo, 2016).

Em estudo de Oliveria et. al., (2009) observou que ter um parceiro que bebe acima de 5 copos são associados a violência entre parceiros íntimos, tanto para as vítimas 18,2% quanto para os agressores 15,9%. Nesse estudo mostrou que várias agressões são praticadas enquanto o indivíduo está sob o efeito do álcool, como: empurrar, chacoalhar, agarrar, estapear, socar e chutar. Esses são parecidos com estudo de Chartier e Caetano (2012) dados também são encontrados em pesquisas com casais de etnias diferentes, pois, reportaram uma violência entre parceiro íntimo de maneira severa (chutar, morder, bater).

Nesse estudo, casais negros relataram maior taxa de violência mútua, diferentemente de casais hispânicos que relataram violência unidirecional, ou seja, o sexo masculino pratica mais violência que a mulher (Chartier & Caetano, 2012). Existe uma disparidade na diferenciação dos sexos quanto ao consumo do álcool (Wilsnack et. al., 2009). Os efeitos do consumo do álcool também podem aumenta a gravidade das agressões físicas chegando até a morte do parceiro (Gontijo, 2016).

Geralmente, os homens consomem mais bebidas alcoólicas, apresentando uma frequência desigual entre os gêneros. Os homens bebem pelo menos 1 vez por semana, estando mais propenso a ser o agente agressor e a está associados a infecções do trato genital, isto é, possuem mais probabilidade de se obter algum tipo de infecção por suas condutas violentas sob o efeito do álcool (Tsuyuki, et. al., 2017).

Além disso, o uso de álcool também é predisposta significativamente do sexo desprotegido (Pitpitian, et. al., 2012). E ainda tendo um histórico de violência baseado no gênero este prediz o consumo do alcool, sintomas mais depressivos e de estresse pós-traumático. Esse por sua vez, poderá ser associado a um destemor e uma tolerância a dor sem medo da morte, o que pode também

contribuir para o suicído de pessoas que vivem em relações abusivas (Wolford-Clevenger, et. al., 2015). Esse fator de risco torna-se um inibidor das emoções e afetos positivos nos relacionamentos amorosos (Finkel & Eckhardt, 2013).

Afetos

O afeto diz respeito a uma variedade de emoções que são relacionadas com as pessoas ou a objetos (Moffitt, Caspi, Rutter, & Silva, 2001). Os afetos tanto os postitivos quanto os negativos fazem parte da dimensão bem-estar subjetivo sendo resultado das suas emoções (Diener, 1984). Pontuações altas em satisfação com a vida que faz parte desse bem-estar subjetivo e representa um julgamento cognitivo a cerca das experiências vividas, possuem pontuações altas em afetos positivos e baixa pontuação em afetos negativos (Zanon, Bastianello, Pacico, & Hutz, 2009).

O afeto pode ser negativo são carregados de vivências negativas incluindo a raiva, hosilidade, desconfiança, ansiedade, estresse, pensamentos de vingança (Moffitt, Caspi, Rutter, & Silva, 2001). E o afeto positivo que está ligado à confiança, autoeficácia, interpretações positivas, comportamento pró-social, bem estar físico mental e uma certa flexibilidade na maneira de agir e pensar (Lyubomirsky, King, & Diener, 2005). O que diferencia das emoções é que são essencialmente ligadas a situações presentes carregados dos eventos que poderá ser avaliado de maneira positiva ou negativa (Moffitt, et. al., 2001).

Pessoas que experimentam emoções positivas tendem a ser bem-sucedidas e realizadas em vários domínios da vida, inclusive que os objetivos estão sendo atendidos com os recursos necessários para se atingir a meta (Lyubomirsky, King, & Diener, 2005). Em estudo Leu, Wang & Koo (2011), observou que a intensidade da emoção positiva foram negativamente correlacionados com os sintomas de depressão entre europeus americanos (r= -0,46, p< 0,001) e asiáticos (r= -0,26, p <0,01).

Os afetos negativos podem aumentar o acesso à imagens e memórias que fornece ao indivíduo um *script* acessível que gerencia a provocação dando como resposta a violência ou a agressão

(Anderson & Bushman, 2002; Birkley & Eckhardt, 2015). Através das emoções sentidas negativamente, os afetos também poderão ser negativos, visto que as emoções negativas elevam o as ações agressivas e violentas entre pessoas do outro grupo (Tager, Federico & Halperin, 2011). Bem como, podem ser do mesmo grupo, como é o caso da violência entre parceiros (Birkley & Eckhardt, 2015; Finkel & Eckhardt, 2013).

As emoções negativas possuem uma associação com os resultados da perpetração da violência entre parceiros intímos (Birkley & Eckhardt, 2015). Esta emoção (a raiva) contribui para a violência entre parceiro íntimo nos três tipos, físico, sexual e psicológica (Wan, Wu, & Choi, 2017). Isto por que a raiva impulsiona reações agressivas como um foco de ferir outro (Berkowitz, 2012). A raiva pode ser acompanhada de sentimentos de querer gritar, bater e machucar alguém (Berkowitz, 2012), criando desta forma um afeto negativo dessa situação (Moffitt, Caspi, Rutter, & Silva, 2001).

Desejabilidade social

Apesar de existir a literatura que trata dos fatores que contribuem para a agressão e a violência (Anderson & Bushman, 2002), a maioria dos estudos é de autorrelato o que suscita uma preocupação sobre o viés da desejabilidade social (Crowne & Marlow, 1960). A desejabilidade social é a necessidade do participante obter a aprovação e/ou a aceitação de um comportamento culturalmente desejado (Marlow & Crowne, 1961).

A resposta que um indivíduo concede com esse viés da desejabilidade social é chamada de *social desirability responding (SDR)* ou resposta desejável social (RDS), concebida como uma váriavel distribuída em uma determinada população e não como uma resposta individual população (Paunonen & LeBel, 2012), ou seja, são respostas com baixo endosso pessoal, mas com altas frequências em desejabilidade social (Mills & Kroner, 2006). Essa resposta é um construto psicológico latente que não é avaliado diretamente (Bollen, 2002).

Geralmente conclusões baseadas nessa resposta mostram escores médios (Smeding, Dompnier & Darnon, 2017), por exemplo, a abertura à experiências é um traço que possibilita ao indivíduo uma apresentação de características em novas ideias, com busca de experiências e conhecimento do mundo externo (Pimentel, et. al., 2014), neste traço as respostas desejáveis apresentarão elevadas pontuações em características aceitáveis socialmente (Smeding, et.al., 2017).

Alguns comportamentos também podem ser difíceis de conseguir informações verdadeiras, relativos às práticas feitas pelo próprio indivíduo (Gouveia, Guerra, Sousa, & Santos 2009). Existe uma dificuldade em se relatar, por exemplo que as mulheres ainda estão em um relacionamento abusivo e que não conseguem sair dele, por muitas dificuldades, apego emocional, situação financeira, baixo nível de escolaridade (Wan, Wu & Choi, 2017). O que pode tornar em uma pesquisa um viés na análise dos dados.

Agressores e infratores sexuais de crianças possuem níveis de RDS mais elevados (Tan & Grace, 2008). Resultado de estudo de Sigurdsson(2000) mostrou que os abusadores de crianças exibiam RDS maior do que os estupradores. Corroborando com Nugent e Kroner (1996), em que observou pontuações altas em abusadores de criança no gerenciamento de impressão e em escalas de negação. Uma autoapresentação positiva é importante na facilitação de comportamentos criminosos (Tan & Grace, 2008).

Em estudo, Mills e Kroner (2006), argumentou que em questionários de autorrelato os jovens em conflito com a Lei não confiam em dizer a verdade. E avaliou se o gerenciamento de impressões (ato de passar uma imagem pública favorável de si mesmo para que os outros formem julgamentos positivos) estavam associadas diretamente com as condutas antissociais. Nesse estudo, observou-se que altas pontuações no gerenciamento de impressões teve menor pontuação em comportamento de risco, e não obteve significância com as respostas desejáveis socialmente, o que indica que os jovens orientados para o atos infratores eram menos propensos ao gerenciamento de impressões, ou seja, nesse estudo eles apresentaram respostas relacionais com o que eles fazem, na prática.

Bem diferente da revisão de Tan e Grace (2008), que encontrou em seus estudos, que os jovens em conflito com a Lei exibem as respostas de autorrelato de maneira falsa, tornando-se relacionadas com a reincidência e com diferentes subtipos de atos infracionais. Com isso, fica evidente que a desejabilidade social influencia nas respostas dos participantes, de tal modo que eles podem relatar conforme o grau com que se almeja o resultado.

A partir do que foi exposto, objetivou-se através desse estudo analisar quais fatores ditados pelo GAM, predizem o comportamento violento nas relações amorosas, mediado pelos afetos presentes no indivíduo. Considerando que as respostas podem está correlacionada ao viés da desejabilidade social, admitindo-se que este estudo trata de comportamentos praticados em relacionamentos acima de 2 meses.

Método

Participantes

Participaram 411 respondentes, localizados da região nordeste (75,3%), com 69,7% residentes na Paraíba, com idades entre 18 a 60 anos (*M* = 25,22, *DP* = 7,10). A maioria é do sexo feminino (65,5%), heterossexuais (86,4%), autodeclarados solteiros (77,6%), mas que estão em algum tipo de relacionamento (namoro, noivado e casamento) (43,6%), variando entre 2 a 4 anos (18,5%). Também se declaram com ensino superior incompleto (55,3%), pouco religioso (52%) e de classe média (52%). Também relataram consumir álcool (62,9%), pelo menos 1 vez por semana (43,4%).

Instrumentos

Foram utilizados sete instrumentos:

Escala de violência entre parceiro íntimo construída e validada pelo estudo, composta por 25 itens distribuídos em 3 fatores: abuso psicológico (α = 0,80) (ex., Ameacei com palavras), abuso físico (α = 0,80) (ex., Dei socos nele(a)) e controle comportamental (α = 0,85) (ex., Invadir redes sociais sem a permissão). A escala likert variou de 1 = nunca a 5 = sempre.

A Escala de violência entre parceiros íntimo sexual (EVPIS) unifatorial (α = 0,96) construída e validada pelo estudo, composta por 6 itens (ex., Eu bati no meu companheiro(a) para ele(a) aceitar fazer sexo). A escala likert variou 1 = nunca a 5 = sempre.

Inventário de Personalidade de Dez Itens (TIPI), construída por Gosling, Rentfrow, & Swann Jr, (2003) e traduzida por Pimentel, Ferreira, Vargas, Maynart e Mendonça (2014). Esta é composta por 10 itens e 5 fatores, no presente estudo encontraram-se as seguintes correlações entre os itens de cada fator: extroversão (r =0,43) (ex., Extrovertido, entusiasta); agradabilidade (r = 0,07) (ex., Crítico, briguento); consciensiosidade (r = 0,25) (ex., Confiável, autodisciplinado); estabilidade emocional (r = 0,36) (ex., Ansioso, que se chateia facilmente); abertura à Experiências (r = 0,24) (ex., Aberto a novas experiências, complexo). A escala de resposta varia de 1 = Discordo fortemente a 7 = Concordo fortemente.

A Escala *Dark Triad Dirty Dozen* (*DTDD),* construída por Jonason e Webster (2010), validada para o Brasil por Gouveia, Monteiro, Athayde e Cavalcanti (2016), sendo composta por 12 itens distribuídos em três traços: maquiavelismo (α = 0,80) (ex., Costumo bajular as pessoas para conseguir o que quero), narcisismo (α = 0,80) (ex., Eu tendo a buscar prestígio ou status) e psicopatia (α = 0,85) (ex., Eu tendo a ter falta de remorso). A escala de resposta varia 1 = discordo totalmente a 5 = concordo totalmente.

Escala de atitudes frente ao uso do álcool (EAFUA) adaptado por Simons e Carey, (2000) e validada para o Brasil por Gouveia, Pimentel, Leite, Albuquerque e Costa (2009). Esta escala unifatorial (α = 0,96) consiste em um diferencial semântico, composto por 4 afirmações que avalia o efeito do álcool, variando em uma escala de 9 pontos, 1 atributos positivo e 9 para atributos negativos.

Escala de afetos positivos e negativos foi construída e validada para o Brasil por Zanon, et. al., (2009), composta por 20 itens, distribuídos em dois fatores: afetos negativos (α = 0,84) (ex., Muitas vezes, eu fico nervoso) e afetos positivos (α = 0,85) (ex., Me sinto confiante no dia a dia). E escala likert varia de 1(não descreve totalmente) a 5 (me descreve totalmente).

Escala de desejabilidade social, construída por Crowne e Marlowe (1960) e validada para o Brasil por Gouveia, Guerra, Sousa e Santos (2009), unifatorial, composta por 20 itens, (ex. Já senti vontade de quebrar coisas). Apresentando consistência interna (*KR20*) de 0,75, mas no presente estudo foi de 0,53. Os participantes assinalariam (1) para verdadeiro, obtendo 54,98% das respostas e (2) para falso, obtendo 45,11% das respostas, assim como descreve seu comportamento cotidiano.

E um questionário sociodemográfico composto por questões como: idade, sexo, estado civil, grau de religiosidade, cidade onde reside o respondente e frequência do consumo do álcool.

Procedimentos

Inicialmente foi apresentado o projeto ao Comitê de Ética da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), para emissão do parecer favorável (CAAE: 60905716.2.0000.5188). Com isso, prosseguiu-se para aplicação do instrumento de forma online através de redes sociais (ex., facebook, e-mails), em pessoas que já tinham se relacionado amorosamente com outra pessoa, como também foram aplicados de forma presencial em ambientes coletivos (ex., salas de aula) de uma instituição pública, por pesquisadores treinados (graduandos de psicologia). O questionário foi respondido após aceitarem o TCLE. Seguiram-se as recomendações da Resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde, informando aos respondentes que a participação na pesquisa era de caráter voluntário, sem receber nenhum retorno financeiro, garantindo também o sigilo e a confidencialidade das informações individuais. Ficou esclarecido aos participantes que a pesquisa não envolveria nenhum risco à saúde e integridade biopsíquica, moral espiritual.

Análise dos dados

Os dados foram analisados no programa estatístico IBM SPSS *Statistics* (versão 21), através das estatísticas descritivas e frequência das respostas e análise correlação de pearson e a regressão hierárquica com os fatores propostos pelo estudo. Para realização da análise de mediação, optou-se pelo programa *Analysis of Moment Structures* (AMOS, versão 21) a fim de identificar os efeitos

diretos e indiretos dos fatores pessoais mediados pelos afetos nos comportamentos praticados da violência.

Resultados

Inicialmente, realizou-se a estatística descritiva, médias e desvio padrão, a fim de obter o direcionamento das respostas dos participantes. Para isso, foram inseridos todos os fatores propostos pelo estudo: da violência, personalidade, atitudes frente ao uso do álcool e os afetos.

Neste sentido, tem-se que os respondentes nunca cometeram o abuso físico (M = 1,14, DP = 0,39) e cometeu algumas vezes o abuso psicológico (M = 1,32, DP = 0,46), o controle comportamental (M = 1,32, DP = 0,46). A violência sexual também foi cometida algumas vezes pelos respondentes (M = 4,09, DP = 1,61). Estas médias caracterizam os respondentes como não ou algumas vezes praticantes da violência.

Para os fatores da personalidade (*big five*), agradabilidade (M = 5,07, DP = 1,16), conscienciosidade (M = 4,86, DP = 1,35), abertura à experiências (M = 5,04, DP = 1,29), estabilidade emocional (M = 4,01, DP = 1,54) e a extroversão (M = 4,06, DP = 1,58), pontuaram a favor da concordância, indicando que estes traços estão mais para o polo positivo. Enquanto que os traços sombrios, maquiavelismo (M = 1,62, DP = 0,80) e a psicopatia (M = 1,67, DP = 0,85) pontuaram em discordar deste traço, e o narcisismo (M = 2,34, DP = 1,08) obteve uma discordância parcial nas respostas.

As atitudes frente ao uso do álcool obtiveram a média (M = 5,89, DP = 2,43) em direção de desfavorabilidade dessas atitudes. E os afetos positivos foram mais descritos como descreverem bem os construtos (M = 3,58, DP = 0,75) e os afetos negativos como não descrevem os respondentes (M = 2,95, DP = 0,88).

Tabela 1. *Média e desvio padrão dos fatores*

Fatores	Média	Desvio padrão
Abuso psicológico	1,32	0,46
Abuso físico	1,14	0,39

Controle comportamental	1,40	0,52
Sexual	1,09	0,61
Narcisismo	2,34	1,08
Maquiavelismo	1,62	0,80
Psicopatia	1,67	0,85
Extroversão	4,06	1,58
Agradabilidade	5,07	1,16
Conscienciosidade	4,86	1,35
Estabilidade emocional	4,01	1,54
Abertura à experiências	5,04	1,29
Atitudes frente ao uso do álcool	5,89	2,43
Afetos positivos	3,58	0,75
Afetos negativos	2,95	0,88

Prossegui-se realizando a correlação de pearson, unicaudal, entre todos os fatores já expostos, acrescentando, se consome álcool, frequência do consumo do álcool e a desejabilidade social.

Verificou-se o relacionamento entre o abuso psicológico e os fatores da personalidade, como a agradabilidade ($r = -0,25$), estabilidade emocional ($r = -0,28$), conscienciosidade ($r = -0,16$), todos ao nível de $p < 0,01$, o que indica que quanto mais se aumenta estes traços mais temos a diminuição do uso da violência por meio do abuso psicológico. O mesmo cabe para os traços sombrios, em que maquiavelismo ($r = 0,34$), psicopatia ($r = 0,27$) e narcisismo ($r = 0,27$), todos ao nível de $p < 0,01$. Indicando que com as direções positivas quanto mais se aumenta este traço de personalidade mais se têm o uso desse da violência.

Como também foi correlacionado positivamente com a frequência do consumo do álcool ($r = 0,11$; $p < 0,01$), mostrando que o uso frequente do álcool também pode aumentar o uso da violência por abuso psicológico. E os afetos negativos foram correlacionados positivamente com o abuso psicológico, ou seja, quem comete mais o abuso psicológico também possui afetos negativos para com seus pares.

O abuso físico foi correlacionado positivamente com a extroversão ($r = 0,09$; $p < 0,05$), ou seja, pessoas com pontuações altas em extroversão também podem cometer o abuso físico. Já a agradabilidade ($r = -0,13$), estabilidade emocional ($r = -0,17$), conscienciosidade ($r = -0,12$), todos

ao nível de $p < 0,01$, foram correlacionados negativamente, indicando que quanto mais se pontua nesses traços, menos violências por abuso físico são pratcados.

A respeito de traços sombrios também houve a correlação positiva com todos os três traços, o maquiavelismo ($r = 0,24$), psicopatia ($r = 0,24$) e narcisismo ($r = 0,16$), todos ao nível de $p < 0,01$, mostrando que quanto mais se aumenta a pontuação destes traços, mais se tem a violência por abuso físico. Além disso, foi visto que os afetos negativos são correlacionados negativamente ($r = 0,22$; $p < 0,01$) com o abuso físico, evidenciando que quanto mais afeto negativo se tem com os companheiros, mais violência física poderá se ter em um relacionamento.

O controle comportamental foi correlacionado com a agradabilidade ($r = -0,19$), estabilidade emocional ($r = -0,26$), todos ao nível de $p < 0,01$, e com a conscienciosidade ($r = -0,09$; $p < 0,05$), ou seja, quanto mais se pontua nesses traços menos se tem o uso da violência por controle comportamental. Enquanto os traços sombrios, maquiavelismo ($r = 0,22$), psicopatia ($r = 0,14$) e narcisismo ($r = 0,19$), todos ao nível de $p < 0,01$, são o contrário, pois, correlacionaram-se positivamente com o controle comportamental, indicando que quanto mais se pontua nesses traços também aumenta o uso da violência por controle comportamental.

Além disso, o controle comportamental foi correlacionado tanto com afetos positivos ($r = -0,08$; $p < 0,05$), quanto com os afetos negativos ($r = 0,35$; $p < 0,01$). Isto é, pessoas que endossam afetos positivos durante suas experiências não praticam a violência, como as pessoas que endossam afetos negativos que podem a partir das experiências se tornarem um agente violentador por meio do controle comportamental.

A violência sexual não se correlacionou com nenhum fator, o que pode ser um indício de que este tipo de violência não é relatado em questionários de maneira confiável. E ainda, essa violência está sujeita à influência da desejabilidade social, ou seja, as medidas de autorrelato podem mascarar o que o respondente faz em seu relacionamento. Por isso, usou-se uma medida de desejabilidade social, relacionando com todos os fators da violência. Obteve-se um relacionamento positivo com o

abuso psicológico ($r = 0,37$), o abuso físico ($r = 0,26$), e o controle comportamental ($r = 0,39$) e uma correlação negativa com a violência sexual ($r = -0,12$), todos ao nível de $p < 0,01$.

Tabela 2. *Correlação dos fatores pessoais, situacionais, afeto, desejabilidade social com os fatores da violência*

	Força e direção das correlações																
1.Abuso psicológico																	
2.Abuso físico	0,66**																
3.C. comportamental	0,61**	0,43**															
4.Sexual	-0,06	0,00	0,09*														
5.Narcisismo	0,27**	0,16**	0,19**	0,02													
6.Maquiavelismo	0,34**	0,24**	0,22**	-0,02	0,52**												
7.Psicopatia	0,27**	0,24**	0,14**	0,04	0,36**	0,60**											
8.Extroversão	0,09*	0,09*	0,04	-0,04	0,08*	0,09*	-0,00										
9.Agradabilidade	-0,25**	-0,13**	-0,19**	0,07	-0,30**	-0,32**	-0,30**	0,18**									
10.Conscienciosidade	-0,16**	-,012**	-0,09*	-0,07	-0,28**	-0,30**	-0,28**	0,02	0,22**								
11.E. Emocional	-0,28**	-0,17**	-0,26**	-0,04	0-,27**	0-,25**	-0,16**	0,03	0,43**	0,31**							
12.A.Experiência	-0,02	-0,00	-0,05	0,00	0,02	0,00	0,03	0,24**	0,10*	0,05	0,07						
13.Atitudes frente ao álcool	-0,01	0,01	0,04	0,02	-0,19**	-0,24**	-0,28**	-0,14**	0,02	0,14**	-0,03	-0,10*					
14. Consumo do álcool	-0,02	0,07	-0,04	0,02	-0,07	-0,05	-0,10*	-0,01	0,07	0,04	-0,00	-0,12**	0,39**				
15. Frequência do uso do álcool	0,11**	-0,01	0,04	-0,03	0,11**	0,09*	0,18**	0,04	-0,05	-0,09*	-0,07	0,10*	-0,36**	-0,51**			
16.Afeto positivo	-0,02	0,05	-0,08*	-0,04	-0,09*	-0,11**	-0,10*	0,28**	0,17**	0,33**	0,25**	0,37**	0,03	0,08*	-0,07		
17.Afeto negativo	0,38**	0,22**	0,35**	0,01	0,36**	0,25**	0,22**	-0,13**	-0,40**	-0,29**	-0,61**	-0,06	0,01	-0,02	0,03	-0,28**	
18.Desejabilidade social	0,37**	0,26**	0,39**	-0,12**	0,44**	0,37**	0,24**	0,02	-0,36**	-0,27**	-0,31**	-0,09*	-0,15**	-0,13**	0,08*	-0,23**	0,47**
	1	**2**	**3**	**4**	**5**	**6**	**7**	**8**	**9**	**10**	**11**	**12**	**13**	**14**	**15**	**16**	**17**

Nota: Nota: N=411. A correlação é significativa ** no nível p<0,01; * no nível p<0,05.

Subsequentemente, realizou-se uma regressão múltipla hierárquica, apenas com as variáveis previamente correlacionadas. No primeiro passo testado, inseriram-se apenas os fatores pessoais, ou seja, os fatores personalidade. Observou-se que a agradabilidade (β = -0,10, $p < 0,05$), estabilidade emocional (β = -0,10, $p < 0,001$) e maquiavelismo (β = 0,23, $p < 0,001$) são previsoras do abuso psicológico, explicando apenas 20% da variável critério. No segundo passo, além do fator pessoal já inserido inicialmente, introjetou-se o fator situacional (a frequência do consumo do álcool) que por sua vez, não foi significativa. No terceiro passo, inseriram-se todos os anteriores citados, e a rota (os afetos negativos), dando significativo (β = 0,31, $p < 0,001$) e explicando 25% da variável critério.

Para testagem do quarto passo, de forma hierárquica, inseriram-se no primeiro bloco os fatores pessoais (fatores da personalidade), no segundo bloco o fator situacional (frequência do consumo do álcool), o terceiro bloco uma rota (afetos negativos) e o quarto bloco a desejabilidade social. Observou-se que a extroversão ($t(390) = 2,23$, $\beta = 0,10$; $p < 0,05$), maquiavelismo ($t(390)= 3,39$, $\beta = 0,21$, $p < 0,001$), os afetos negativos ($t(390) = 4,25$, $\beta = 0,25$, $p > 0,001$), e a desejabilidade social ($t(390) = 3,34$, $\beta = 0,18$, $p > 0,001$), são previsoras do abuso psicológico, explicando 28% (R^2) da variável critério.

Para o abuso físico foi testado três passos, o primeiro passo se inseriu os fatores pessoais, obtendo a partir desse passo que a estabilidade (β = -0,10, $p < 0,05$) e a psicopatia (β = 0,15, p =0,01), são previsoras do abuso físico, explicando 9% da variável critério. No segundo passo, introduziu a rota (afetos negativos), ao qual demonstrou significativo (β = 0,17, $p < 0,01$), na predição do abuso físico. E o terceiro passo, inseriram-se de forma hierárquica os passos acima mencionados primeiro bloco os fatores pessoais e o segundo bloco a rota, adcionando como terceiro bloco a desejabilidade social. Com isso, observou que a extroversão ($t(395)= 2,04$, $\beta = 0,10$, $p < 0,05$), a psicopatia ($t(395)= 2,72$, $\beta = 0,16$, $p < 0,01$), os afetos negativos ($t(395)= 1,99$, $\beta = 0,13$, $p < 0,05$) e a desejabilidade social ($t(395) = 2,65$, $\beta = 0,15$, $p < 0,01$), são preditoras do abuso físico explicando 13% (R^2) da variável critério.

E o controle comportamental também foi testado três passos, o primeiro inserindo apenas os fatores pessoais (fatores da personalidade), e observando que a estabilidade emocional ($\beta = 0,19$; $p > 0,001$), como também o maquiavelismo ($\beta = 0,17$, $p < 0,01$) são preditores do controle comportamental, mas explicam apenas 11% da variância. No segundo passo, além dos fatores pessoais, introduziram-se as rotas (afetos positivos e negativos) no segundo bloco, com isso foi visto que, o maquiavelismo ($\beta = 0,19$, $p < 0,01$) e os afetos negativos ($\beta = 0,29$, $p < 0,001$) são previsoras explicando 16% da variável critério. E no terceiro passo, inseriu-se a desejabilidade social como terceiro bloco, obtendo que o maquiavelismo ($t(393) = 2,08$, $\beta = 0,13$; $p < 0,05$), os afetos negativos ($t(393) = 2,06$, $\beta = 0,21$; $p < 0,001$) e a desejabilidade ($t(393) = 5,18$, $\beta = 0,28$; $p < 0,001$) são preditores do controle comportamental, explicando 21% da variável critério.

E a violência sexual foi predita apenas pela desejabilidade social ($t(409) = -1,51$, $\beta = -0,12$; $p < 0,01$), explicando apenas 1% da variável critério, ou seja, a desejabilidade social muito pouco dos padrões de respostas dos participantes. Esses dados estão descritos na **tabela 3**.

Tabela 3. *Regressão múltipla hierárquica (enter)*

VI	R	R^2	F	*t*	B	SE B	*B*
Constante				-0,84	-0,27	0,33	
Extroversão	0,53	0,28	15,48***	2,23	0,03	0,01	0,10*
Agradabilidade				-1,11	-0,02	0,02	-0,05
Conscienciosidade				0,76	0,01	0,01	0,03
E. emocional				-0,34	-0,00	0,01	-0,02
Narcisismo				-0,84	-0,02	0,02	-0,04
Maquiavelismo				3,39	0,13	0,03	0,21***
Psicopatia				1,31	0,04	0,03	0,07
F. do álcool				0,48	0,02	0,04	0,02
Afetos negativos				4,25	0,13	0,03	0,25***
Desejabilidade social				3,34	0,63	0,188	0,18***
VD: Abuso psicológico							
VI	R	R^2	F	*t*	B	SE B	*B*
Constante	0,36	0,13	6,68***	0,15	0,04	0,29	
Extroversão				2,04	0,02	0,01	0,10*

Agradabilidade				0,3	0,01	0,02	0,02
Conscienciosidade				0,19	0,01	0,01	0,01
E. emocional				-0,44	-0,01	0,01	-0,02
Narcisismo				-0,86	-0,02	0,02	-0,05
Maquiavelismo				1,06	0,03	0,03	0,07
Psicopatia				2,72	0,07	0,02	0,16**
Afetos negativos				1,99	0,06	0,03	0,13*
Desejabilidade social				2,65	0,45	0,1	0,15**
VD: Abuso físico							
VI	R	R^2	F	*t*	B	SE B	*B*
Constante				-1,92	-0,75	0,39	
Agradabilidade	0,46	0,21	12,00***	0,09	0,01	0,02	0,01
Conscienciosidade				1,04	0,02	0,02	0,05
E. emocional				-1,03	-0,02	0,02	-0,06
Narcisismo				-1,21	-0,03	0,02	-0,07
Maquiavelismo				2,08	0,09	0,04	0,13*
Psicopatia				-0,28	-0,01	0,03	-0,01
Afetos positivos				0,84	0,02	0,03	0,04
Afetos negativos				3,43	0,13	0,03	0,21***
Desejabilidade social				5,18	1,11	0,21	0,28***
VD: Controle comportamental							
VI	R	R^2	F	*t*	B	SE B	*B*
Constante	0,12	0,01	6,87**	7,46	6,26	0,83	
Desejabilidade social				-2,62	-1,51	0,57	-0,12**
VD: Violência sexual							

Nota: N=411; ***p < 0,001; ** p < 0,01; * p < 0,05.

Em seguida, foi testado se existe efeito total ou parcial da variável mediadora. Realizou-se Bootstrap com 5.000 amostras simuladas para cada modelo de mediação. Testou-se três modelos de mediação para os fatores da violência, ao qual foram previamente testados através da regressão múltipla. Seguiu a hierárquia modelo geral da agressão em que os fatores pessoais e situacionais são as entradas dos estímulos e os afetos é a trajetória interna (rota), sendo desse modo a variável mediadora.

Neste primeiro modelo é representada dessa maneira: personalidade (maquiavelismo e extroversão) => desejabilidade social => afetos negativo => violência. Verificou-se efeitos diretos do maquiavelismo (0,15; IC 90% = 0,10; 0,20, *p* < 0,002) e da desejabilidade social (1,02; IC 90% = 0,78; 1,33, *p* < 0,002) em abuso psicológico. Com a entrada da variável mediadora (os afetos negativos), foi observado que o maquiavelismo (0,14; IC 90% = 0,08; 0,18, *p* < 0,008), a extroversão (0,02; IC 90% = 0,01; 0,15, *p* < 0,01) e a desejabilidade social (0,60; IC 90% = 0,33; -0,93, *p* < 0,003) possuem efeito direto parcial no abuso psicológico mediado pelos afetos negativos. E apenas a desejabilidade social possui efeitos indiretos no abuso psicológico mediado pelos afetos negativos (0,42; IC 90% = 0,28; 0,60, *p* < 0,002).

Figura 1. *Modelo de mediação 1 com os efeitos diretos padronizados.*

Em seguida, testou-se: personalidade (psicopatia e agradabilidade) => desejabilidade social => afetos negativo => violência. Primeiro, verificou o efeito direto das variáveis na violência entre parceiros íntimos. Observou-se que a psicopatia (0,10; IC 90% = 0,58; 0,14, *p* < 0,004) e a desejabilidade social (0,65; IC 90% = 0,42; 0,90, *p* < 0,003) possuem efeito direto no abuso físico. Ao entrar com a variável mediadora (afetos negativos), observou-se que a psicopatia (0,09; IC 90% = 0,05; 0,13, *p* < 0,006), e a desejabilidade social (0,24; IC 90% = 0,24; 0,79, *p* < 0,003) continua

tendo efeito direto sobre o abuso físico, representando uma mediação parcial. Mas, a agradabilidade apresentou efeitos indiretos no abuso físico (0,00; IC 90% = -0,01; -0,00, $p < 0,03$).

Figura 2. *Modelo de mediação 2 com os efeitos diretos padronizados.*

E por fim, seguiu-se esse padrão: personalidade (psicopatia e agradabilidade) => desejabilidade social => afetos negativo => violência. Testaram-se os efeitos diretos do maquiavelismo e da desejabilidade social no controle comportamental. Observou-se que, o maquiavelismo (1,44; IC 90% = 1,10; 1,73, $p < 0,007$) e a desejabilidade (0,07; IC 90% = 0,01; 0,13, $p < 0,03$) possuem efeitos direto no controle comportamental. Com a entrada da variável mediadora os afetos negativos, os efeitos continuaram tanto do maquiavelismo (0,06; IC 90% = 0,13; 0,12, $p < 0,04$) quanto da desejabilidade social (1,07; IC 90% = 0,62; 1,38, $p < 0,009$), tornando-se uma mediação parcial. E ainda estes fatores, maquiavelismo (0,13; IC 90% = 0,00; 0,03, $p < 0,02$) e desejabilidade social (0,37; IC 90% = 0,22; 0,54, $p < 0,003$) apresentaram um efeito indireto no controle comportamental.

Figura 3. *Modelo de mediação 3 com os efeitos diretos padronizados.*

Discussão

Diante dos dados obtidos no estudo, observa-se que contribuiu significativamente para a literatura sobre a violência entre parceiros íntimos, já que o mesmo ainda não foi testado com base no GAM. Com isso, percebe-se também que quanto mais estudos voltados para a temática da violência aliando com a psicologia, mais se tem dados que podem embasar e até servir como meio de alertar a sociedade que a violência não, é algo naturalizado, passado hierarquicamente através da família, mas algo que pode ser modificado conforme os fatores estímulos.

Não é novidade que geralmente a agradabilidade, estabilidade emocional e extroversão vêm sendo testados e observados como associados à violência (Cavalcanti & Pimentel, 2016; Gleason, et. al., 2004; Paiva, Pimentel & Moura, 2017). Mas, a extroversão além de apresentar correlação positiva com o uso da violência, também mostrou efeitos diretos no uso do abuso psicológico quando mediada pelos afetos negativos, ou seja, pessoas mesmo com altas pontuações em extroversão, mas que carregam afetos negativos, dado pelas experiências possuem uma tendência maior ao uso da violência.

A conscienciosidade é pouco vista nos estudos de correlação com a violência e quando se correlaciona é de maneira negativa com a violência (Barlett & Anderson, 2012; Blackburn, et. al.,

2004). O presente estudo observou que altas pontuações em conscienciosidade são correlacionadas à baixa pontuação da violência psicológica, física e comportamental. Neste sentido, pessoas que possuem maior zelo, autocuidado, diminuem as emoções geradas pela raiva (Blackburn, et. al., 2004) e assim são menos predispostas a cometerem a violência entre parceiros. Apesar de que, a conscienciosidade aparece como um traço de vítimas de violência (Paiva, et. al., 2017; Pinto, Varela, & Vinhal, 2012), pois, pessoas assim são mais obedientes as autoridades e podem sofrer mais violência.

Diferentemente das características da tríade sombria (maquiavelismo, psicopatia, narcisismo), em que existe um polo predominantemente negativo, tornando-se ameaçadores do bem-estar social. Haja visto, que os estudos mostram correlação positiva com a perpetuação da violência (Jonason & Webster, 2010; Westhead & Egan, 2015). Esse dado é observado no presente estudo, em que a psicopatia, narcisismo e maquiavelismo são correlacionados positivamente com o uso da violência entre parceiros íntimos.

Adcionalmente, o maquiavelismo prediz o uso do abuso psicológico e controle comportamental, e possui um efeito direto no uso da violência, ou seja, as características de manipulação, dissimulação, enganação dos outros indivíduos para interesse próprio (Jakobowitz & Egan, 2006), ajudam na prática da violência entre parceiros íntimos, através das humilhações, torturas psicológicas, controle e privação dos seus direitos.

Não apenas isso, mas os relacionamentos abusivos danificam a saúde física dos indivíduos submissos, que podem chegar a algo mais grave, como a morte (Warburton, & Anderson, 2015). Sendo que até chegar ao extremo, existem várias formas de abuso físico que o indivíduo sofre. No presente estudo, a psicopatia mostrou efeito direto no uso do abuso físico, mostrando que através dos traços das características de egoísmo, insensibilidade, charme superficial, as pessoas com altas pontuações nesse traço conseguem atingir seu objetivo sem remorso (Jakobowitz & Egan, 2006), praticando diversas formas de abuso físico que podem ser: socos, surras, chutes, danificadores corpóreos.

Desta maneira, a vivência de um indivíduo será pautada em experiências negativas. A relação amorosa pode deixar de ser uma relação baseada em afetos positivos para se tornar uma relação de afetos negativos. Esses afetos fornecem memórias ao indivíduo que suscitam a violência e causam mal- estar (Anderson & Bushman, 2002; Birkley & Eckhardt, 2015).

No presente estudo, os afetos negativos explicaram tanto o abuso físico, quanto o abuso psicológico e controle comportamental. Compreendendo que as emoções vivenciadas dos indivíduos negativamente corroboraram ações de cunho prejudicial à saúde física e mental, ou seja, quanto mais se têm afetos negativos mais os indivíduos serão propensos a agir de maneira violenta. Esse estudo corroborou com Wan, et. al. (2017), em que as emoções contribuíram significativamente para a violência.

Essa relação acontece de maneira inversa com os afetos positivos, pois estes indivíduos possuem autoconfiança, interpretações positivas a cerca das experiências vivenciadas (Lyubomirsky, et.al., 2005). Esses afetos foram correlacionados negativamente com a violência, o que dar suporte para embasar que de acordo com as experiências o indivíduo poderá ter reações tanto positivas quanto negativas (Anderson & Bushman, 2002), o que irá mudar é a forma como esse indivíduo interpreta e avalia cognitivamente os eventos (Zanon, et. al., 2009).

Dependendo da situação os afetos são negativamente associados a lembranças ruins (Anderson & Bushman, 2002; Birkley & Eckhardt, 2015). O consumo do álcool diante de pessoas que sofreram violência psicológica de parceiros que bebem, podem trazer lembranças e sentimentos ruins em relação a essa situação (Gontijo, 2016; Oliveria et. al., 2009). E nesse estudo, observou-se que não é o consumo do álcool que se correlaciona com a violência, mas a frequência com que se faz esse uso, tendo em vista, que quanto mais se consome bebidas alcoólicas, mais o parceiro poderá cometer humilhações, ofensas, coerções, gritos.

Estes dados apesar de coerente com a literatura, não estão isentos de ter a desejabilidade social influenciando nas respostas. Nesse estudo, observou-se que a desejabilidade social foi correlacionada e possui efeitos diretos com o uso da violência. Pois, existe uma necessidade

mesmo que não aparente em um questionário não identificado, uma mascaragem da prática dos comportamentos violentos (Marlow & Crowne, 1961).

A violência sexual, que não se correlacionou com nenhum fator exposto, foi correlacionada com a desejabilidade social e ainda explicou a violência sexual. O que demonstra coerência com os estudos da desejabilidade social, em que agressores sexuais possuem altos níveis de desejabilidade social (Tan & Grace, 2008), e assim tornam um viés na análise dos dados, que não são observados e nem medidos diretamente como os outros comportamentos (Smeding, et.al., 2017; Tan & Grace, 2008; Wan, et. al., 2017).

Portanto, compreender como cada fator, pessoal, situacional e as rotas, podem contribui mesmo em uma amostra não tão equiparada nacionalmente, já é um avanço para que novas pesquisas se desenvolvam e assim contribuam para a minimização da violência entre parceiros íntimos. É interessante saber que esses fatores podem ser trabalhados em terapia com vítimas de violência, ressignificando continuamente as vivências abusivas de cada indivíduo, de modo a empoderá-los, promovendo a promoção da saúde física e mental.

Referências

Anderson, C. A., & Bushman, B. J. (2002). Human aggression. *Annual Review of Psychology, 53*(1), 27-51.

Barthelemy, J. J. (2005*). Aggression and the big five personality factors of grades and attendance.* (Doctoral Dissertations). Retrieved from University of Tennessee, Knoxville.

Berkowitz, L. (2012). A different view of anger: The cognitive-neoassociation conception of the relation of anger to aggression. *Aggressive Behavior*, 38, 322-333. doi: 10.1002/ab.21432

Blackburn, R., Renwick, S. J. D., Donnelly, J. P., & Logan, C.(2004). Big five or big two? Super ordinate factors in the NEO five-factor inventory and the antisocial personality Questionnaire. *Personality and Individual Differences 37,* 957–970. doi: 10.1016/j.paid.2003.10.017

Brewer, G., Christiansen, P., Dorozkinaite, D., Ingleby, B., O'Hagan, L., Williams, C., & Lyons, M. (2017). A drunk heart speaks a sober mind: alcohol does not influence the selection of short-term partners with dark triad traits. Personality and Individual Differences, 1-4. doi:10.1016/j.paid.2017.11.028

Birkley, E. L., & Eckhardt, C.I. (2015).Anger, hostility, internalizing negative emotions, and intimate partner violence perpetration: A meta-analytic review. Clinical Psychology Review 37, 40–56. doi: 10.1016/j.cpr.2015.01.002

Bollen, K. A. (2002). Latent variables in psychology and the social sciences. *Annual Review of Psychology*, 53, 605–634. doi:10.1146/annurev.psych.53.100901.135239.

Chartier, K. G., & Caetano, R. (2012). Intimate partner violence and alcohol problems in interethnic and intraethnic couples. *Journal of Interpersonal Violence*, 27(9), 1780-1801. doi: 10.1177/0886260511430392

Chaves, C. M. C. M. (2006). *Compromisso convencional: Fator de proteção para as condutas agressivas, antissociais e de uso de álcool?* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba.

Cima, M., & Raine, A. (2009). Distinct characteristics of psychopathy relate to different subtypes of aggression. *Personality and Individual Differences*, 47, 835-840. doi: 10.1016/j.paid.2009.06.031

Crowne, D., & Marlowe, D. (1960). A new scale of social desirability independent of psychopathology. *Journal of Consulting Psychology*, 24, 349-354. doi: 10.1037/h0047358

Diener, E., & Larsen, R. J. (1984). Temporal stability and cross-situational consistency of affective, behavioral, and cognitive responses. *Journal of Personality and Social Psychology, 47*(4), 871-883.

Egan, V. (2008).The ‘big five’: neuroticism, extraversion, openness, agreeableness and conscientiousness as organisational scheme for thinking about agression and violence. In M.

McMurran & R. C. Howard (Eds.) *Personality, Personality Disorder and Violence* (pp.63-84).USA: Wiley-Blackwell

Finkel, E.J., & Eckhardt, C.I. (2013). Intimate partner violence. In J.A. Simpson, & L. Campbell (Eds.), The Oxford handbook of close relationships (pp. 452–474). NY: Oxford University Press.

Gleason, K. A., Jensen-Campbell, L. A., & Richardson, D. B. (2004).Agreeableness as a predictor of aggression in adolescence. *Aggressive Behavior*. 30 (1), 43-61. doi. 10.1002/ab.20002

Gouveia, V. V., Guerra, V. M., Sousa, D. M. F., & Santos, W. S.(2009). Escala de desejabilidade social de Marlowe-Crowne: evidências de sua validade fatorial e consistência interna. *Avaliação Psicológica*, 8(1), 87-98.

Gouveia, V. V., Pimentel, C. E., Leite, P. R. L., Albuquerque, J. R., & Costa, T. A. B. (2009). Escala de atitudes frente ao uso de álcool: descrevendo seus parâmetros psicométricos. *Psicologia: ciência e profissão*, *29*(4), 672-685.

Hines, D., & Saudino, K. (2008). Personality and intimate partner aggression in dating relationships: the role of the "big five." *Aggressive Behavior*, *34*(6), 593–604. doi: 10.1002/ab.20277

Jakobowitz, S., & Egan, V. (2006). The dark triad and normal personality traits. *Personality and Individual Differences*, 40, 331-339.

Jones, S. E., Miller, J.D., & Lynam, D. R. (2011). Personality, antisocial behavior, and aggression: A meta-analytic review. *Journal of Criminal Justice*, *39*(4), 329-337. doi: 10.1016/j.jcrimjus.2011.03.004

Kristensen, C. H., Lima, J. S., Ferlin, M., Flores, R. Z., & Hackmann, P. H. (2003). Fatores etiológicos da agressão física: uma revisão teórica. *Estudos de Psicologia*, 8, 175-184.

Krug, E. G., Dahlberg, L. L., Mercy, J. A., Zwi, A. B., & Lozano, R. (2002). *World report on violence and health.* Geneva: World Health Organization.

Leu, J., Wang, J., & Koo, K. (2011). Are Positive Emotions Just as “Positive” Across Cultures? *Emotion*, 11(4), 994–999. doi: 10.1037/a0021332

Lyubomirsky, S., King, L. & Diener, E. (2005). The benefits of frequent positive affect: does happiness lead to success? *Psychological Bulletin, 131*(6), 803-855.

Lourenço, L. M., & Baptista, M. N.(2013). Escala de violência entre parceiros íntimos (EVPI): Manual técnico. Retrieved from http://docplayer.com.br/39884164-Escala-de-violencia-entre-parceiros-intimos-evipi-manual-tecnico.html

Marlow, D., & Crowne, D. P. (1961). Social desirability and response to perceived situational demands. *Journal of Consulting Psychology*, 25(2), 109.

Minayo, M. C. S. & Deslandes, S. F. (1998). A complexidade das relações entre drogas, álcool e violência. *Caderno de Saúde Pública*, 14(1), 35-42.

Mills, J. F., & Kroner, D. G. (2006). Impression management and self-report among violent offenders. *Journal of Interpersonal Violence*, 21(2), 178-192.doi: 10.1177/0886260505282288

Moffitt, T.E., Caspi, A., Rutter, M., & Silva, P.A. (2001). Sex differences in antisocial behavior. Cambridge: Cambridge University Press.

Masui, K. (2016). Moderating and mediating effects of alcohol expectancies on the association between dark triad personality traits and alcohol consumption. *Personality and Individual Differences* 101, 498-498. doi: 10.1016/j.paid.2016.05.223

Nugent, P. M., & Kroner, D. G. (1996). Denial, response styles, and admittance of offenses among child molesters and rapists. *Journal of Interpersonal Violence*, 11 , 475-486

Oliveira, J. B., Lima, M. C. P., Simão, M. O., Cavariani, M. B., Tucci, A. M., & Kerr-Corrêa, F. (2009). Violência entre parceiros íntimos e álcool: prevalência e fatores associados. *Revista Panamericana Salud Pública*, 26(6)494-501.

Organização Mundial de Saúde (OMS). (2012). Prevenção da violência sexual e da violência pelo parceiro íntimo contra a mulher: Ação e produção de evidência. São Paulo: Organização Pan-

Americana da Saúde. Disponível online (10.01.18) http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/44350/3/9789275716359_por.pdf

Pailing, A., Boon, J., & Egan, V. (2014). Personality, the dark triad and violent behaviour. *Personality and Individual Differences*, 67(9), 81–86. doi: 10.1016/j.paid.2013.11.018.

Paiva, T. T., Pimentel, C. E., & Moura, G. B. (2017). Violência conjugal e suas relações com autoestima, personalidade e satisfação com a vida. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 10 (2), 215- 227.

Paunonen, S. V., & LeBel, E. P. (2012). Socially desirable responding and its elusive effects on the validity of personality assessments. *Journal of Personality and Social Psychology*, 103, 158–175. doi: 10.1037/a0028165

Pinto, M., Varela, A., & Vinhal, A. (2012). A personalidade das vítimas de violência conjugal. *Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental*, 8, 25-29.

Pimentel, C. E., Ferreira, D. C. S., Vargas, M. M., Maynart, V. A. P., & Mendonça, D. C. (2014). Preferência por estilos de filmes e suas diferenças nos cinco fatores de personalidade. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, *9*(2), 232-244.

Pitpitan, E.A., Kalichman, S.C., Eaton, L.A., Sikkema, K.J., Melissa H. Watt, M.H., & Skinner, D. (2012).Gender-based violence and HIV sexual risk behavior: Alcohol use and mental health problems as mediators among women in drinking venues, Cape Town. *Social Science & Medicine*, 75, 1417- 1425. doi: 10.1016/j.socscimed.2012.06.

Sigurdsson, J. F., Gudjonsson, G. H., & Peersen, M. (2001). Differences in the cognitive ability and personality of desisters and re-offenders: A prospective study among juveniles. *Psychology, Crime and Law*, 7, 33-43. doi: 10.1080/10683160108401781

Simons, J., & Carey, K. B. (1998). A structural analysis of attitudes toward alcohol and marijuana use. *Personality and Social Psychology Bulletin*, *24*(7), 727-35

Smeding, A., Dompnier, B., & Darnon, C. (2017). Individual differences in perceived social desirability of openness to experience: A new framework for social desirability responding in

personality research. *Personality and Individual Differences*, 113, 155-160. doi: 10.1016/j.paid.2017.03.028

Tagar, M. R., Federico, C.M., & Halperin, E. (2011). The positive effect of negative emotions in protracted conflict: The case of anger. *Journal of Experimental Social Psychology*, 47(1), 157-164. doi: 10.1016/j.jesp.2010.09.011

Tan, L., & Grace, R. C. (2008). Social desirability and sexual offenders: a review sexual abuse. *Journal of Research and Treatment*, 20(1), 61-87. doi: 10.1177/1079063208314820

Tsuyuki, K., Donta, B., Dasgupta, A., Fleming, P.J., Ghule, M., Madhusudana, B., Silverman, J.G., Saggurti, N., & Raj, A. (2017). Masculine gender ideologies, intimate partner violence, and Alcohol use Increase risk for genital tract infections among men. *Journal of Interpersonal Violence*, 1-19. doi:10.1177/0886260517700619

Ulloa, E. C., Hammett, J. F., O'Neal, D. N., Lydston, E. E., & Aramburo, L. F.(2016).The big five personality traits and intimate partner violence: findings from a large, nat ionally representative sample**.** *Violence and Victims*, 31(6), 1100-1116. doi: 10.1891/0886-6708.VV-D-15-00055

Vieira, E. M., Perdona, G. S. C., & Santos, M. A. (2011). Fatores associados à violência física por parceiro íntimo em usuárias de serviços de saúde. *Revista de Saúde Pública*, 45 (4), 730-737.

Wang, L., Wu, Q., & Choi, W. (2017). Negative emotions as risk factors for self-directed violence and intimate partner violence in chinese college students. *Journal of Interpersonal Violence*, 1-27. doi:10.1177/0886260517713225

Warburton, W., & Anderson, C. (2015).On the clinical applications of the general aggression model to understanding domestic violence. In R. A. Javier & W. G. Herron (Ed.) *Understanding Domestic Violence: Theories, Challenges, Remedies.*(pp.1-56). USA: Rowman & Littlefield Publishers.

Westhead, J., & Egan, V. (2015). Untangling the concurrent influences of the dark triad, personality and mating effort on violence. *Personality and Individual Differences*, 86, 222–226. doi: 10.1016/j.paid.2015.05.031

Wilsnack, R. W., Wilsnack, S. C., Kristjanson, A. F., Vogeltanz-Holm, N. D., & Gmel, G. (2009). Gender and alcohol consumption: Patterns from the multinational GENACIS Project. *Addiction*, 104(9), 1487-1500. doi: 10.1111/j.1360-0443.2009.02696.x.

World Health Organisation (WHO). (2010). *Preventing intimate partner and sexual violence against women: taking action and generating evidence*. Geneva, Switzerland: World Health Organisation. Disponível online (5.5.16) de: http://apps.who.int/iris/ bitstream/10665/44350/1/9789241564007_eng. pdf?ua=1

Wolford-Clevenger, C., Febres, J., Zapor, H., Elmquist, J., Bliton, C., & Stuart, G.L. (2015).Interpersonal violence, alcohol use, and acquired capability for suicide. *Death Studies*, 39, 234- 241. doi: 10.1080/07481187.2014.98540

Zanon, C., Bastianello, M. R., Pacico, J. C., & Hutz, C. S. (2009). Desenvolvimento e validação de uma escala de afetos positivos e negativos. *Psico-USF, Bragança Paulista*, 18 (2), 193-202.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabe-se que a violência entre parceiros íntimos é multidimensional atingindo diversas camadas sociais, idades e até mesmo nações diferentes, simplesmente pelo fato de um dos parceiros ser mais passivo aos comportamentos violentos. Aos quais, as mulheres geralmente são esse agente passivo dos atos danosos do homem, apesar que também se têm violência em casais homoafetivos. Por isso, o gênero é uma variável importante para se estudar a violência. No entanto, o estudo não abordou o feminícido Lei n° 13.104/15, que é contra a mulher por razões da condição de sexo feminino, tornando a pena mais rigorosa para os agressores, já que o objetivo era violência entre parceiros íntimos, isso inclui tanto o sexo/gênero feminino quanto o masculino.

A violência não pode ser encarada como ato de amor ou cuidado excessivo do parceiro (a), em que quem sofre têm de se manter preso, mas deve ser vista como algo que pode ser mutável a partir do ressignificado das experiências, que não os realiza enquanto pessoa. Os fatores pessoais e situacionais podem ser ressignificados quando em contato com o meio social, direcionado-os para as rotas de maneira mais controlada e assim podem responder de forma não violenta aos eventos.

O objetivo da presente dissertação foram alcançados com cada estudo realizado. Esses estudos mostraram que a agradabilidade, estabilidade emocional, abertura à experiências são traços encontrados tanto em quem sofre como quem pratica a violência entre parceiros íntimos. Já a conscienciosidade encontrada geralmente na literatura em traço de vítimas, relacionada de maneira negativa com as práticas da violência, ou seja, quem faz uso da violência possui baixa pontuação em conscienciosidade. E os traços sombrios foram encontrados em quem faz uso da violência, ou seja, pessoas com pontuações altas em maquiavelismo, psicopatia e narcisismo possuem mais tendência a fazer uso da violência entre parceiros íntimos.

Os valores humanos como a realização, também é encontrada tanto em quem sofre como quem pratica a violência, mas a existência foi endossada somente pelos respondentes que sofre a violência, ou seja, a prioridade destes indíviduos está voltada para as condições básicas, que muitas vezes essas pessoas convivem com a escassez econômica. Já o suprapessoal foi endossado por

pessoas que não praticam a violência, pois, a prioridade passa a ser o conhecimento, maturidade para responder de acordo com a situação de maneira aceitável para a sociedade, ao invés do uso da violência.

Enquanto que, não é apenas o uso do álcool que se relaciona com a violência, mas a quantidade de vezes com que se consome esta droga lícita. A frequência do consumo do álcool é que faz o parceiro se mostrar violento nas relações amorosas. É importante lembrar que, o uso abusivo do álcool podem ser trabalhados em terapia, para assim se minimizar os efeitos que poderão surgir desse abuso, como por exemplo, a violência entre parceiros íntimos. E é claro, que as emoções negativas provocadas por essas e outras situações produzem reações violentas, consequentemente os afetos que são formados pelas emoções geradas das vivências podem provocar a violência, de modo que a resposta comportamental pode não ser controlada e sim uma resposta automática diante dos afetos carregados durante anos.

Porém, compreender esses fatores, mesmo que minimamente, já representa um avanço nas produções de informações científicas sobre os aspectos da violência entre parceiros íntimos. E além disso, podem suscintar que produzam mais pesquisas que voltem o foco para esse tema de grande relevância social, assim como possa também contribuir para que os psicólogos tenham mais uma ferramenta para ser trabalhados em vários âmbitos: jurídico, escolar, clínico, familiar.

Contudo, os estudos produzidos pela presente dissertação, não se pretendeu reduzir o fenômeno da violência entre parceiros íntimos a uma série de fatores pessoais do indivíduo, mas testar a partir da teoria o modelo proposto por Anderson e Bushman (2002) uma parte das variáveis que podem desencadear atos violentos. É claro que o contexto é necessário para o desenvolvimento desses atos, pois o próprio modelo aponta que são a partir dessas interações entre indivíduo e o meio geram constantes mudanças comportamentais. Torna-se necessário replicar este estudo em outras culturas para comparação dos dados.

Anexos

ANEXO 1

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Esta pesquisa é sobre violência entre parceiros íntimos, está sendo desenvolvida por Tamyres Tomaz, Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade Federal da Paraíba, sob orientação do Prof. Dr. Carlos Eduardo Pimentel.

O objetivo geral é identificar os constructos dentre a literatura os construtos listados como preditora da violência e agressão, buscar-se-á por meio das medidas estatísticas o relacionamento dos construtos valores humanos, crenças no mundo injusto e personalidade, comportamento assertivo com os comportamentos de violência entre parceiros íntimos na população. Percebe-se que tais aspectos são importantes para estratégias que visem políticas públicas neste âmbito.

Solicitamos a sua colaboração para responder esse questionário (com duração média de 20 minutos), como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos das áreas de humanas e publicar em revista científica. Por ocasião da publicação dos resultados, o nome das participantes será mantido em sigilo. Informamos que essa pesquisa não **implica em nenhum tipo de desconforto ou risco físico e biopsicossocial para os respondentes** e não trará nenhum custo. A pesquisa está de acordo com o disposto nas resoluções 466/12 do Conselho Nacional de Saúde**.**

Esclarecemos que a sua participação no estudo **é voluntária** e, portanto, o (a) senhor (a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano, nem haverá modificação na assistência que vem recebendo na Instituição. Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa. Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido (a) e dou meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Declaro também **que sou maior de 18(dezoito) anos** de idade e estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

Frente ao que foi acima exposto, eu, _____ expresso meu consentimento em relação à minha participação na pesquisa.

João Pessoa, _____ de _____ de 2016.

Impressão dactilóscópica

_____

Assinatura do participante

_____

Assinatura do(a) pesquisador(a)

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para o(a) pesquisador, Tamyres Tomaz, Email: Tamyres.Tomaz@hotmail.com ou para o Comitê de ética no Centro de Ciências da Saúde_ 1° andar / Campus I, Cidade Universitária, João Pessoa. CEP: 58051-900. Email: eticaccsufpb@hotmail.com -fone: (83) 3216 7791.

Instruções. Neste questionário é apresentada uma série de afirmações a respeito do comportamento de seu (a) parceiro (a) esposo (a), namorado (a), companheiro (a), em relação a você, durante os últimos 2 meses. Pedimos que responda todas as questões assinalando com um X a alternativa que mais se aproximar de sua realidade. Sua identificação não é necessária. Suas respostas serão mantidas em sigilo.

1	2	3	4	5
Nunca	**Poucas vezes**	**As vezes**	**Muitas vezes**	**Sempre**

1	Me obrigou a fazer sexo com ele/ela	**1 2 3 4 5**
2	Ameaçou me matar	**1 2 3 4 5**
3	Me obrigou a usar drogas	**1 2 3 4 5**
4	Me espancou/surrou	**1 2 3 4 5**
5	Falou mentiras sobre mim	**1 2 3 4 5**
6	Me deu tapas	**1 2 3 4 5**
7	Me proibiu de sair sozinho(a)	**1 2 3 4 5**
8	Puxou meu cabelo	**1 2 3 4 5**
9	Me impediu de sair de casa	**1 2 3 4 5**
10	Me deu socos	**1 2 3 4 5**
11	Destruiu meus objetos	**1 2 3 4 5**
12	Me vigiou	**1 2 3 4 5**
13	Apagou meus arquivos do computador	**1 2 3 4 5**
14	Me queimou	**1 2 3 4 5**
15	Tentou me matar	**1 2 3 4 5**
16	Me machucou fisicamente	**1 2 3 4 5**
17	Me obrigou a dar meu dinheiro para ele/ela	**1 2 3 4 5**
18	Me obrigou a ver materiais pornográficos	**1 2 3 4 5**
19	Me obrigou a ingerir álcool	**1 2 3 4 5**
20	Me chantageou	**1 2 3 4 5**
21	Gritou comigo	**1 2 3 4 5**
22	Mexeu no meu celular sem permissão	**1 2 3 4 5**
23	Me ameaçou com uma faca ou algum outro objeto	**1 2 3 4 5**
24	Deixou de cuidar de mim quando precisei	**1 2 3 4 5**
25	Me impediu de acessar sites na internet	**1 2 3 4 5**
26	Me cortou	**1 2 3 4 5**
27	Jogou coisas em mim	**1 2 3 4 5**
28	Tirou meu dinheiro para minhas necessidades básicas	**1 2 3 4 5**
29	Me empurrou	**1 2 3 4 5**
30	Roubou meu dinheiro	**1 2 3 4 5**
31	Criticou minha aparência	**1 2 3 4 5**
32	Me desvalorizou	**1 2 3 4 5**
33	Tentou me enforcar	**1 2 3 4 5**
34	Me desprezou	**1 2 3 4 5**
35	Me ameaçou com palavras	**1 2 3 4 5**
36	Tentou me envenenar	**1 2 3 4 5**

37	Me chutou	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
38 Invadiu minhas redes sociais na internet sem permissão (Orkut, Facebook, outras)		**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
39	Me criticou	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
40	Me bateu com objetos (vassoura, corda, ferro de passar, panelas ou outra coisa)	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
41	Me expulsou de casa	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
42	Invadiu meu local de trabalho	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
43	Me acusou falsamente de alguma coisa	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
44	Me obrigou a me exibir para ele/ela	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
45	Fez piadas maldosas de mim	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
46	Me humilhou	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
47	Me ameaçou com arma de fogo	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
48	Criticou meu desempenho sexual	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
49	Me trancou dentro de casa	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
50	Me privou de me alimentar	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
51	Ameaçou meus filhos ou pessoas que gosto	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
52	Me impediu de conviver com meus familiares	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
53	Me xingou	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**

Instruções. Agora você encontrará traços de personalidade que pode dizer respeito a você em algum grau. Por favor, escreva um número ao lado de cada afirmação indicando em que medida você concorda ou discorda. Você deve avaliar em quem medida o par de traços se aplica a você, ainda que alguns se apliquem mais fortemente que outros.

1	**2**	**3**	**4**	**5**	**6**	**7**
Discordo fortemente	Discordo moderadamente	Discordo um pouco	Nem concordo nem discordo	Concordo um pouco	Concordo moderadamente	Concordo fortemente

Eu me vejo como alguém…

1. _____ Extrovertido, entusiasta.
2. _____ Crítico, briguento.
3. _____ Confiável, auto-disciplinado.
4. _____ Ansioso, que se chateia facilmente.
5. _____Aberto a novas experiências, complexo.
6. _____ Reservado, quieto
7. _____ Simpático, acolhedor.
8. _____ Desorganizado, descuidado.
9. _____ Calmo, emocionalmente estável.
10. _____ Convencional, sem criatividade.

Instruções. Por favor, a seguir marque o grau com que você concorda e discorda a cerca de cada afirmativa, conforme suas Crenças no Mundo injusto de acordo com sua situação no seu cotidiano.

1.Acredito que o mundo é basicamente um lugar injusto.

Concordo fortemente ○ ○ ○ ○ ○ ○ Discordo fortemente

2. Penso que muitas vezes até as decisões importantes são injustas.

Concordo fortemente ○ ○ ○ ○ ○ ○ Discordo fortemente

3. Muitas pessoas sofrem um destino injusto.

Concordo fortemente ○ ○ ○ ○ ○ ○ Discordo fortemente

4.Penso que as pessoas não serão compensadas pelas frequentes injustiças.

Concordo fortemente ○ ○ ○ ○ ○ ○ Discordo fortemente

Instruções. Por favor, leia atentamente a lista de valores descritos a seguir, considerando seu conteúdo. Utilizando a escala de resposta abaixo, **escreva um número ao lado de cada valor** para indicar em que medida o considera importante como **um princípio que guia sua vida**.

1	2	3	4	5	6	7
Totalmente não Importante	Não Importante	Um pouco Importante	Mais ou Menos Importante	Importante	Muito Importante	Extremamente Importante

01. ____ **APOIO SOCIAL**. Obter ajuda quando a necessite; sentir que não está só no mundo.
02. ____**ÊXITO**. Obter o que se propõe; ser eficiente em tudo que faz.
03. ____ **SEXUALIDADE**. Ter relações sexuais; obter prazer sexual.
04. ____**CONHECIMENTO**. Procurar notícias atualizadas sobre assuntos pouco conhecidos; tentar descobrir coisas novas sobre o mundo.
05. ____**EMOÇÃO**. Desfrutar desafiando o perigo; buscar aventuras.
06. ____**PODER**. Ter poder para influenciar os outros e controlar decisões; ser o chefe de uma equipe.
07. ____**AFETIVIDADE**. Ter uma relação de afeto profunda e duradoura; ter alguém para compartilhar seus êxitos e fracassos.
08. ____**RELIGIOSIDADE**. Crer em Deus como o salvador da humanidade; cumprir a vontade de Deus.
09. ____**SAÚDE**. Preocupar-se com sua saúde antes mesmo de ficar doente; não estar enfermo.
10. ____**PRAZER**. Desfrutar da vida; satisfazer todos os seus desejos.
11. ____**PRESTÍGIO**. Saber que muita gente lhe conhece e admira; quando velho receber uma homenagem por suas contribuições.
12. ____**OBEDIÊNCIA**. Cumprir seus deveres e obrigações do dia a dia; respeitar seus pais, os superiores e os mais velhos.
13. ____**ESTABILIDADE PESSOAL**. Ter certeza de que amanhã terá tudo o que tem hoje; ter uma vida organizada e planificada.
14. ____**CONVIVÊNCIA**. Conviver diariamente com os vizinhos; fazer parte de algum grupo, como: social, religioso, esportivo, entre outros.
15. ____**BELEZA**. Ser capaz de apreciar o melhor da arte, música e literatura; ir a museus ou exposições onde possa ver coisas belas.
16. ____**TRADIÇÃO**. Seguir as normas sociais do seu país; respeitar as tradições da sua sociedade.

17. ____**SOBREVIVÊNCIA**. Ter água, comida e poder dormir bem todos os dias; viver em um lugar com abundância de alimentos.
18. ____**MATURIDADE**. Sentir que conseguiu alcançar seus objetivos na vida; desenvolver todas as suas capacidades.

Instruções. Abaixo você encontrará afirmações com as quais você irá indicar a frequência das práticas listadas abaixo. Usando a escala de resposta a seguir, que vai de 1 a 5, marque um número ao lado da afirmação, segundo sua opinião.

1	2	3	4	5
Nunca	**Poucas vezes**	**As vezes**	**Muitas vezes**	**Sempre**

1. Iniciar uma conversa com um estranho	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
2. Contar uma coisa a um grupo de pessoas	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
3. Pedir a alguém para explicar uma coisa	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
4. Reconhecer um elogio acerca da tua aparência	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
5. Dizer a alguém que gostas dele/a	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
6. Recusar um pedido de alguém com autoridade	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
7. Dizer a alguém que achas que te tratou injustamente	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
8. Dizer a alguém que o/a estimas	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
9. Dizer a alguém que te criticou que tem razão	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
10. Reconhecer um elogio sobre algo que fizeste	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
11. Dizer ao outro que gostas que te digam que te admira	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
12. Participar da conversa de um grupo de pessoas	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
13. Manter a tua própria opinião em face de outros	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
14. Pedir a alguém que pare de te aborrecer	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
15. Perguntar a alguém se você o/a magoou	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
16. Dizer ao outro que gostas que te digam que te estimam	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
17. Dar a tua opinião a uma pessoa com autoridade	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
18. Recusar produtos ou serviços não satisfatórios	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
19. Falar com alguém que pensa que esta te evitando	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
20. Pedir desculpa quando se comete um erro	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
21. Se apresentar a alguém	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
23. Recusar emprestar uma coisa a um amigo	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
22. Pedir a alguém que te indique o caminho	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
24. Admitir saber menos sobre um assunto	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
25. Insistir para que alguém faça a sua parte	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**

Dados sociodemográficos

1.Idade:_____

2. Sexo: ( ) Masculino ( ) Feminino

4. Estado Civil: ( ) Solteiro(a) ( )Casado(a) /União estável
( ) Divorciado(a)/Separado ( ) Viúvo(a)

5. Escolaridade:

( )Ensino Fundamental I ou II(1° ano ao 9°ano)

( )Ensino Médio(1°ano ao 3°ano)

( )Ensino Superior incompleto

( ) Ensino Superior Completo

( ) Pós-Graduação

6. Estou em um relacionamento há?

( ) + de 2 meses ( ) + de 6 meses ( ) + de 1 ano ( )+ de 2 anos

( )outro _____

7. Orientação sexual: ( )Heterossexual ( )Homossexual ( ) Bissexual

( ) Outra: _____

8. Indique sua situação atual:

( )Namoro / Noivado ( ) União Estável ( ) Casado

( ) Outra(fica, rolo, etc):_____

9. Indique o seu grau de religiosidade:

( )Nada religioso ( )Um pouco religioso ( ) Muito religioso

10. Indique qual a classe social você se considera:

( )Classe baixa ( )Média baixa ( ) Média ( )Média alta ( )Classe alta

Obrigada pela colaboração!

Anexo 2

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Esta pesquisa é sobre violência entre parceiros íntimos, está sendo desenvolvida por Tamyres Tomaz, Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade Federal da Paraíba, sob orientação do Prof. Dr. Carlos Eduardo Pimentel.

O objetivo geral é identificar os constructos dentre a literatura os construtos listados os preditores da violência e agressão, buscar-se-á por meio das medidas estatísticas o relacionamento dos construtos da personalidade, atitudes implícitas, valoes humano com os comportamentos de violência entre parceiros íntimos na população geral. Percebe-se que tais aspectos são importantes para estratégias que visem políticas públicas neste âmbito.

Solicitamos a sua colaboração para responder esse questionário (com duração média de 20 minutos), como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos das áreas de humanas e publicar em revista científica. Por ocasião da publicação dos resultados, o nome das participantes será mantido em sigilo. Informamos que essa pesquisa não **implica em nenhum tipo de desconforto ou risco físico e biopsicossocial para os respondentes** e não trará nenhum custo. A pesquisa está de acordo com o disposto nas resoluções 466/12 do Conselho Nacional de Saúde.

Esclarecemos que a sua participação no estudo **é voluntária** e, portanto, o (a) senhor (a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano, nem haverá modificação na assistência que vem recebendo na Instituição. Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa. Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido (a) e dou meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Declaro também **que sou maior de 18(dezoito) anos** de idade e estou ciente dos estudos.

Frente ao que foi acima exposto, eu, _____ expresso meu consentimento em relação à minha participação na pesquisa.

João Pessoa, _____ de _____ de 2017.

Impressão dactilóscópica

_____

Assinatura do participante

_____

Assinatura do(a) pesquisador(a)

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para o(a) pesquisador, Tamyres Tomaz, Email: Tamyres.Tomaz@hotmail.com ou para o Comitê de ética no Centro de Ciências da Saúde_ 1° andar / Campus I, Cidade Universitária, João Pessoa. CEP: 58051-900. Email: eticaccsufpb@hotmail.com -fone: (83) 3216 7791.

Instruções. Neste questionário é apresentada uma série de afirmações a respeito do seu comportamento com (a) parceiro (a) esposo (a), namorado (a), companheiro (a), nas relações amorosas em que você já esteve, por no mínimo 2 meses. Pedimos que responda todas as questões assinalando, a alternativa que mais se aproximar de sua realidade. Sua identificação não é necessária. **Suas respostas serão mantidas em sigilo**.

1	2	3	4	5
Nunca	**Poucas vezes**	**Às vezes**	**Muitas vezes**	**Sempre**

1	Ameacei os filhos ou pessoas que ele (a) gosta	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
2	Ameacei com palavras	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
3	Humilhei ele/ela	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
4	Tranquei ele/ela dentro de casa	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
5	Chantagiei	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
6	Desprezei	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
7	Obriguei a me dar dinheiro	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
8	Impedir de sair de casa	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
9	Dei socos nele (a)	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
10	Espanquei/surrei	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
11	Bati com objetos (vassoura,corda, ferro de passar, panelas ou outras coisas)	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
12	Joguei coisas nele (a)	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
13	Ameacei com uma faca ou algum outro objeto	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
14	Expulsei ele/ela casa	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
15	Machuquei fisicamente ele/ela	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
16	Ameacei matar ele (a)	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
17	Empurrei ele /ela	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
18	Apaguei os arquivos do computador dele (a)	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
19	Vigiei ele/ela	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
20	Já chantageei	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
21	Mexi no celular dele (a) sem permissão	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
22	Impedi de acessar sites na internet	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
23	Falei mentiras sobre ele/ela	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
24	Tirei dinheiro dele(a) para minhas necessidades básicas	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
25	Impedi de conviver com os familiares dele (a)	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**

Instruções. Agora você encontrará traços de personalidade que pode dizer respeito a você em algum grau. Por favor, escreva um número ao lado de cada afirmação indicando em que medida você concorda ou discorda. Você deve avaliar em quem medida o par de traços se aplica a você, ainda que alguns se apliquem mais fortemente que outros.

1	2	3	4	5	6	7
Discordo fortemente	Discordo moderadamente	Discordo um pouco	Nem concordo nem discordo	Concordo um pouco	Concordo moderadamente	Concordo fortemente

Eu me vejo como alguém…

1. _____ Extrovertido, entusiasta.
2. _____ Crítico, briguento.
3. _____ Confiável, auto-disciplinado.
4. _____ Ansioso, que se chateia facilmente.
5. _____Aberto a novas experiências, complexo.
6. _____ Reservado, quieto
7. _____ Simpático, acolhedor.
8. _____ Desorganizado, descuidado.
9. _____ Calmo, emocionalmente estável.
10. _____ Convencional, sem criatividade.

Instruções. Por favor, a seguir marque o grau com que você concorda e discorda a cerca de cada afirmativa, conforme suas Crenças no Mundo justo de acordo com sua situação no seu cotidiano.

1. Acredito que, em geral, as pessoas adquirem o que elas realmente merecem.

Concordo fortemente ○ ○ ○ ○ ○ ○ Discordo fortemente

2. Penso que o mundo é basicamente um justo lugar.

Concordo fortemente ○ ○ ○ ○ ○ ○ Discordo fortemente

3. Tenho certeza que a justiça sempre prevalece sobre a injustiça.

Concordo fortemente ○ ○ ○ ○ ○ ○ Discordo fortemente

4. Eu seguramente acredito que as injustiças em todas as áreas de vida (p.ex.: profissional, família, política) são exceções à regra.

Concordo fortemente ○ ○ ○ ○ ○ ○ Discordo fortemente

5. Eu penso que as pessoas tentam ser justas quando tomam decisões importantes

Concordo fortemente ○ ○ ○ ○ ○ ○ Discordo fortemente

6. Estou convencido de que, em longo prazo, as pessoas serão compensadas pelas injustiças.

Concordo fortemente ○ ○ ○ ○ ○ ○ Discordo fortemente

INSTRUÇÕES. Por favor, avalie sua concordância ou discordância com cada item usando as seguintes diretrizes:

1	2	3	4	5
Discordo fortemente	**Discordo**	**Nem concordo nem discordo**	**Concordo**	**Concordo fortemente**

1. ____Costumo manipular os outros para conseguir o que quero
2. ____Costumo usar enganações ou mentiras para conseguir o que quero
3. ____Costumo bajular as pessoas para conseguir o que quero.
4. ____Costumo explorar outras pessoas para meu próprio benefício.
5. ____Eu tendo a ter falta de remorso.
6. ____Costumo não me preocupar com a moralidade de minhas ações.
7. ____Eu tendo a ser insensível ou indiferente.
8. ____Eu costumo ser cínico.
9. ____Eu tendo a querer que os outros me admirem.
10. ____Eu tendo a querer que os outros prestem atenção em mim.
11. ____Eu tendo a buscar prestígio ou status.
12. ____Costumo esperar favores especiais dos outros

Instruções. Por favor, leia atentamente a lista de valores descritos a seguir, considerando seu conteúdo. Utilizando a escala de resposta abaixo, **escreva um número ao lado de cada valor** para indicar em que medida o considera importante como **um princípio que guia sua vida**.

1	2	3	4	5	6	7
Totalmente não Importante	Não Importante	Um pouco Importante	Mais ou Menos Importante	Importante	Muito Importante	Extremamente Importante

01. ____ **APOIO SOCIAL**. Obter ajuda quando a necessite; sentir que não está só no mundo.
02. ____**ÊXITO**. Obter o que se propõe; ser eficiente em tudo que faz.
03. ____ **SEXUALIDADE**. Ter relações sexuais; obter prazer sexual.
04. ____**CONHECIMENTO**. Procurar notícias atualizadas sobre assuntos pouco conhecidos; tentar descobrir coisas novas sobre o mundo.
05. ____**EMOÇÃO**. Desfrutar desafiando o perigo; buscar aventuras.
06. ____**PODER**. Ter poder para influenciar os outros e controlar decisões; ser o chefe de uma equipe.
07. ____**AFETIVIDADE**. Ter uma relação de afeto profunda e duradoura; ter alguém para compartilhar seus êxitos e fracassos.
08. ____**RELIGIOSIDADE**. Crer em Deus como o salvador da humanidade; cumprir a vontade de Deus.
09. ____**SAÚDE**. Preocupar-se com sua saúde antes mesmo de ficar doente; não estar enfermo.
10. ____**PRAZER**. Desfrutar da vida; satisfazer todos os seus desejos.
11. ____**PRESTÍGIO**. Saber que muita gente lhe conhece e admira; quando velho receber uma homenagem por suas contribuições.
12. ____**OBEDIÊNCIA**. Cumprir seus deveres e obrigações do dia a dia; respeitar seus pais, os superiores e os mais velhos.
13. ____**ESTABILIDADE PESSOAL**. Ter certeza de que amanhã terá tudo o que tem hoje; ter uma vida organizada e planificada.
14. ____**CONVIVÊNCIA**. Conviver diariamente com os vizinhos; fazer parte de algum grupo, como: social, religioso, esportivo, entre outros.
15. ____**BELEZA**. Ser capaz de apreciar o melhor da arte, música e literatura; ir a museus ou exposições onde possa ver coisas belas.

16. ____**TRADIÇÃO**. Seguir as normas sociais do seu país; respeitar as tradições da sua sociedade.
17. ____**SOBREVIVÊNCIA**. Ter água, comida e poder dormir bem todos os dias; viver em um lugar com abundância de alimentos.
18. ____**MATURIDADE**. Sentir que conseguiu alcançar seus objetivos na vida; desenvolver todas as suas capacidades.

Dados sociodemográficos

1.Idade:_____

2. Sexo: ( ) Masculino ( ) Feminino

4. Estado Civil: ( ) Solteiro(a) ( )Casado(a) /União estável
( ) Divorciado(a)/Separado ( ) Viúvo(a)

5. Escolaridade:

( )Ensino Fundamental I ou II(1° ano ao 9°ano)

( )Ensino Médio(1°ano ao 3°ano)

( )Ensino Superior incompleto

( ) Ensino Superior Completo

( ) Pós-Graduação

6. Estou em um relacionamento há?
( ) 2 meses ( ) 6 meses ( ) 1 ano ( ) 2 anos ( )outro _____

7. Orientação sexual: ( )Heterossexual ( )Homossexual ( ) Bissexual

( ) Outra: _____

8. Indique sua situação atual:

( )Namoro / Noivado ( ) União Estável ( ) Casado

( ) Outra:_____

9. Indique o seu grau de religiosidade:

( )Nada religioso ( )Um pouco religioso ( ) Muito religioso

10. Indique qual a classe social você se considera:

( )Classe baixa ( )Média baixa ( ) Média ( )Média alta ( )Classe alta

Obrigada pela colaboração!

Anexo 3

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Esta pesquisa é sobre violência entre parceiros íntimos, está sendo desenvolvida por Tamyres Tomaz, Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade Federal da Paraíba, sob orientação do Prof. Dr. Carlos Eduardo Pimentel.

O objetivo geral é identificar os constructos dentre a literatura os construtos listados como preditora da violência, buscar-se-á por meio das medidas estatísticas o relacionamento dos construtos personalidade, atitudes e afetos com os comportamentos de violência entre parceiros íntimos na população. Percebe-se que tais aspectos são importantes para estratégias que visem políticas públicas neste âmbito.

Solicitamos a sua colaboração para responder esse questionário (com duração média de 20 minutos), como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos das áreas de humanas e publicar em revista científica. Por ocasião da publicação dos resultados, o nome das participantes será mantido em sigilo. Informamos que essa pesquisa não **implica em nenhum tipo de desconforto ou risco físico e biopsicossocial para os respondentes** e não trará nenhum custo. A pesquisa está de acordo com o disposto nas resoluções 510/16 do Conselho Nacional de Saúde.

Esclarecemos que a sua participação no estudo **é voluntária** e, portanto, o (a) senhor (a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano, nem haverá modificação na assistência que vem recebendo na Instituição. Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa. Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido (a) e dou meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Declaro também **que sou maior de 18(dezoito) anos** de idade e estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

Frente ao que foi acima exposto, eu, _____ expresso meu consentimento em relação à minha participação na pesquisa.

João Pessoa, _____ de _____ de 2017.

_____

Assinatura do participante

_____

Assinatura do(a) pesquisador(a)

Instruções. Neste questionário é apresentada uma série de afirmações a respeito **do seu comportamento** nas suas experiências amorosas. Consideram-se relacionamentos atuais e passados, desde que você já tenha praticado esse comportamento. Pedimos que responda todas as questões assinalando com um **X** à alternativa que mais se aproximar de sua realidade.

1	2	3	4	5
Nunca	**Poucas vezes**	**Às vezes**	**Muitas vezes**	**Sempre**

1	Ameacei os filhos ou pessoas que ele (a) gosta	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
2	Ameacei com palavras	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
3	Humilhei ele/ela	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
4	Tranquei ele/ela dentro de casa	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
5	Chantagiei	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
6	Desprezei	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
7	Obriguei a me dar dinheiro	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
8	Impedir de sair de casa	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
9	Dei socos nele (a)	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
10	Espanquei/surrei	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
11	Bati com objetos (vassoura, corda, ferro de passar, panelas ou outras coisas)	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
12	Joguei coisas nele (a)	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
13	Ameacei com uma faca ou algum outro objeto	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
14	Expulsei ele/ela casa	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
15	Machuquei fisicamente ele/ela	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
16	Ameacei matar ele (a)	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
17	Empurrei ele /ela	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
18	Apaguei os arquivos do computador dele (a)	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
19	Vigiei ele/ela	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
20	Já chantageei	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
21	Mexi no celular dele (a) sem permissão	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
22	Impedi de acessar sites na internet	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
23	Falei mentiras sobre ele/ela	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
24	Tirei dinheiro dele(a) para minhas necessidades básicas	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
25	Impedi de conviver com os familiares dele (a)	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**

Instruções. Neste questionário é apresentada uma série de afirmações a respeito **do seu comportamento** em suas experiências íntimas e amorosas. Considere tanto seus relacionamentos passados como o atual, desde que você já tenha praticado esse comportamento. De acordo com a escala de resposta abaixo, responda todas as questões assinalando com um **X** à alternativa que mais se aproximar de sua realidade.

1	2	3	4	5
Nunca	**Poucas vezes**	**Às vezes**	**Muitas vezes**	**Sempre**

1. Eu obriguei meu/ minha parceiro(a) a ter relações comigo sem preservativos.	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
2. Eu forcei o meu/minha parceiro(a) a ter relações sexuais.	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
3. Eu bati no meu/minha companheiro(a) para ele(a) aceitar fazer sexo.	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
4. Arranquei as roupas do meu/minha parceiro(a) de maneira violenta.	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
5. Eu obriguei meu/minha parceiro(a) a fazer sexo (oral ou anal) sem ele(a) querer.	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
6. Eu obriguei ele(a) se exibir sem roupa para mim.	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**

Instruções. Por favor, avalie sua concordância ou discordância com cada item usando as seguintes a escala de resposta abaixo:

1	**2**	**3**	**4**	**5**
Discordo fortemente	**Discordo**	**Nem concordo nem discordo**	**Concordo**	**Concordo fortemente**

1. ____Costumo manipular os outros para conseguir o que quero
2. ____Costumo usar enganações ou mentiras para conseguir o que quero
3. ____Costumo bajular as pessoas para conseguir o que quero.
4. ____Costumo explorar outras pessoas para meu próprio benefício.
5. ____Eu tendo a ter falta de remorso.
6. ____Costumo não me preocupar com a moralidade de minhas ações.
7. ____Eu tendo a ser insensível ou indiferente.
8. ____Eu costumo ser cínico.
9. ____Eu tendo a querer que os outros me admirem.
10. ____Eu tendo a querer que os outros prestem atenção em mim.
11. ____Eu tendo a buscar prestígio ou status.
12. ____Costumo esperar favores especiais dos outros.

Instruções. Agora você encontrará traços de personalidade que pode dizer respeito a você em algum grau. Por favor, escreva um número ao lado de cada afirmação indicando em que medida você concorda ou discorda. Você deve avaliar em quem medida o par de traços se aplica a você, ainda que alguns se apliquem mais fortemente que outros.

1	**2**	**3**	**4**	**5**	**6**	**7**
Discordo fortemente	Discordo moderadamente	Discordo um pouco	Nem concordo nem discordo	Concordo um pouco	Concordo moderadamente	Concordo fortemente

Eu me vejo como alguém…

1. _____ Extrovertido, entusiasta.
2. _____ Crítico, briguento.
3. _____ Confiável, auto-disciplinado.
4. _____ Ansioso, que se chateia facilmente.
5. _____Aberto a novas experiências, complexo.
6. _____ Reservado, quieto
7. _____ Simpático, acolhedor.
8. _____ Desorganizado, descuidado.
9. _____ Calmo, emocionalmente estável
10. _____ Convencional, sem criatividade.

Instruções. Agora indique sua opinião acerca de "**estar sob o efeito de álcool**", Marque um **X** no quadro que melhor representar sua resposta.

Considero "estar sob o efeito de álcool"...

Positivo — **Negativo**

4 3 2 1 0 -1 -2 -3 -4

Agradável — **Desagradável**

4 3 2 1 0 -1 -2 -3 -4

Bom — **Ruim**

4 3 2 1 0 -1 -2 -3 -4

Desejável — **Indesejável**

4 3 2 1 0 -1 -2 -3 -4

Instruções. Por favor, responda o quão mais descrevem seus sentimentos e emoções passadas e presentes. Use a escala de respostas abaixo e marque com um X.

1	2	3	4	5
Não me descreve	**Me descreve parcialmente**	**Às vezes me descreve**	**Me descreve frequentemente**	**Me descreve muito**

01-Muitas vezes, eu fico nervoso.	**1 2 3 4 5**
02 – Me sinto confiante no dia a dia.	1 2 3 4 5
03 – Sou corajoso.	**1 2 3 4 5**
04 – Tenho me sentido cansado nos últimos meses.	1 2 3 4 5
05 – Ando muito preocupado nos últimos tempos.	**1 2 3 4 5**
06 – Sou determinado para conseguir o que eu quero.	1 2 3 4 5
07 – Me sinto culpado por coisas que eu fiz no passado.	**1 2 3 4 5**
08 – Sou apaixonado por algumas coisas que eu faço.	1 2 3 4 5
09 – Muitas situações me deixaram alegre nos últimos tempos.	**1 2 3 4 5**
10 – Fico zangado quando sou contrariado.	1 2 3 4 5
11 – As pessoas dizem que sou mal-humorado.	**1 2 3 4 5**

12 – Ultimamente ocorreram situações em que senti muita raiva de algumas pessoas.	1 2 3 4 5
13 – Em geral eu me sinto forte para superar as dificuldades da vida.	**1 2 3 4 5**
14 – Me dá prazer experimentar coisas novas.	1 2 3 4 5
15 – Sinto orgulho de mim mesmo.	**1 2 3 4 5**
16 – Eu me irrito facilmente.	1 2 3 4 5
17 – Sou valente quando estou diante de um desafio.	**1 2 3 4 5**
18 – Sou uma pessoa feliz.	1 2 3 4 5
19 – Nos últimos tempos ocorreram situações em que me senti humilhado.	**1 2 3 4 5**
20-Tenho me sentido triste ultimamente	1 2 3 4 5

Instruções: Marque um **X** que mais descreve seu comportamento cotidiano.

1.Já senti vontade de quebrar coisas.	V	F
2.Gosto de fazer fofoca.	V	F
3.Fico irritado(a) com pessoas que me pedem favores.	V	F
4.Já tirei vantagem de alguém	V	F
5.Já senti inveja da boa sorte de outras pessoas.	V	F
6.Já senti vontade de me rebelar contra pessoas com autoridade.	V	F
7.Não me aborreço com pessoas que têm idéias diferentes das minhas.	V	F
8.Já duvidei sobre minha habilidade para ter sucesso na vida.	V	F
9.É difícil fazer meu trabalho se não sou encorajado(a).	V	F
10.Estou sempre disposto(a) a admitir quando cometo um erro.	V	F
11.Tento acertar as contas, em lugar de perdoar e esquecer	V	F
12.Nunca disse algo que magoasse alguém de propósito.	V	F
13.Já insisti em ter as coisas feitas do meu modo.	V	F
14.Meus modos à mesa são os mesmos em casa ou em um restaurante.	V	F
15.Entraria em um cinema sem pagar, se soubesse que não seria visto.	V	F
16.Nunca me chateei quando alguém me pediu para retribuir um favor.	V	F

17.Já fingi estar doente para fugir de alguma responsabilidade	V	F
18.Nunca antipatizei com alguém intensamente.	V	F
19.Sinto-me chateado(a) quando falo algo e não me compreendem.	V	F
20.Sou sempre educado(a), mesmo com pessoas desagradáveis.	V	F

Dados do sociodemográfico

1.Idade:_____

2. Sexo: ( ) Masculino ( ) Feminino

3. Estado Civil: ( ) Solteiro(a) ( )Casado(a) /União estável
( ) Divorciado(a)/Separado ( ) Viúvo(a)

4. Escolaridade:

( )Ensino fundamental I ou II completo(1° ano ao 9°ano)

( )Ensino médio completo (1°ano ao 3°ano)

( )Ensino superior incompleto

( ) Ensino superior completo

( ) Pós-graduação

5. Atualmente estou em um relacionamento há?
( ) 2-11 meses ( ) 1 ano ( ) 2- 4 anos ( ) 5- 9 anos ( ) acima de 10 anos
( ) Não estou em nenhum relacionamento atualmente, mas já estive pelo menos 2 meses.

6. Orientação sexual: ( )Heterossexual ( )Homossexual ( ) Bissexual

( ) Outra: _____

7. Indique sua situação atual: Se estiver **(ficando, rolo ou algo do tipo ou não estiver em nenhum relacionamento)** marcar opção outro e indicar.

( )Namoro / Noivado ( ) União Estável ( ) Casado ( ) Outro:_____

( ) Não estou em nenhum relacionamento atualmente.

8. Indique o seu grau de religiosidade:

( )Nada religioso ( )Um pouco religioso ( ) Muito religioso

9. Indique qual a classe social você se considera:

( )Classe baixa ( )Média baixa ( ) Média ( )Média alta ( )Classe alta

10. Você consome algum tipo de bebida alcoólica?

( )Sim ( )Não

11- Com que frequência você consome bebidas alcoólicas durante a semana?

1 2 3 4 5 6 7

Obrigada pela colaboração!

Laboratório de Psicologia da Mídia

Anexo 4

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: VIOLÊNCIA ENTRE PARCEIROS INTIMOS E OS GATILHOS DA AGRESSÃO
Pesquisador: TAMYRES TOMAZ PAIVA
Área Temática:
Versão: 1
CAAE: 60905716.2.0000.5188
Instituição Proponente: Programa de Pós-graduação em Psicologia Social
Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.782.929

Apresentação do Projeto:
O projeto "VIOLÊNCIA ENTRE PARCEIROS INTIMOS E OS GATILHOS DA AGRESSÃO" da pesquisadora TAMYRES TOMAZ PAIVA trata-se de uma pesquisa de mestrado do Programa de Pós-graduação em Psicologia Social / Departamento de Psicologia / UFPB realizado sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Eduardo Pimentel.

MÉTODO

PARTICIPANTES:
"300 participantes de ambos os sexos (masculino e feminino), distribuídos da população geral e/ou estudantes universitários sem distinção de cor, sexualidade, cidade, sexualidade e nível socioeconômico, residentes na Grande João Pessoa."

Critérios de Inclusão:
"Ter acima dos 18 (dezoito) anos e ser capaz de compreender as instruções da pesquisa. Está (sic) em um relacionamento amoroso há mais de 2 meses."

Critérios de Exclusão:

Endereço: UNIVERSITARIO S/N
Bairro: CASTELO BRANCO **CEP:** 58.051-900
UF: PB **Município:** JOAO PESSOA
Telefone: (83)3216-7791 **Fax:** (83)3216-7791 **E-mail:** eticaccs@ccs.ufpb.br

"Ser menor de 18 (dezoito) anos. Não conseguir finalizar o questionário ou sentir algum desconforto no momento das respostas."

INSTRUMENTOS:
Estudo 1.
* Escala de violência entre parceiros íntimos construída por Lourenço e Baptista (2013)
* Escala de crenças no mundo injusto (UWS) validada por Pimentel, Maynart, Vieira, Mendonça e Santos (2012)
* Questionário dos valores básicos criado por Gouveia et al. (2008)
* Escala de personalidade traduzida por Pimentel, Ferreira, Vargas, Maynart e Mendonça (2014)

Estudo 2.
* Escala Adaptada de violência entre parceiros íntimos construída por Lourenço e Baptista (2013)
* Escala da Tríade Sombria criada por Jonason e Webster (2010)
* Teste de Associação Implícita (IAT)

CRONOGRAMA:
Período da coleta de dados: setembro/2016 a setembro/2017

Objetivo da Pesquisa:
OBJETIVO GERAL
* identificar os constructos dentre a literatura os construtos listados como preditora da violência e agressão, buscar-se-á por meio das medidas estatísticas o relacionamento dos construtos valores humanos, crenças no mundo injusto e personalidade, tríade sombria (narcisismo, psicopatia e maquiavelismo) com os comportamentos de violência entre parceiros íntimos na população geral.

OBJETIVO SECUNDÁRIO:
1.Verificar se os comportamentos na relação da violência entre parceiros íntimos possui correlação com as crenças, personalidade, valores humanos;
2. Identificar o nível de concordância através das diferenças de gênero se existe comportamentos de acordo com os fatores existentes da escala.
3.Correlacionar a violência entre parceiros íntimos com os traços de personalidade narcisista, psicopatia e maquiavelismo

4. Relacionar os adjetivos qualificativos e desqualificativos ao sexo exposto.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:
Aponta no a relação dos riscos e benefícios, resguardando os direitos éticos dos participantes da pesquisa.

RISCOS:
"Fadiga ou cansaço ao ler. "

BENEFÍCIOS:
"Os benefícios pautam -se em construir bases orientadoras de ações de planejamento de politicas públicas. Com isso, almeja-se que os resultados desta pesquisa sirva (sic) para nortear pesquisas posteriores replicado em outras regiões do Brasil."

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:
O presente projeto de pesquisa apresenta grande relevância social, acadêmica e científica. Também atende aos requisitos éticos de pesquisa com seres humanos.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:
O presente protocolo de pesquisa integra todos os termos de apresentação obrigatória, satisfazendo a legislação vigente (Resolução CNS 510/2016, Resolução CNS 466/2012 e a Norma Operacional CNS 01/2013)

A(O) pesquisador(a) apresentou

* FOLHA DE ROSTO, devidamente preenchida, assinada e carimbada.

* TCLE

* CERTIDÃO DE APROVAÇÃO PELA PÓS-GRADUAÇÃO

* CARTA DE ANUÊNCIA O LOCAL DA PESQUISA
CCHLA / UFPB

pesquisador(a) responsável deve anexar na Plataforma Brasil o relatório final, assim como os comprovantes de devolução/retorno para a população estudada.
Assim, recomendamos que seja inserido em seu cronograma esta etapa final após o encerramento da pesquisa.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:
Não possui pendências.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_797671.pdf	26/09/2016 22:00:27		Aceito
Folha de Rosto	folha1.pdf	26/09/2016 21:59:48	TAMYRES TOMAZ PAIVA	Aceito
Outros	carta.jpg	26/09/2016 21:57:10	TAMYRES TOMAZ PAIVA	Aceito
Outros	Escalas.docx	26/09/2016 21:56:47	TAMYRES TOMAZ PAIVA	Aceito
Outros	certidao.jpg	26/09/2016 21:56:27	TAMYRES TOMAZ PAIVA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto.docx	26/09/2016 21:55:54	TAMYRES TOMAZ PAIVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	26/09/2016 21:55:20	TAMYRES TOMAZ PAIVA	Aceito

Situação do Parecer:
Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:
Não

Endereço: UNIVERSITARIO S/N
Bairro: CASTELO BRANCO **CEP:** 58.051-900
UF: PB **Município:** JOAO PESSOA
Telefone: (83)3216-7791 **Fax:** (83)3216-7791 **E-mail:** eticaccs@ccs.ufpb.br